DAVID SLIKER

A FÚRIA DAS NAÇÕES

ORAÇÃO, PROMESSA E PODER
EM UMA ERA ANTICRISTÃ

Índice

PREFÁCIO
RECOMENDAÇÕES
INTRODUÇÃO
A IGREJA E A TEMPESTADE VINDOURA DE GLÓRIA
A JUSTIÇA DIVINA E A VOLTA DE JESUS
TRÊS TEMPESTADES QUE IRÃO MUDAR O MUNDO
A TEMPESTADE VINDOURA DE AVIVAMENTO
A TEMPESTADE VINDOURA DE FÚRIA
A TEMPESTADE VINDOURA DE TRANSTORNO POLÍTICO E ECONÔMICO
A IGREJA EM UMA ERA ANTICRISTÃ
O NASCIMENTODA NARRATIVA CULTURAL
A EXPRESSÃO MODERNA DA NARRATIVA CULTURAL
A PROMESSA DA IGREJA VITÓRIOSA
O CAMINHO DA VITÓRIA E DA REDENÇÃO
PREPARANDO A PRÓXIMA GERAÇÃO
LAMPARINAS ARDENTES E BRILHANTES
DIGNOS DA VOCAÇÃO
CONCLUSÃO
SOBRE O AUTOR
NOTAS

PREFÁCIO

Acredito que o livro que você tem em mãos será um dos livros mais importantes que você poderia ler nesse momento da história. Em um tempo em que muitos estão focados nas atuais crises, pressões financeiras e problemas pessoais, David Sliker produziu algo que pode nos ajudar a colocar nossos olhos no problema muito maior que está além dos problemas de hoje. Este problema envolve o ardente amor e a ardente pureza e santidade de Deus à medida que Ele busca se envolver com Sua Igreja e com o mundo perdido.

Muitos mestres falam sobre a bondade, a misericórdia e a compaixão do Senhor para conosco. Eu sou grato por essa mensagem fundamental e por aqueles que trabalham arduamente para ajudar as pessoas a enxergarem o coração amoroso de Jesus pelas pessoas. O que também é necessário neste momento da história é um ensino firme sobre o temor do Senhor e a Sua santidade em paralelo às mensagens de fé, esperança e amor. Isaías falou sobre ser fortalecido ao cultivar um temor por Deus e um maior entendimento sobre a beleza de Deus: “Ó Sião, no seu tempo haverá estabilidade, abundância de salvação, sabedoria e conhecimento. O temor do Senhor será o seu tesouro (...) Os olhos de vocês verão o rei na sua formosura” (Is 33:6, 17). Mais do que nunca, precisamos de todo o conselho e conhecimento de Deus para podermos permanecer com uma confiança inabalável e muita convicção, mesmo diante da crescente pressão que certamente virá pela frente.

As pessoas da modernidade têm pensado pouco sobre o dilema associado a um Deus santo invadindo um mundo quebrado, caído e rebelde. Entretanto, precisamos lidar com a dinâmica disruptiva do poder, julgamento temporal e zelo de Deus em remover tudo aquilo que impede o Seu amor pelo mundo. Raramente consideramos o desejo de Deus em querer fazer mais do que simplesmente nos abençoar agora e avaliar as nossas vidas

na era vindoura. Ele deseja não apenas nos remover para outro mundo além do véu, mas invadir e mudar o mundo que hoje habitamos. A colisão entre santo e não-santo — conforme um Deus radiante, puro e imaculado adentra o nosso mundo pecador — gera consequências sérias. Até onde eu sei, poucos escreveram sobre tais consequências e menos ainda estão chamando o corpo de Cristo a se preparar para a colisão desses dois mundos que está por vir.

Eu te peço, então, para ler este livro com um cuidado especial, e tire um tempo para fazê-lo em oração. Este é um livro que precisa ser levado em consideração além da mera curiosidade sobre o futuro e o que ele nos reserva. Ele contém verdades que precisam de reflexão e renovação de compromisso quando a corrida se tornar difícil e nos cansarmos em nossa "longa obediência na mesma direção", como escreveu Eugene Peterson.

Eu sou grato pelo trabalho do David de trazer esta mensagem à tona na atual conjuntura. Creio que as pressões atuais, por mais que sejam estranhas e desconfortáveis, são apenas o início de pressões ainda maiores que que virão. Por isso, é vital que o Corpo de Cristo viva com urgência à medida que consideramos os eventos que cercam a volta de Jesus, cultivando agora o fortalecimento espiritual em nossas vidas interiores para podermos lidar com o futuro de forma bem-sucedida e prosperar diante de maiores tentações e perseguições.

Sendo assim, esse tipo de livro e material de ensino é essencial para nos ajudar a conectar ideias e passagens da Bíblia nas quais não demos muito foco no passado. Estas ideias sempre estiveram nas Escrituras, mas fazem mais sentido para a geração que vivenciará o retorno do Senhor, porque conforme nos aproximamos do retorno do Senhor, as Escrituras proféticas e a narrativa redentora de Deus ficarão mais claras para nós. O grande presente da liderança do Espírito Santo como o Mestre que nos "guiará em toda a verdade.... e falará as coisas que irão acontecer" é o presente da clareza (Jo 16:13). Clareza e entendimento nos dão coragem e convicção para pressionar em direção aos planos e propósitos de Deus à medida que o mundo se torna mais incerto e difícil de lidar. Eu te encorajo a receber clareza sobre o plano de

Deus para o fim dos tempos e abraçar a coragem e a convicção que a acompanham, te levando a um estilo de vida de oração e jejum, busca por santidade e temor do Senhor – todas as coisas que nos equipam para desfrutar nosso destino pleno em Cristo, juntos.

Dito isso, precisamos de milhares de livros como este, com milhares de diferentes vozes do mundo inteiro liderando e trazendo clareza sobre a paixão e o propósito de Cristo nestes anos cruciais. Minha oração é que você se torne uma dessas vozes.

- Mike Bickle

Diretor da *International House of Prayer* - Kansas City

RECOMENDAÇÕES

◆◆◆

David Sliker é um homem que derramou sua vida em oração, estudando o fim dessa era. Esse não é um livro de sensacionalismo popular sobre o fim dos tempos; é uma fonte de genuína sabedoria apostólica para todos que tem ouvidos para ouvir e olhos para ver o que está por vir.

— JOEL RICHARDSON, escritor best-seller do New York Times e palestrante

David sempre foi um estudante e mestre da Palavra de muito entendimento, especialmente sobre o fim dos tempos. A Fúria das Nações te fará amar mais a liderança de Jesus e enxergar o sistema do mundo com a visão correta. Realmente precisamos de livros assim – junto com a nossa meditação e revelação diárias da Palavra de Deus – que nos permitirão responder bem, como igrejas, líderes e famílias, ao retorno do nosso Amado, que se aproxima.

— NETZ GÓMEZ, pastor sênior da Houses of Light Church; fundador da Northridge House of Prayer

Meu amigo David Sliker é uma das mentes mais brilhantes atualmente, quando se trata da profecia do fim dos tempos. Contemple a narrativa da glória de Deus derramada sobre a Igreja, nações se revoltando contra ela e os julgamentos de Deus sobre a rebelião. Saber para onde Ele está nos levando nos encoraja a viver para Ele hoje, de todo o coração.

— BOB SORGE, autor de Segredos do Lugar Secreto

Eu acredito que Salmos 2 é um dos capítulos mais importantes da Palavra de Deus para esse tempo. Em A Fúria das Nações, meu amigo David Sliker traz esse salmo para o levarmos em consideração e humildemente correspondermos a ele. Estamos adentrando um dos momentos mais gloriosos e intensos da história, e precisamos de ajuda para preparar nossos corações e mentes a fim de respondermos corretamente. Conheço e trabalho

com David Sliker há quinze anos, e acredito que esse livro, se for lido de joelhos, pode literalmente mudar a sua vida e te preparar para a próxima estação.

— COREY RUSSELL, escritor e preletor

Resista à tentação de pensar que este é só mais um livro que fala sobre o quanto nossa sociedade se tornou corrompida. Honestamente, não preciso que me digam novamente que as coisas estão se desmoronando. O que eu preciso, e encontrei neste excelente livro, é uma análise bíblica do que irá acontecer nos dias por vir. Com um entendimento incisivo da nossa atual circunstância e das promessas da Palavra de Deus sobre o futuro, Sliker traça um rumo para se seguir. Independente de nossa visão pessoal sobre escatologia bíblica, Sliker te desafiará a reexaminar suas expectativas sobre o que está por vir sobre o mundo antes da volta de Cristo, o Rei.

— DR. SAM STORMS, pastor líder de pregação e visão, Bridgeway Church

Um dos temas mais negligenciados em nossos púlpitos hoje é a volta do Senhor Jesus e as condições globais que a antecedem. Em *A Fúria das Nações*, David Sliker leva o leitor a uma jornada, esclarecendo sobre a seriedade desse momento e a confiança na resposta dos céus. Esse livro é altamente recomendado para qualquer um cujo coração clama ‘Maranata!’.

— LEE M. CUMMINGS, pastor sênior, Radiant Church; fundador da Radiant Network;

Este é um livro sério sobre um assunto sério escrito por um estudante sério da Palavra. Mesmo não podendo estabelecer datas para a volta do Senhor, sabemos que estamos vivendo em tempos de urgência, e esse livro foi desenvolvido com o fim de te equipar para ser um vencedor fundamentado na Palavra e empoderado pelo Espírito.

— DR. MICHAEL L. BROWN, apresentador do programa de rádio The Line of Fire;

David Sliker carrega uma mensagem sobre Jesus e os dias vindouros necessária para essa geração. Tenho o visto caminhar com integridade e

devoção à sua esposa e sua família de maneira tal que estas palavras publicadas em páginas têm a sua base no secreto. David ama o Deus sobre quem ele escreve, e sua paixão é pelo nome de Deus e a Sua glória. Ele consistentemente desafia os acomodados e confronta os quebrados – um pouco como Jesus, a quem ele nos aponta.

— SARA E. HAGERTY, autora best-seller de Every Bitter Thing Is Sweet, Adore e Invisível

Alguns chamam de teoria da conspiração. Meu amigo David Sliker chama de profecia bíblica. Forças tenebrosas e sinistras estão, agora mesmo, tendo influência, sob o disfarce do progresso humano e levando um mundo globalizado à rebelião contra Deus. Deus e Sua Igreja permanecem como o único obstáculo para o seu conluio. Por isso a fúria final de Satanás contra o Senhor e o Seu Ungido. Leia este livro, se prepare espiritualmente para os dias que estão se aproximando de nós e faça parte daquela Igreja glorificada que vence no fim da era.

— LOU ENGLE, presidente da Lou Engle Ministries; co-fundador The Call

David Sliker tem sido um querido amigo por mais de uma década. Ele é um dos homens mais ousados, dedicados e apaixonados da sua geração. Sou grato pelo seu comprometimento com o avanço do Reino e da glória de Deus. Tenho o visto estudar a Palavra de Deus, não só para obter informação, mas para conhecer o homem Jesus Cristo. Eu sei que o seu desejo para que a Igreja encontre a beleza de Deus, exibida no Seu plano do fim dos tempos e nos Seus julgamentos, está profundamente enraizado no amor. Creio que, à medida que você lê estas palavras e colhe das muitas horas de estudo e oração de David, seu coração será despertado para a beleza e o conhecimento de Deus.

— Brian Kim, fundador do Antioch Center for Training and Sending (ACTS)

Para Tracey, minha esposa.

Para você e nossos netos, para que nos dias por vir eles saiba para onde estamos indo, como chegamos aqui e o que precisamos fazer sobre isso.

INTRODUÇÃO

*N*ão é incomum para os ocidentais, em geral, pensarem sobre o futuro de forma egocêntrica. Os cristãos no Ocidente às vezes fazem o mesmo, utilizando palavras como destino e chamado e expressões como “ser quem eu fui criado para ser”, reduzindo o futuro a uma tela sobre a qual pintamos ambições pessoais. Dessa forma, quando pensamos sobre o futuro, podemos estar meramente sonhando com formas de escapar do marasmo de nossas vidas mundanas ao invés de termos o pensamento alinhado com a Bíblia. Muito do cristianismo ocidental moderno, por vezes, pode parecer ser sobre buscar maneiras de melhorar as circunstâncias e o conforto. Não queremos que seja dessa forma. Felizmente, temos um anseio pela eternidade dado por Deus que nos faz ansiar por algo maior do que apenas a superficialidade da cultura que nos cerca. Há algo mais profundo em nosso interior que deseja a permanência da era vindoura em contraste com a construção pecaminosa e quebrada do mundo, que está se esvaindo rapidamente.

Infelizmente (mesmo quando alguns exportam essa versão superficial de cristianismo para o resto do mundo), podemos não perceber que absorvemos uma construção cultural que não nos ajuda – que se distancia da visão bíblica do mundo. A Bíblia não promete uma vida livre de dor ou o fim de todo o sofrimento. Nunca foi dito nela que as coisas seriam sempre fáceis ou que nossas circunstâncias seriam sempre alegres durante nosso tempo na terra. A satisfação bíblica não vem de circunstâncias felizes. As bênçãos e os favores de Deus não se adequam à nossa definição cultural de uma vida ideal. Se nos apegarmos à cultura do otimismo egocêntrico disfarçado de uma esperança bíblica moderna, eventualmente, nos tornaremos desiludidos e cínicos, revirando os olhos em frustração pelo cansaço da vida diante do otimismo extremo proveniente do nosso idealismo descabido. Além disso, podemos nos tornar incapazes ou indispostos a depender da graça

e da ajuda do Espírito Santo, que será necessária nos dias difíceis que virão. Se não tomarmos cuidado, nosso positivismo cultural voltado à autoajuda pode dar início a uma conversa bem diferente daquela que o Pai quer ter conosco sobre o futuro.

Para a maioria de nós, pode não ocorrer que este tipo de pensamento egocêntrico é um fenômeno relativamente novo na história da humanidade. Os ocidentais são incomumente abençoados com abundância, ainda que sintamos no bolso o custo de vida. O simples fato de sonharmos com os carros que queremos comprar e as férias para as quais queremos economizar e as futuras casas que poderemos adquirir nos diferencia da grande maioria da população que nos antecedeu. Se as gerações passadas pudessem vislumbrar nossa vida diária e nossas ambições, pareceríamos pessoas de outro mundo.

Na verdade, a relativa novidade de nossas ideias ambiciosas deveria nos informar que nossas formas de pensar sobre o futuro não são exatamente bíblicas por natureza ou em sua origem. Majoritariamente, as pessoas que aparecem na Bíblia cresceram na mesma localidade e seguiram os negócios dos seus pais. Eles foram oprimidos por reis e impérios com exércitos poderosos e grandes riquezas. A Bíblia é para nós, mas não foi inicialmente escrita para ou sobre nós.

Ainda assim, é muito provável que estejamos na última geração antes do retorno do Senhor; a geração sobre a qual a Bíblia se refere com frequência no contexto da dinâmica singular que permeia o Seu retorno. Pode-se argumentar que muitos na nossa geração são pragmaticamente incapacitados e emocionalmente incapazes de enfrentar essa situação única de tribulação e glória com verdadeira fé e coragem. Mesmo assim, há muita esperança. A grande nuvem de testemunhas que o escritor de Hebreus menciona, aqueles que assistem os trabalhadores incansáveis de Jesus trazerem Sua Noiva à plenitude do seu destino, ficarão maravilhados ao verem a última geração antes do retorno do Senhor — aquela com tantas forças contrárias histórica, política, social e emocionalmente — produzir homens e mulheres de sólido calibre celestial. Quando chegarmos ao fim absoluto de nossa própria força, nossos dons, habilidades e recursos, Ele é capaz de realizar coisas

deslumbrantes para levar o Seu povo à plenitude do seu verdadeiro destino. Ele é a nossa esperança, e a Bíblia é toda sobre Ele.

A Bíblia nunca fala sobre a aptidão, os dons ou as habilidades de Jesus. Não sabemos o que Ele podia fazer com Sua própria força e com seu talento natural, além da carpintaria que Ele aprendeu com o Seu pai. Sabemos muito sobre Ele a partir das Escrituras, ainda assim, em termos modernos, não sabemos nada. Não sabemos qual era Seu perfil de personalidade, se tinha aptidão para administração ou como era Sua liderança coorporativa e o seu nível de produtividade. Meu ponto aqui não é questionar essas abordagens. Não tenho um problema com essas ferramentas; elas servem o seu propósito em relação à eficiência e crescimento de equipe. Eu estou interessado no contraste entre as coisas secundárias que nossa cultura enaltece como sendo os detalhes mais importantes e o que a Bíblia de fato diz. Por mais que dons e perfis de personalidade possam nos ajudar a realizar tarefas, a Bíblia quer enfatizar algo muito diferente e muito poderoso sobre o Homem de Nazaré. O que sabemos sobre Jesus?

Sabemos que Ele era e é o verdadeiro Apóstolo, Profeta, Mestre, Evangelista, Pastor e o legítimo Rei de Israel. A Bíblia nos conta mais sobre o Seu caráter, Seus atributos e atitudes e como Ele era, em termos bem humanos. O conhecemos mais, não como um homem de muitos dons, mas como o Homem da Cruz. Sabemos mais sobre como Ele ama. Sabemos como Ele serve. Sabemos que Ele está voltando. Ele é a expressão definitiva do potencial humano, esvaziado de si mesmo, tomado de paixão e amor ardente por Sua Noiva. Ele está comprometido em nos levar ao mesmo lugar, com o mesmo coração.

Ah, o Homem da Cruz! Aquele que definiu o que significa ser verdadeiramente humano e plenamente vivo, demonstrou a beleza do potencial humano como definido por Seu Pai. Ele era Aquele que fazia apenas o que via o Pai fazer; estava plenamente submetido à autoridade de Seu Pai (Jo 5:18-20). Aquele que está assentado como homem no lugar mais elevado em autoridade que um ser humano pode ocupar, como o Cordeiro que foi morto. Deus elevou ao lugar de maior autoridade Aquele que se rebaixou completamente; o homem mais humilde que já viveu recebeu o

lugar de maior poder. Este é um dos temas principais deste livro: o poder, e o que ele significa diante da redenção da humanidade pecadora e caída. A história da grande luta de poder entre Deus e a humanidade é uma narrativa antiga com um clímax futuro. O fato de sequer existir um conflito entre um Criador eterno, infinito, onipotente e Suas criaturas mortais nos diz tudo o que precisamos saber sobre Sua bondade, Sua misericórdia e Sua maravilhosa humildade. Também explica por que queremos que o conflito acabe para podermos estar com Ele e nos regozijarmos n'Ele e na Sua plenitude e glória para sempre.

Eu penso sobre onde estamos hoje e como chegamos aqui. Levo em consideração o que cremos e o que isso significa para o futuro. E penso sobre o quanto estamos despreparados.

Sempre que olho para a trajetória da história e da inevitável escalada do pecado e das trevas, da glória e da santidade, eu me lembro do único caminho a seguir. Devo olhar para Jesus muito mais do que olho para o mundo ao meu redor. Quanto mais o conheço e o amo, maior é a minha esperança. A urgência do momento requer que nos apeguemos às coisas que realmente importam, aquelas que a Bíblia chama de sábias e dignas do nosso tempo e energia. Enquanto isso, devo parar de justificar os debates e discussões banais e insignificantes que preenchem minha mente e competem pela mesma atenção.

Como lido com isso?

Posso discernir os tempos (ver Lc 12:56). Posso descobrir que vivo em dias de falsas promessas de um futuro brilhante duradouro, mesmo quando todas as evidências e a natureza humana declaram o contrário. Muito melhor do que a construção cultural do positivismo e do falso evangelho do maior e melhor, a beleza genuína de Jesus nos coloca na luta de toda uma vida para estar com Ele e verdadeiramente conhecê-lo, não importando o custo, as perdas ou a dor. Esse é o autêntico cristianismo histórico.

Como foi para as gerações passadas quando, em um instante, doenças, guerra e tribulações bateram à porta? Crises como essas devem ter transformado drasticamente o modo como passaram seus preciosos momentos restantes, porque uma crise dissipa rapidamente o mito de termos uma infinidade de tempo, o mito que

acreditamos quando somos jovens, ambiciosos e ignorantes sobre nosso verdadeiro futuro. Viver da forma que vivemos, debaixo de uma promessa cultural de um futuro brilhante duradouro (mesmo quando todas as evidências e a natureza humana declaram o contrário), nos faz predispostos ao positivismo e à busca pelo conforto e pela facilidade, e a esbanjar horas em coisas que não possuem significado e verdadeiro valor eterno. Ainda assim, Jesus nos ama profundamente e está completamente comprometido em nos ajudar a sair do nosso dilema cultural e adentrar a visão lúcida do Seu Reino de amor, misericórdia e oração.

Tenho pouquíssima influência sobre o mundo como um todo; meu maior impacto está no quanto da vida de Jesus eu me aproprio e passo para frente. A melhor herança que posso dar aos meus filhos e netos é o conhecimento de Deus. Diante do que está por vir, isso se tornou uma das minhas maiores prioridades. Com muita convicção e confiança, eu dependo da liderança de Cristo. Que eu possa responder de todo coração, sem medo ou hesitação, ao que quer que Ele faça.

Não quero tomar como exemplo o mundo que me cerca, por mais atrativo que seja. Como Jesus disse, o amor se esfriará nos dias por vir, e nações inteiras se enfurecerão contra o céu:

Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros. Muitos falsos profetas se levantarão e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a maldade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que ficar firme até o fim, esse será salvo.

Mateus 24:10-13

Por que se enfurecem as nações e os povos imaginam coisas vãs? Os reis da terra se levantam, e as autoridades conspiram contra o Senhor e contra o seu Ungido.

Salmos 2:1-2

Este livro é uma análise da fúria das nações direcionada à Igreja, ao plano de Deus de produzir uma Noiva madura no fim da era, e à nossa resposta justa— crescer em amor inabalável por Jesus. É sobre crer em Deus e responder a Ele em terno amor e amizade, se achegando a Ele para fortalecer nossos corações e

blindar nossas vidas das tribulações. Porém, por favor, note que estar blindado de tribulações não significa estar livre delas; significa estar cultivando corações obedientes que são direcionados pelo Governante legítimo de todas as nações.

Nossa cultura atual não acredita que isso seja importante. As pessoas fazem as coisas com as próprias mãos, levadas pelas suas próprias perspectivas e opiniões e não pela Palavra de Deus. Eu defendo que devemos aprender a olhar muito além das preocupações econômicas para benefício próprio ou dos esforços humanos para trazer justiça à terra. Também devemos adotar uma mentalidade sóbria que se beneficia da intensidade do que nos espera.

Minha esperança é que este livro seja o início de uma conversa sobre o que eu e você faremos hoje em relação ao que está por vir no amanhã.

Maranata! Vem, Senhor Jesus!

A IGREJA E A TEMPESTADE VINDOURA DE GLÓRIA

◆◆◆

Se Preparando Agora para se Engajar no Futuro

Três coisas estão por vir: grande glória através da Igreja, grande crise e abalo nas nações e grande julgamento do céu para remover tudo o que se enfurece contra o amor e a misericórdia de Jesus. Eu acredito que a Igreja, em sua maioria, está despreparada para o desdobramento destas três realidades espirituais.

Neste livro, quero examinar o atual estado da nossa cultura e sociedade e conectar isto com o lugar para onde vamos futuramente, como cristãos. Eu quero empoderar cristãos a adotarem um estilo de vida de preparação espiritual – a preparação do coração – para que possamos permanecer fortes e fiéis, plenamente participantes dos planos e propósitos de Deus para a Sua Igreja. Ao longo do caminho, irei discutir sobre uma premissa muito importante, a saber, quanto mais a glória e o agir de Deus são expressos através da Igreja em uma região geográfica, maior é a tribulação e o transtorno que vêm em seguida.

Quando líderes falam sobre o atual estado do mundo ocidental, vejo dois pontos de vista predominantes: um positivo e um negativo. Para alguns, a Igreja e as nações da terra estão se movendo em direção a um futuro brilhante, esperançoso e glorioso, e a tarefa posta diante da Igreja cheia de fé é de entrar no seu potencial pleno e engajar nas várias esferas e áreas da sociedade (talvez até conquistá-las) com o Evangelho. Para outros, estes são tempos muito difíceis e perigosos, cheios de injustiça e opressão, com um declínio moral, espiritual e cultural. Essas pessoas creem que a Igreja doutrinariamente sã deve defender a verdade, expor o engano

e preservar o que Deus tem estabelecido em nossa nação, e que a Igreja compassiva deve esquecer as suas antigas culturas e estruturas a fim de amar o perdido, cuidar dos fracos e oprimidos e se pronunciar como uma voz moderna em nome da justiça bíblica.

Cristãos jovens e velhos são atraídos pelo tipo de igreja que parece refletir quem eles querem ser e como querem engajar com o mundo. Em muitos casos, acham difícil encontrar uma expressão do cristianismo que alcance a fé, a verdade *e* o amor. Como é possível permanecer na verdade da Palavra de Deus, crendo em um futuro vitorioso n'Ele *e* andar em misericórdia e compaixão pelos perdidos (que tendem a distorcer a verdade, explorar os pobres ou oprimir os mais fracos, criando sua própria versão do futuro)? Para muitas pessoas, não está claro como a Igreja deveria se portar neste momento da história. A Igreja deveria defender a verdade? Deveria amar os perdidos? Deveria reformar a sociedade em torno de valores piedosos? É uma questão complexa de responder.

É difícil encontrar líderes e pregadores que contém a versão mais longa da narrativa que está sendo revelada em nossos dias: a de que Deus verdadeiramente está realizando coisas grandes e maravilhosas pelas nações, e que há evidências da Sua graça e do Seu poder um tanto únicas na história da Igreja. Ao mesmo tempo, o estado atual do mundo está ficando, indiscutivelmente, cada vez mais obscuro e anticristão. Esta crescente raiva e rejeição direcionadas à Igreja e aos cristãos deveria nos fazer ficar sóbrios e buscar por novos depósitos de graça, poder e coragem no Espírito. Precisamos entender *toda* a história – as partes positivas *e* as negativas – para confiar na liderança de Jesus independente das circunstâncias e pressões. Ouvir apenas a metade da história do que está acontecendo atualmente no mundo – como as coisas estão ótimas, ou como estão terríveis – é dar lugar a uma grande desilusão ou um grande desespero. Somente quando temos clareza sobre para onde a Bíblia diz que o mundo está indo e o que a Igreja deve fazer sobre isso é que podemos nos engajar com muita fé, com uma verdade vibrante e um amor apaixonado por Jesus e pelos outros e podemos nos preparar para a dinâmica do futuro.

Nós que somos a Igreja devemos nos achegar para ouvir com mais clareza o que o Espírito Santo está dizendo. Entretanto, é

provável que nunca houve na história uma era mais difícil para se ouvir do que esta. O barulho e o tráfego em nossas almas, as muitas vozes em discordância, as muitas agendas impulsionadas pela sede de poder e influência – tudo opera contra a habilidade do santo no mundo moderno de aquietar a sua alma e ouvir aos sussurros claros e belos do Espírito e da Palavra. Ouvi-lo claramente é a chave. De que outra maneira podemos nos preparar para a grande glória e grande crise que nos espera?

As forças agindo na cultura moderna servem para entorpecer o coração e enganar a mente, distraindo a Igreja do que realmente importa. Essa estratégia satânica desconecta a Igreja da fonte de toda a esperança e força, deixando um povo incapaz de responder ao que o Espírito está dizendo agora, despreparado para permanecer firme diante do que está por vir contra a Igreja. A consequência, de acordo com Jesus em Mateus 24 e Lucas 21, é grande engano ou profundo desespero, ou ambos. Porém, não precisamos temer. Pelo contrário, precisamos estar convictos para encontrar o caminho da sabedoria e da graça de Deus que está disponível a nós. Assim, podemos buscar com confiança o Seu coração e a Sua perspectiva para este momento da história.

Conforme adentramos um futuro incerto, uma das orações de Paulo nos ajuda a traçar a rota em direção ao entendimento, à confiança e ao amor inabalável:

E também faço esta oração: que o amor de vocês aumente mais e mais em conhecimento e toda a percepção, para que vocês aprovem as coisas excelentes e sejam sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo, cheios do fruto de justiça que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus.

Filipenses 1:9-11

Nosso objetivo neste momento da história, logo, o objetivo deste livro, é que o amor aumente em conhecimento e percepção, para que possamos focar com diligência e coragem nas coisas que importam para Deus. Fazendo isso, que sejamos sinceros (puros de coração) e sem nenhuma ofensa (em relação a Deus ou aos outros, até nossos inimigos) até que o vejamos em Seu retorno. O alvo do Evangelho é amar Jesus plenamente. Nosso crescimento no

conhecimento e na percepção de acordo com o amor significa que, ao longo dos anos, priorizamos as coisas que produzem mais amor por Ele em nossos corações. Nós “aprovamos as coisas excelentes” ao permanecermos com o que frutifica em amor por Jesus e rejeitarmos ou nos arrependermos dos comportamentos e da mentalidade que operam contra o amadurecimento do amor em nossos corações.

Política, Poder e Testemunho Profético

Uma das grandes questões enfrentadas pela Igreja hoje é a maneira que nós, como um povo, somos mais guiados por ideologias e emoções do que por teologia e devoção. Tanto a ideologia liberal quanto a conservadora criam narrativas sobre quem deveria ou não nos liderar e quais leis deveriam ou não nos governar. As pessoas tendem a um lado e discutem em sua defesa, usando o medo como uma ferramenta poderosa para motivar a fidelidade a fim de adquirir e manter o poder. Por que as pessoas fazem isso? Acredito que venha de uma grande falta de intimidade com Jesus, junto com um entendimento superficial das Escrituras. Essas deficiências pressionam os cristãos a se contentarem com substitutos políticos e ideológicos, à medida que buscam ter o controle sobre a sua qualidade de vida.

Para dizer em outras palavras: os cristãos no Ocidente têm dificuldade com o sentimento de impotência em diferentes níveis, portanto lidam com diferentes níveis de ira dentro do contexto atual e com o medo em relação ao futuro desconhecido. Isso faz com que muitos cristãos no mundo ocidental moderno vejam a política e o governo humano como o verdadeiro centro do poder para mudanças sociais impactantes ou como um meio para a sua libertação cultural. Eles não veem como Deus reveste os seus santos de poder através da oração, pela qual os cristãos se distanciam dos poderes desse mundo a fim de se conectar com o único Poder que reina sobre o mundo. Eles não valorizam o modo que Deus pode invadir com Seu poder através de Sua Igreja para influenciar um mundo quebrado, com necessidade de cura e restauração.

Os cristãos deveriam caminhar em liberdade e graça, empoderados para viver uma vida da mais alta qualidade. As circunstâncias difíceis, os governos opressores, as leis ímpias, os comerciantes oportunistas e o pecado sistêmico causam pouco impacto no cristão que possui um coração livre, submetido a outro Rei e ao Seu glorioso Reino. Como cidadãos de uma pátria celestial, fomos colocados como embaixadores e representantes do nosso Rei, testemunhas da Sua beleza e liderança perfeita. Deveríamos proclamar a bondade e a superioridade do Seu amor e da Sua liderança, pois ela frutifica nossa vida interior. Deveríamos possuir algo glorioso e belo dentro de nós que o mundo não pode tocar, corromper ou roubar; deveríamos exibir esta bela santidade para o mundo que nos cerca e atrair todos os homens ao nosso justo Rei.

Sendo assim, não queremos ser partidários. Queremos ser *proféticos*. Ser profético em uma era de poder ímpio, corrupto e opressor é se recusar a escolher lados. Ao invés disso, esperamos reconciliar as inúmeras facções sociais à cruz de Cristo e convocamos todas elas a considerarem a Sua implacável e controversa justiça misericordiosa.

Isso não significa que a Igreja deve ser apolítica ou politicamente agnóstica. Pelo contrário, a Igreja é, por natureza, uma instituição política, parte de um Reino celestial sob o governo de um Rei judeu. A Igreja e seus membros expressam pontos de vista políticos e fortes desejos em relação aos tipos de lei sob as quais queremos ser governados. Ainda assim, a Igreja não é apenas da esquerda, da direita, conservadora ou progressista. A Igreja é bíblica, leal à Palavra de Deus e submetida à liderança do seu Rei. Logo, nossa política deve refletir as leis, o coração e a ética d'Ele. Nossa política está conectada com as promessas bíblicas nas quais posicionamos nosso coração e buscamos em oração. Trabalhamos para avançar Seu Reino por meio de boas obras e pelo poder do Espírito Santo.

Sendo assim, cristãos buscam um fim *bem* político: o estabelecimento e a expressão plena do Reino de Deus na terra, em todas as nações, incluindo e empoderando todas as tribos e línguas. Não buscamos um fim conservador, nem um fim progressivo-liberal. Nosso desejo é que o Reino de Jesus venha e a Sua vontade seja

feita aqui na terra assim como ela é expressa nos céus (ver Mt 6:10). Logo, a essência do “espírito de profecia” sobre o qual João fala em Apocalipse 19:10 é chamar todos os lados, tribos e nações ao arrependimento e à submissão ao amor e à liderança de Jesus, enquanto testemunham a sua bondade e glória.

Sabemos que isso é verdade, ainda assim, a incerteza e inquietação em relação às pressões e aos problemas do momento tendem a nos fazer desviar o curso. Queremos estar conectados à presença, pessoa e ao poder de Jesus, mas frequentemente nos encontramos à deriva e frustrados, nos perguntando o que está acontecendo no mundo e por quê. Respostas ideológicas provenientes de partidos políticos que se alinham parcialmente com nossos valores e visões trazem um aparente conforto. Ficamos parcialmente satisfeitos e ganhamos certa força do fato de existirem muitas pessoas por aí que concordam conosco.

Mas o caminho a se seguir não está na concordância com outros, mas na medida em que conseguimos nos arrepender e nos humilhar para concordar com Jesus e a Sua Palavra. Como declarou Paulo, “Não há justo, nem um sequer” (Rm 3:10). A jornada para sair da insegurança, do medo e da aflição em direção a uma confiança duradoura no amor e na liderança de Jesus, que estabiliza nossas vidas e assegura nosso futuro, começa com um simples reconhecimento: apenas Um está completamente certo, de todo o jeito, possuindo toda a verdade. Todos os outros estão bem distantes da retidão perfeita dos seus caminhos. Somente em Deus e na Sua Palavra pode-se encontrar toda a verdade – bem como todo o desdobramento da história.

Encontrando Respostas em Meio a Tempestade

Ao longo dos anos, estive com alunos de faculdade, pais e líderes discutindo sobre os acontecimentos atuais e as questões do momento. Descobri que muitos deles estão perplexos e frustrados, em busca de algo. Com uma crescente raiva impulsionada pela inquietação diante da estranheza de tudo o que está acontecendo no mundo hoje, eles buscam por respostas. O que está acontecendo? Por que está acontecendo? O que tudo isso significa?

O ruído na Internet, em nossas televisões e nossos celulares nos bombardeia com um coro contínuo de fúria, medo, opiniões e "respostas" vindo de todos os lados. Tais respostas carregam um elemento sedutor, aparentemente gratificante, na sua rapidez. Elas vêm em forma de uma declaração rápida, um "te peguei", no qual a tolice e hipocrisia dos argumentos contrários são expostos, mesmo que, às vezes, em meio a gritos. Por suprir nossa necessidade de uma resposta imediata, catártica e gratificante, as vozes barulhentas e arrogantes, que dizem o que as pessoas querem ouvir, ganham uma grande e absurda quantidade de seguidores, e ganham muito rápido.

Alguns dentro da Igreja têm se utilizado disso, por diversos meios e metodologias. Há uma ciência no *marketing* e na construção de uma quantidade de seguidores que é um tanto fácil de aprender e de colocar em prática. Por isso, líderes cristãos aprenderam como estar à frente ou logo atrás do assunto do momento. Eles agora imitam as vozes seculares que construíram tribos ideológicas e filosóficas que seguem cada palavra sua e usam suas respostas como munição para ganhar o debate mais recente da cultura. Eles aprendem e copiam. Agora, eles também têm respostas. De certa forma, isso parece ter surgido de uma lenta progressão, mas também de uma mudança brusca. As tribos filosóficas formaram vieses políticos e ideológicos que têm variações de uma mesma resposta, feitas sob medida para o grupo que os ouve. De dentro da Igreja e fora dela, o fluxo diário de respostas, sacadas inteligentes e frases motivacionais banalizadas preenchem o ambiente e entulham nossas almas cansadas.

O problema é que as respostas de hoje podem parecer imediatamente satisfatórias para a alma atribulada, mas nunca levam à satisfação plena. O alívio imediato que elas parecem nos trazer não resolve nenhum problema ou não possui nenhum tipo de permanência. Os paradigmas não são transformados, corações não são convencidos e, na verdade, e há pouquíssimo crescimento ou progresso genuíno como resultado. As respostas inteligentes dos especialistas, das personalidades e das vozes não fazem muito mais do que gerar concordâncias com a cabeça, embora possam incitar uma nova revolta, às vezes até inspirar uma campanha

temporária que parece de extrema importância hoje, mas é rapidamente esquecida amanhã.

Qual é o caminho mais excelente? As Escrituras a consideram mais valiosa que o ouro e nos dizem que, quando adquirida, tem mais poder e potência do que uma mera declaração resumida poderia trazer ao coração humano. É o caminho da sabedoria, sobre o qual Salomão nos advertiu tão bem no segundo capítulo do livro de Provérbios: respostas são efêmeras, mas a sabedoria é uma rocha estável que nos preservará, protegerá e livrará do caminho do mal (ver Pv 2:10-12). Precisamos de *sabedoria*. A sabedoria vinda de Deus é o recurso mais sagrado e necessário hoje.

A Forma Lenta e Constante de Conquistar o Futuro

O motivo que pode ter te levado a ler este livro é que você está buscando por respostas verdadeiras em um mundo cheio de respostas insatisfatórias ou insuficientes. Espero que este livro sirva como a pequena peça de uma jornada muito maior que não envolva aforismas, dizeres banais ou discussões ideológicas. Quero substituir estes com a sabedoria da Palavra de Deus, relacionando-a ao nosso atual contexto social. Na sabedoria de Deus podemos encontrar o que precisamos, enquanto preparamos nossos corações, nossas vidas e nossas famílias para o futuro.

Entretanto, há um grande problema associado à aquisição de sabedoria. Não é fácil e não é rápido. De acordo com Salomão, a sabedoria, tão crucial para a preservação de nossos corações e nossas vidas, tem um preço. Devemos nos esforçar para alcançá-la. Devemos dar ouvidos e inclinar nossos corações em busca da sabedoria e entendimento enquanto, simultaneamente, clamamos e levantamos nossas vozes ao Senhor (ver Pv 2:2-3). O apóstolo Paulo falou sobre isso em relação ao que ele chama de “espírito de sabedoria e revelação no pleno conhecimento dele” (Ef 1:17). Paulo orava fervorosamente e continuamente por essa obra da graça do Espírito Santo na vida dos cristãos dos seus dias. A sabedoria é a recompensa, e haverá grandes bênçãos na vida daquele que busca um profundo entendimento de Deus, Seus caminhos e Seu coração.

Ao longo dos anos, aprendi sobre a gloriosa lógica divina por trás do tempo que leva e do tanto que custa para adquirir a sabedoria do céu. As respostas que vêm do mundo ao nosso redor são tão facilmente obtidas que não lhes damos muito valor e muito menos tempo para refletir sobre elas. Elas podem nos abençoar no momento, mas nunca realmente tocam ou transformam nossos corações. Elas têm pouco ou nenhum poder para formar nosso entendimento ou nos convencer a nos voltarmos para o Senhor. Respostas fáceis costumam confirmar o que já sabemos ou dão linguagem para o que já acreditamos. Colocando de forma mais negativa, elas podem nos dar uma falsa coragem para continuarmos com um pensamento errado. Em linguagem paulina, elas satisfazem as “coceiras nos ouvidos” com sons agradáveis que não significam nada no que diz respeito ao nosso chamado eterno em Deus (2 Tm 4:2-4).

A sabedoria é diferente. Significa remodelar nosso entendimento e nossa perspectiva. A sabedoria serve para fortalecer e aquecer nossos corações fracos, apáticos, distraídos e desconectados ao nos mostrar uma forma melhor de pensar e agir, ao mesmo tempo em que nos mostra – gentilmente, porém firmemente – nossos pensamentos equivocados, nossa falta de perspectiva e nossos comportamentos desnecessários. Não é fácil. Ao longo do tempo, ficamos acomodados com nossos pensamentos e comportamentos, e permanecemos inconscientes do quão imprestáveis podem ser nossos padrões no cotidiano. A lentidão do processo de buscar e adquirir a sabedoria foi estabelecida, pela bondade Deus, como a melhor forma de nos ajudar a adquirir o tipo de entendimento que muda mentes e corações. A sabedoria que foi edificada em nós lenta e constantemente permanece, e gera frutos duradouros em nossas vidas.

Há um forte componente de oração na aquisição da sabedoria; vemos isso tanto no apelo de Salomão quanto na grande oração apostólica de Paulo. Isso serve para nos lembrar de que a fonte última de sabedoria é o nosso Deus, cheio de graça e misericórdia. A sabedoria não é algo que podemos merecer, apesar de precisarmos nos esforçar determinadamente nessa busca árdua.

Descobri que a grande tentação diante de todo homem e mulher é a tentação de adquirir sabedoria por meio da leitura dos livros “certos” e de engajar com os nossos mestres e pregadores preferidos. Em outras palavras, somos tentados a adquirir sabedoria o mais rápido possível pelos mesmos meios onde buscamos as respostas rápidas. Sendo assim, Deus retém a sabedoria até que a busquemos por meio d’Ele e somente n’Ele, buscando continuamente em oração e até jejum, esperando Ele suprir nossas mentes e corações com sabedoria. Ele nunca será conhecido e entendido da maneira rápida, fácil e barata, similar a como as pessoas da modernidade interagem com o mundo. Ele não nos concederá o rico e extravagante dom da sabedoria “na correria”, mas depois um longo tempo, no contexto de um relacionamento íntimo com Ele.

Depois, conforme vemos o impacto em nossas vidas, começamos a valorizar a sabedoria e, como resultado, buscar a Deus e pedir por mais.

Por isso, o objetivo desse livro é te servir, fundamentando o seu coração e sua mente em perspectivas e ideias bíblicas que te deixarão, ao longo do tempo e depois de muita oração e diálogo com o Senhor, posicionado para crescer em entendimento e preparação pessoal para os dias nos quais estamos vivendo. Esse livro não é a última palavra sobre os assuntos aqui apresentados, mas meramente o início de uma longa, amorosa e persistente conversa com o Senhor sobre eles.

Qualquer um pode escrever sobre e dar respostas para o atual estado do mundo, e muitas, muitas obras já servem esse propósito. Meu objetivo é a aquisição e a aplicação da sabedoria de Cristo.

Preparação para a Volta de Jesus

Não é comum ouvir sobre como a Igreja deveria se preparar para a volta de Jesus. Muito mais comum é a ideia de que a Sua volta é algo que simplesmente acontece conosco e com o mundo. Seguindo essa linha de pensamento, nós devemos viver nossas vidas como cristãos normais, piedosos e responsáveis até tudo

acontecer de repente. Depois, em um momento, tudo será gloriosamente diferente no mundo.

Jesus, nos evangelhos, falou sobre a Sua volta em termos mais ativos; Ele falou sobre vigiar, orar e resistir (ver Lc 21:34-36). O apóstolo Paulo usou uma linguagem similar ao chamar os cristãos para se prepararem para o dia do Senhor com vigilância sóbria e mantendo uma mentalidade correta (1 Ts 5:1-10). Nosso objetivo final, como cristãos que estão buscando se engajar no futuro com sabedoria, é crescer em nossa capacidade de amar bem a Deus. Não será fácil. Jesus nos alertou que nosso amor se esfriaria. A lealdade à verdade, a fé confiante e a esperança pelo futuro são muito importantes. Entretanto, o amor é a nossa maior, portanto a mais alta, prioridade nessa vida.

Acredito que a Igreja tem um futuro grandioso, glorioso e vitorioso à sua frente. Um ensino apropriado sobre o fim dos tempos e a volta de Jesus não deveria gerar medo em nós. Ao contrário, deveria gerar esperança, fascínio e confiança na liderança de Jesus e na beleza da Sua Noiva do fim dos tempos. A certeza da nossa vitória deveria estar saturada com uma seriedade não-sentimental, destituída de positivismo humano, que ignora ou minimiza as dimensões negativas dos dias que virão. Se preparar para a volta de Jesus inclui uma medida de preparação para resistir ao que está por vir, o que diz respeito à fidelidade permanente e um coração firme e sem ofensa. Nós cristãos resistimos às tempestades da vida e aos abalos do nosso mundo através da nossa busca diligente pela vida de Deus que flui em nosso interior, lutando para permanecer nos lugares mais profundos da verdadeira alegria encontrada no coração de Jesus. Nós nos apegamos a Ele para edificarmos uma vida inabalável enraizada em Seu amor.

Outro motivo de precisar estudar e entender esse assunto – com oração, jejum e persistência – diz respeito à nossa responsabilidade e nosso papel de ajudar outros a prepararem seus corações e suas vidas para a intensidade dos dias que virão. O futuro será esperançoso, glorioso e extremamente difícil. Não é compatível com o paradigma ocidental imaginar que algo pode ser extremamente difícil e exacerbadamente alegre. Entretanto, este é o futuro que a Bíblia nos apresenta: um futuro no qual os melhores

dias da Igreja estão por vir (em avivamento, sob a autoridade do Seu Espírito Santo, com sinais, maravilhas e muita, muita salvação), mas um futuro em que os dias mais difíceis de perseguição, dor e provação globais também nos esperam.

A Igreja será gloriosa e poderosa ao mesmo tempo que a humanidade estará em rebelião total e irrestrita contra o seu Criador. Em outras palavras, tanto a Igreja e a humanidade caída estarão no ápice do seu respectivo poder, seja em amor maduro por Deus ou em extremo amor por si mesmo. Durante os dias que antecedem o Seu glorioso retorno, nosso papel é duplo: ajudar a preparar a Igreja e levar os corações das nações a Jesus.

No que diz respeito à aquisição da sabedoria, não só precisamos de uma estrutura apropriada para entender as Escrituras, como também precisamos retomar a prática da "leitura oracional" das Escrituras enquanto a estudamos. Não queremos apenas nos contentar com um entendimento sobre o significado das Escrituras, queremos que esse entendimento seja informativo para nossa vida de oração e nosso diálogo contínuo com o Senhor. Queremos alinhar nossos corações com a verdade da Palavra de Deus, permitindo que as passagens que estamos lendo nos causem inquietação e nos despertem profundamente. Queremos ler uma passagem, parar e pedir a Jesus por mais entendimento e clareza. Em Efésios 1:17, isso é chamado de espírito de sabedoria e revelação. Estamos pedindo para o Espírito brilhar a Sua luz na Palavra de Deus para que ela se torne mais clara e mais bela, atraindo nossos corações e mentes.

Acrescentamos a isso o espírito de revelação, pedindo que o Espírito nos dê uma aplicação clara da verdade. Conhecer verdadeiramente a Bíblia é obedecê-la. Como caminhar com amor e lealdade, em obediência à verdade que o Espírito nos ajudou a entender? Como é amar a Jesus obedecendo os Seus mandamentos?

Em oração, enquanto estudamos a Palavra de Deus, fazemos o que Jonathan Edwards chamou de resoluções, comprometimentos para seguir a Jesus de maneiras específicas feitos com firme ternura, que com o tempo, se tornam preciosos para nós. A Palavra de Deus é viva e eficaz (ver Hb 4:12). Portanto, queremos ler, nos

arrepender e responder continuamente ao que ela diz e não desenvolver o hábito da leitura passiva, como se a Bíblia fosse feita de meras histórias desconectadas.

A Bíblia e a verdade da Palavra de Deus são o meio favorito do Espírito Santo para interagir com nossas vidas. Sempre que abrimos nossas Bíblias, posicionamos nossas vidas para um novo encontro com o Espírito, que infunde aquele Livro ativamente com a vida e graça. Orar e cantar as Escrituras é permitir que ela remodele nosso mais profundo ser. Nos submetemos em amor até mesmo às verdades difíceis e desafiadoras, desde que possamos falar sobre elas com Jesus frequentemente.

Posicione e Prepare o Seu Coração

Como posicionamos e preparamos nossos corações para os dias que virão? Essa é a questão central desse livro.

O cristão moderno tem acesso a mais informação sobre a condição humana, sobre opiniões humanas e eventos globais do que em qualquer outro momento na história. O que as Escrituras têm a dizer sobre essas coisas? Isso é o que quero examinar nesse livro. Estou trabalhando com uma simples premissa: mesmo que ainda não tenhamos chegado ao destino sobre o qual a Bíblia nos alerta, a trajetória das tendências atuais pode estar facilmente conectada a esse fim. Mas nem sempre foi o caso. Nos encontramos no momento mais assombroso e explosivo na história da redenção, um momento como nenhum outro que já existiu. Portanto, precisamos preparar nossos corações e nossas vidas ativamente para engajar com a liderança de Jesus com empolgação e alegria em meio à fúria e rejeição da Sua liderança por parte de pessoas pecadoras e rebeldes.

Alguns irão discordar dessa opinião. Eles não conseguem se alinhar a esse modelo de se relacionar com o mundo que nos cerca. Afirmam: “Estamos no fim dos tempos há milhares de anos” ou “Todos sempre acreditaram que viviam no fim dos tempos”. Nenhuma dessas alegações são verdadeiras.

A primeira declaração, baseada na ideia de que os apóstolos pensavam que estavam no tempo do fim ou que ele teve início em seus dias, é verdade até certo ponto, porém sem comunicar toda a

história. Os apóstolos entendiam que a cruz e a ressurreição de Jesus Cristo, o aspecto central de nossa fé cristã e o momento mais importante de toda a história da humanidade, teria dado início ao "tempo do fim" e o retorno de Jesus para estabelecer justiça, retidão, paz e a plenitude do Seu Reino. Contudo, eles também falavam sobre dinâmicas sociológicas, sociais, morais e espirituais que seriam unicamente para o futuro, para um tempo mais próximo da volta de Jesus. Eles falaram exaustivamente sobre as dinâmicas e circunstâncias únicas que acompanham o tempo da volta de Jesus. O momento sobre o qual eles (e os profetas) falaram lembra mais a nossa era da história do que a deles.

A segunda declaração, que comunica a ideia de que a Igreja sempre acreditou que o retorno de Jesus estava próximo, é falsa em seus fatos. Temos um registro bem claro do que a Igreja acreditou e ensinou em cada era ao longo da história da Igreja. Podemos ler os escritos dos pais da Igreja, documentos detalhados de vários concílios da Igreja, diários pessoais e seminários que formaram a fé dos primeiros cristãos católicos, ortodoxos e protestantes. Eles nos dão uma noção das visões deles a respeito da volta de Jesus e o lugar deles nessa história. Ademais, o fato de muitos cristãos na Igreja moderna se preocuparem tanto com a linha do tempo da volta de Jesus e os escritos proféticos sobre o assunto é em si um sinal do tempo em que vivemos.

Essas declarações revelam uma mentalidade que está consciente ou inconscientemente se esforçando para manter esses eventos a uma distância segura de nossas vidas. É muito fácil tratar as Escrituras proféticas como as fábulas de Camelot, como eventos de terras distantes que não tem nada a ver com nossa vida cotidiana. Não é difícil fazer vista grossa para os muitos trechos das Escrituras que enfatizam a importância dos sinais proféticos no fim dos tempos, apesar de Jesus ter ensinado mais do que qualquer apóstolo sobre nossa necessidade de discernir os tempos, e ter repreendido severamente aqueles que não prestam atenção nos sinais proféticos que apontam para a Sua vinda.

Deus prometeu dar sinais proféticos na geração da volta do Senhor como uma expressão da Sua misericórdia, para que as pessoas pudessem fazer as preparações necessárias para o que

está por vir. Os sinais proféticos servem a Igreja da mesma forma que uma estação meteorológica sinaliza os eventuais problemas para que as pessoas se preparem e sejam salvas. Reveja o que Jesus disse:

“— Aprendam a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, vocês sabem que o verão está próximo. Assim, também vocês, quando virem todas estas coisas, saibam que está próximo, às portas. Em verdade lhes digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.

— Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai. Pois assim como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Pois assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem. Então dois estarão no campo: um será levado, e o outro será deixado; duas mulheres estarão trabalhando num moinho: uma será levada, e a outra será deixada.

— Portanto, vigiem, porque vocês não sabem em que dia virá o Senhor de vocês. Porém, considerem isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que a sua casa fosse arrombada. Por isso, estejam também vocês preparados, porque o Filho do Homem virá à hora em que vocês menos esperam.”

Mateus 24:32-44

“Portanto, vigiem o tempo todo, orando, para que vocês possam escapar de todas essas coisas que têm de acontecer e para que possam estar em pé na presença do Filho do
Homem.”

Lucas 21:36

Veja como Jesus nos ordena a saber em qual geração ele irá voltar, e como Ele nos pede para prestar atenção aos sinais e

indicadores que apontam para o Seu retorno, vigiando e orando em resposta a eles.

Levar as ordens de Jesus à sério inicia um processo no qual começamos a pensar sobre o mundo ao nosso redor diferentemente. Nós começamos a pensar além dos eventos imediatos que nos impactam diretamente como indivíduos. Começamos a enxergar as tendências das Escrituras progredindo à nossa volta, em direção ao fim determinado descrito nas Escrituras. Começamos a processar o que Martin Luther King Jr. descreveu, em 1967, como o "arco do universo moral" e sua inclinação, que ele disse ser "em direção a justiça"[1] (citando um abolicionista chamado Theodore Parker, que disse algo similar em 1853).

Conforme observamos e entendemos os sinais dos tempos em que vivemos, ganhamos clareza em relação a situação do presente, bem como confiança sobre o futuro. Começamos a enxergar as duas tramas da história conforme elas se desdobram e irão se desdobrar. Existe o rumo que as pessoas tomam levando em consideração seu desejo de construir um mundo sem o Deus de Israel e o Seu Rei eleito, nosso Messias. A outra trama aparece, em sua maioria, despercebida pelos mortais em rebelião contra Deus, e tem a ver com Sua liderança na história e Seu plano para a redenção e restauração do mundo.

Tanto Deus quanto humanos pecadores possuem um fim desejado para o curso da história e das nações da terra. Enxergar ambos os finais nos empodera a batalhar em oração e fé pelo fim desejado por Deus, e permanecer firme contra a onda da melhor tentativa da humanidade de alcançar o seu fim desejado.

Levar a sério os mandamentos de Jesus nos ajuda a enxergar o que não somos necessariamente levados a enxergar enquanto nossa vida pequena, ordinária e egocêntrica acontece. Sem perceber, não conseguimos ver além de nós mesmos e dos pequenos desejos para nosso futuro imediato. Não é fácil ou confortável para nós nos distanciarmos por um momento e permitir que nosso olhar vá além de nós mesmos para termos a visão geral sobre o que Deus e as pessoas da terra estão fazendo.

Temos a tendência de procrastinar o esforço de ter disciplina financeira, fazer exercícios, dietas e outras disciplinas rigorosas. Da

mesma forma, escolhemos acreditar que a volta de Jesus não tem relação com nossas vidas cotidianas e que não precisamos nos preocupar com isso. Ao mesmo tempo, não temos nenhum contexto ou panorama mais abrangente que nos ajude a entender os eventos que estão se desenvolvendo à nossa volta, nenhuma ligação com a liderança global e abrangente de Deus sobre a qual posicionamos nossos corações com fé e esperança. Temos poucas respostas para dar àqueles que as buscam, tanto dentro da Igreja quanto fora dela. Conseguimos apenas evangelizar os outros para nosso agnosticismo desconectado e egocêntrico, no que diz respeito aos eventos do fim dessa era.

Fomos criados para muito mais.

O Criador dos céus e da terra queima com um profundo desejo pela nossa parceria e participação em Seus planos e propósitos soberanos. Entrar em parceria com Deus começa com crer em Deus. Nosso maior obstáculo na preparação pelas coisas que estão por vir, no se engajar com os planos e propósitos de Deus em nossa geração, é o fato de simplesmente não crermos que precisamos fazer isso. Não acreditamos que estamos realmente no fim da era e que a volta de Jesus é algo a ser levado em consideração.

Um soldado se engaja no treinamento básico com um nível de intensidade diferente quando ele realmente acredita que está prestes a ir à guerra. Como cristãos, estamos em uma guerra real, agora mesmo, e estamos confusos sobre o motivo de haver muito mais casualidades à nossa volta do que havia alguns anos atrás. A situação ao nosso redor está se intensificando, a narrativa cultural contrária a Deus e à Sua Palavra está mudando notavelmente. A atmosfera espiritual da terra parece estar a cada dia se tornando mais tóxica e aceitando um espírito anticristão, e ainda assim, cada vez menos nos engajamos com nossa fé em Cristo e o poder do Espírito Santo. Nossos cultos estão mais rápidos, nossas mensagens mais superficiais, falando menos sobre Jesus e a Bíblia e mais sobre princípios práticos da vida. Como líder no corpo de Cristo, estou profundamente incomodado pela incapacidade de tantos cristãos de se posicionarem contra a onda dos acontecimentos atuais, sem mencionar sua despreocupação em

relação ao aumento da maldade nos dias que virão — espiritualmente, culturalmente, politicamente e economicamente.

Posicionar nossos corações e vidas para os dias que virão significa crer que estamos em um conflito espiritual real, que exige escolhas que nos custam algo. Devemos aprender como permanecer em Cristo genuinamente e não nos contentarmos com um culto semanal na igreja e uma vida ocupada com pouco sacrifício e ainda menos afeição verdadeira por Jesus e Sua Palavra. Precisamos reconhecer que os dias estão escurecendo conforme as pessoas crescem em fúria e na rejeição de Deus e do Seu Filho. Nossa conclusão sensata deveria levar em consideração o que a Bíblia diz com um zelo renovado e despertado por conta de tudo o que nos é pedido como cristãos, para prosperarmos e vivermos vitoriosamente diante do dia mau que se aproxima.

Preparação para Prevalecer: O Justo Viverá Pela Fé

Meu último ponto no estabelecimento da trajetória deste livro é o seguinte: para entendermos o futuro e nos prepararmos espiritualmente para ele, precisamos entender o que significa caminhar na plenitude daquilo que o Senhor nos criou para ser. Nosso futuro foi feito para derrotarmos o mal, triunfarmos sobre nossos inimigos, caminharmos em vitória e plenitude, na vida e poder do Espírito Santo, e vermos exibições deslumbrantes do poder de Deus em meio às circunstâncias quase que impossíveis. Nossa história não deve ser sobre sermos derrotados pelo mundo, atingidos pelo mal ou nos perdermos no caminho, confusos e desiludidos. Como dito anteriormente, não temos que ter medo do futuro. Na verdade, a única forma de um cristão ter medo do futuro é ser surpreendido por ele e estar despreparado para enfrentá-lo.

Os melhores dias da Igreja realmente estão adiante de todos nós. A longa jornada ascendente da Noiva de Cristo ao longo dos séculos tem um grande ápice que chocará o mundo inteiro. O destino da Noiva de Cristo, globalmente, é o amor maduro, a dedicação, a beleza e a autoridade à medida que o Espírito termina a boa obra que está realizando nela. É sempre certo que os planos

de Jesus à nível global acontecerão. Graça ilimitada está disponível para usarmos enquanto caminhamos por esses dias escuros que virão, apesar de nossa vitória futura depender da nossa resposta individual como cristãos à graça disponível de Deus.

O profeta Habacuque e, mais tarde, o apóstolo Paulo declararam que “o justo viverá pela fé” (ver Hc 2:4; Rm 1:17). Essa declaração significa que Deus fará o que fizer, mas que nos beneficiamos da Sua atividade soberana e Sua graça na medida que respondemos em fé. Diante da iminente invasão militar pelas mãos de um inimigo brutal, Deus contou a Habacuque que o seu objetivo não era tanto sobre sobreviver ao massacre como era sobre acreditar em Deus e se mover em direção a um futuro incerto com confiança na Sua liderança.

Paulo adota esse mesmo dizer e essa mesma ideia quando falou à igreja de Roma sobre o Evangelho. A boa notícia que veio sobre nossas vidas é que Deus, pela graça, tornou certo o nosso futuro incerto. Podemos viver a partir de um lugar de segurança e certeza, que cultiva profunda e permanente confiança na liderança de Deus sobre nossas vidas, apesar de nossas fraquezas e tropeços. Essa certeza e confiança – que é parte do poder do Evangelho trabalhando em nossas vidas – não produz passividade (Deus já fez tudo; por que eu deveria fazer alguma coisa?), mas sim um amor fervoroso e leal. Por estarmos certos do nosso futuro definitivo, podemos nos posicionar para a vitória e o romper em nosso futuro imediato.

Este livro não é sobre como ficar paralisado de medo enquanto esperamos o mundo se autodestruir ao nosso redor. É sobre como o nível de pecado e trevas está subindo enquanto, simultaneamente, o nível do Espírito e da Sua verdade aumenta dentro da Igreja.

Nós podemos responder com incredulidade ou com fé. A incredulidade é uma escolha consciente de deixar de lado as armas da nossa guerra e permitir que as forças guiando nosso mundo prevaleçam sobre o Espírito de Deus vivo em nós. A fé é uma escolha que fazemos com a ajuda de Deus de enfrentar a perspectiva intimidadora do nosso futuro inevitável com total confiança. Se cremos na Palavra de Deus e cremos que estamos no tempo do seu pleno cumprimento, então a fé responde com um

confiante “sim!” para nos entregarmos a um estilo de vida que se apoia na graça. Fé significa confiança total em Sua fonte de força e auxílio para os dias que virão. A fé tira nosso medo do que está por vir.

A Igreja e cada cristão dentro dela habita no “já e ainda não”. Esta é a glória e a essência da fé cristã. Ser justificado pela fé é aproveitar hoje os benefícios e glórias do nosso futuro julgamento diante do trono de Deus. Vivemos livres em vista do nosso futuro seguro em Cristo, que nos empodera para nos tornarmos como Ele. Nosso veredito futuro – a ressurreição dos mortos, o corpo glorificado, uma eternidade com Cristo – nos dá ousadia e coragem para vivermos livres e sem medo em uma era na qual muitos se enfurecem contra o sistema de valores do nosso Reino celestial.

O cristão se engaja com o futuro de uma forma única para a raça humana, porque canonizamos a profecia e o evangelho do Novo Testamento, que fazem declarações definitivas sobre nosso futuro, o que nos capacita a posicionarmos nossos corações com clareza e confiança. Podemos priorizar o que realmente importa. Podemos doar tempo às coisas que são eternas. Nossas vidas e escolhas têm significado e uma clara continuidade em relação ao futuro imediato, bem como o futuro definitivo. O resto da raça humana, separada de Deus, vive somete no momento, somente pelo o dia de hoje.

Enquanto lemos este livro e outros parecidos, minha exortação é escolher o caminho da fé, uma escolha que não tem erro. O caminho da fé é o que nos leva à maior vantagem, no que diz respeito às Escrituras. O papel do Espírito Santo é nos guiar em toda a verdade e nos anunciar as coisas que estão para acontecer (ver Jo 16:13), por isso Jesus disse que era melhor para nós que Ele nos deixasse:

“Mas eu lhes digo a verdade: é melhor para vocês que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vocês; mas, se eu for, eu o enviarei a vocês. Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo”

João 16:7-8

É por causa do Espírito e da Palavra que *nunca* estamos em desvantagem em relação ao futuro *se não quisermos estar.*

Em uma era na qual previsões sobre o futuro são comuns (e, em geral, sem valor), a Igreja sabe o seu futuro, tanto nessa era quanto na vindoura. E a Igreja que conhece o futuro pode não ter medo agora e estar totalmente preparada para a vitória de amanhã.

A JUSTIÇA DIVINA E A VOLTA DE JESUS

A Bíblia fala sobre o futuro descrevendo, essencialmente, um drama em três atos. O primeiro ato envolve Deus confrontando as nações da terra sobre a injustiça e a opressão. O segundo ato desenvolve a resposta das nações à interação de Deus, culminando no terceiro ato – a resposta de Deus em julgamento à resposta das nações. Essa progressão em si é muito simples. Nossa dificuldade em compreender os dias à nossa frente não é por causa de alguma simbologia profética misteriosa ou uma complexidade teológica. A linha narrativa da história da redenção e o seu clímax são declarados repetidamente em muitos livros e capítulos das Escrituras, e os detalhes são bem diretos na forma em que são contados. Nossa dificuldade em compreender os dias à nossa frente, como estão descritos na Bíblia, está relacionada com a amplitude e a magnitude imensurável daquilo que os profetas declararam séculos atrás.

Com uma linguagem grandiosa e robusta, eles descreveram o confronto entre Deus e o homem pecador, opressor e injusto, que detém o poder e o domínio sobre as nações. Eles escreveram sobre como o Pai deseja retomar a posse de toda a terra, quebrando as cadeias de todo o domínio injusto e opressor e libertando o Seu povo de um sistema corrupto de escuridão fomentado por rebelião contra a justiça e a santidade. Em termos proféticos decisivos, eles declararam que nenhum canto da terra permaneceria intocado ou sem ser afetado por Sua santidade. No final da era, tudo será saturado com Seu amor e Sua glória incomparáveis. Isso é lindo, mas é muito vasto ou grandioso para nós captarmos.

É difícil para nós imaginarmos como será: o Deus dos céus e da terra, o Santo de Israel, o Deus de toda a criação, irá expressar Seu poder e declarar a Sua vontade em escala global durante um momento de clímax da história da redenção, na qual todo homem, toda mulher e criança na terra terá de considerar quem Ele é e o que Ele deseja fazer enquanto Ele torna Seu nome conhecido a todos.

É dito que Joseph Stalin uma vez observou que: “uma só morte é uma tragédia, mas um milhão de mortes é uma estatística”.[1] Como humanos, pensamos e funcionamos em escalas. Nossas limitações como seres racionais e pensantes nos deixam despreparados para eventos de amplitude e significância global. As inimagináveis grandes crises da história da humanidade estão cheias, quase que repetidamente, de histórias de homens e mulheres garantindo uns aos outros que guerras e eventos de destruição em massa e perdas épicas são praticamente impossíveis em suas gerações.

Os anos anteriores à Primeira Guerra Mundial (ironicamente nomeada “a guerra para acabar com todas as guerras”) são importantes para serem revistos e entendidos. Os europeus viviam em um mundo, naquele tempo, que era surpreendentemente similar ao nosso hoje, em muitos aspectos. A Revolução Industrial trouxe mudanças muito rápidas que estimulou o surgimento de novos poderes econômicos e militares na Europa. Estes novos líderes trabalharam rápida e silenciosamente para assegurar seu novo poder econômico colonial e preservar sua segurança nacional. Esses desenvolvimentos enriqueceram e deram ousadia a antigos impérios e famílias que detinham o poder há muito tempo na região.

Eles assustaram outros poderes e famílias antigas, como os czares russos, que estavam incertos sobre a sua habilidade de acompanhar o rápido avanço de tecnologia militar. Os poderes europeus se planejaram para o futuro diligentemente, se preparando para cada possível consequência das ações inimigas contra eles, e ainda assim eles estavam completa e extremamente despreparados para o que aconteceu.

John Keegan, em seu livro, *The First World War* (A Primeira Guerra Mundial), disse: “Em 1914… a guerra veio, de um céu limpo, às populações que não sabiam quase nada sobre ela e tinham sido criados para duvidar que isso poderia acontecer novamente em seu continente” (tradução livre). Keegan continua: “A Europa, no verão de 1914, desfrutava de uma produtividade pacífica tão dependente do intercâmbio e cooperação internacional que uma crença na impossibilidade de uma guerra generalizada parecia a sabedoria mais convencional”[2] (tradução livre). Por que esse é o padrão de

comportamento humano na véspera de todas as crises? Como todo mundo consegue ignorar – e desmerecer – o discernimento dos sinais e os precursores da tribulação?

Era impossível para qualquer um naqueles dias conceber a Grande Guerra antecipadamente. Ninguém estava preparado para uma batalha moderna em uma escala de milhões de soldados, e o que isso significaria para as nações envolvidas, ou como devastaria e dizimaria uma geração inteira. O futuro deles colidiu com o presente com uma violência repentina e inesperada. A habilidade do homem de assassinar outro homem com eficiência brutal em uma escala impressionante foi um desenvolvimento completamente inesperado. As primeiras duas décadas de 1900 trouxeram uma perfeita tempestade de progresso, novas realidades sociais e políticas, interesse econômico e militar, e a arrogância de homens poderosos. O mundo moderno colidiu com o velho mundo e as nações não estavam prontas para a colisão.

Estudar a história da Primeira Guerra Mundial, mesmo que um pouco, é ouvir repetidamente a expressão “Nunca antes...”. Os historiadores usam essa expressão para tudo, desde exércitos, o tamanho das batalhas e a precisão da artilharia à capacidade de tirar vidas de formas completamente novas e as taxas implacáveis de mortes de milhares e milhares. Dez milhões de vidas foram perdidas e outras milhões foram marcadas poderosa e tragicamente pelo coração partido, a violência e a carnificina. O último conflito que se aproximou dessa escala havia sido um século antes, nas Guerras Napoleônicas. Ninguém que estava vivo conseguia se lembrar como era aquele tipo de guerra, ou conseguia conceber ou prever as atrocidades e a dor que viriam pela frente. Homens em cavalos, que nunca tinham enfrentado soldados com armas de fogo, foram massacrados, e milhares deles morreram inutilmente nos campos sangrentos do fronte ocidental.

Duas décadas depois da “guerra para acabar com todas as guerras”, o impensável explodiu por todo o mundo novamente. O caos em massa e o conflito causaram um sofrimento na civilização que muito excedeu o da Grande Guerra, por mais impossível que seja. Apesar de muitos que estavam vivos na Segunda Guerra se lembrarem da carnificina e destruição da guerra anterior, era

impossível prever ou conceber a intensidade do conflito, os horrores indescritíveis da crueldade humana, ou a coragem necessária para superar situações impossíveis.

Minha intenção aqui não é assustar, chocar, ou ser sensacionalista, mas quero combater um dos maiores perigos que ainda enfrentaremos em nossa própria geração. Não é a guerra, a morte ou a devastação. Ao invés disso, é a complacência morosa e dormente que entra em nós quando cedemos ao egoísmo desconectado, ao determinar que as lições do passado não possuem nenhuma relevância ou não geram frutos no presente ou no futuro. O progresso e o conforto se juntam para tecer a mentira sedutora de que o amanhã será apenas melhor do que hoje. Isso não é diferente do que aconteceu no final dos séculos dezenove e vinte, quando os cidadãos orgulhosos, patriotas e nacionalistas dos novos poderes econômicos e militares europeus liam livros como *A Grande Ilusão*, de Norman Angell, que os contou que o interesse econômico dos poderes coloniais tornou a ideia de guerras futuras praticamente impossível, e que estava em seu melhor interesse econômico coexistir, não se autodestruir.

Ainda assim, humanos são humanos em qualquer contexto da história, e independente do seu nível de tecnologia, progresso ou estudo, eles fazem o que sempre fizeram. A história sem Deus – quando os seres humanos tomam a iniciativa de fazer o que está em seu coração – continuamente prova ser um ciclo infinito de desejo por poder, guerras para obter mais poder e mantê-lo, e resistir ou suprimir qualquer ameaça contra posicionamentos tênues. Um dos grandes erros da Igreja ocidental que complementa o grande perigo da morosidade é a forma com a qual nós, em nome da esperança, do otimismo e da positividade fingimos que as pessoas não são hoje o que sempre foram.

Em nome do progresso, da felicidade e do impulsionamento da coragem, dizemos a nós mesmos que as coisas deploráveis que aconteceram no passado não acontecerão novamente – ou se acontecerem, será em lugares distantes que não terão tanta importância. (É claro, agora mesmo as pessoas estão fazendo coisas que sempre fizeram em outras partes do mundo que estão longe de nós. Imaginamos que o progresso, o avanço econômico, a

tecnologia e a educação moderna nos libertaram – os afortunados – dos ciclos do passado. Isso é a nossa ingenuidade desconectada, que pode distorcer nossa percepção).

Isso descreve como alguns elementos da Igreja ocidental pensam, não descreve o todo. Outros segmentos da Igreja ocidental estão extremamente cientes das injustiças e opressões que permeiam os sistemas atuais e as arenas do governo.

A questão para esse grupo se torna “O que quebra o ciclo da injustiça?”. Eles esperam que a Igreja tenha respostas claras e úteis às questões de injustiça e opressão, de pecado e crescentes trevas e o que o futuro nos reserva.

A resposta simples, que esse grupo parece não reconhecer, é Jesus. Ele é o Homem que as Escrituras declaram ser apontado pelo Seu Pai para quebrar o ciclo da injustiça. Tem que ser Ele, por causa da amplitude e severidade dos nossos problemas, que surgem da profundidade e complexidade do pecado em uma escala global e antiga.

Jesus e a Justiça Divina

É difícil para nós contextualizarmos ou entendermos a intensidade do que está por vir sem entender sobre justiça. Quando entendemos a lacuna drástica entre o estado do mundo e como Jesus quer que ele esteja, e quando começamos a compreender a profundidade da atual injustiça e do nível de opressão maligna à luz da gloriosa liderança de Jesus, começamos a alinhar nossos corações com o d’Ele. Podemos adotar a Sua mente e coração e participar com Ele nos processos necessários para que esse mundo passe a ser o como sempre deveria ter sido.

Para o propósito desta discussão, minha definição simples de justiça é “tornar o errado certo”. A palavra em hebraico para justiça, *mishpat,* significa aquilo que se torna certo; o objetivo de *mishpat* é a restauração da ordem social justa, bem como a igualdade legal.

Qualquer um preocupado com justiça de qualquer tipo deve se fazer questionamentos centrais: O que exatamente está errado? O que exatamente pode ser feito para endireitar as coisas? Aqueles de

nós que cremos sabemos que somente o Pai é a definição e a fonte do que é certo (e, por contraste, do que é errado). Somente Deus possui, em plenitude, a clareza em relação ao o que é errado e a precisão para julgar o que precisa mudar. Da mesma forma, somente Ele é cheio de misericórdia e bondade no que diz respeito a como Ele traz as mudanças necessárias. Portanto, nossa maior e única esperança está em permitir que a justiça e o julgamento venham por meio da Sua liderança e iniciativa. Todos os outros esforços serão falhos.

Podemos entender a forma paciente e misericordiosa de Deus executar justiça em um mundo quebrado e pecador se observarmos como Ele fez sua obra em nossas vidas. Primeiro, Jesus nos concerta em nosso interior. Isso inicia o processo de transformar nossos pensamentos e desejos para refletirem o que é certo (que foi a intenção original para nós como seres criados).

Gradualmente, à medida que nos aproximamos mais d'Ele por meio dos acontecimentos em nossas vidas, começamos a refletir Sua justiça para o mundo ao nosso redor. A Grande Comissão é a expressão definitiva desse princípio, sendo o grande chamado de Jesus à Igreja para discipular as nações. A Igreja faz discípulos e trabalha para estabelecer a justiça em cada esfera da sociedade.

O sonho utópico de um mundo reto e cheio de justiça e bênçãos foi embutido no espírito humano desde o jardim paradisíaco do Éden. Ainda assim, ele não pode ser reestabelecido de uma vez. Deus começa aos poucos e trabalha aos poucos, ao longo do tempo, a cada passo enchendo-nos com Sua misericórdia e bondade. A justiça nas mãos de qualquer poder menor que nosso Deus, que tem a precisão de um cirurgião-chefe, seria um processo bagunçado, terrível e violento. A lacuna entre o que é e o que deveria ser é grande. Remover o que está errado e estabelecer o que está certo leva tempo e cuidado, inclusive o tempo de toda uma vida. Ao mesmo tempo, antecipamos que as últimas etapas do Seu plano serão intensas e disruptivas além de qualquer coisa que possamos imaginar.

O profeta Isaías profetizou sobre justiça mais do que qualquer outra voz profética nas Escrituras. Em Isaías 42, o profeta entrega sua principal profecia sobre como a justiça no mundo iria triunfar

debaixo da liderança de Jesus. O ministério de Jesus pode ser entendido de maneira profunda no contexto desta profecia:
“Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se agrada. Pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios. Não clamará, não gritará, nem fará ouvir na praça a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará o pavio que fumega; com fidelidade, promulgará o direito. Não desanimará, nem será esmagado até que estabeleça na terra a justiça; e as terras do
mar aguardarão a sua doutrina.”

Isaías 42:1-4

Essa passagem fornece o modelo bíblico mais claro sobre como é quando a Igreja se engaja no mandato de Jesus de estabelecer justiça em todas as nações. No mesmo capítulo, Isaías continua a trazer luz sobre a abordagem de Deus em relação à justiça, como vemos em seguida:

- A justiça deve existir em profunda lealdade a Jesus (ver v. 8);
- Deve ser liberada através da adoração intercessória (ver v. 12)
- Deve operar no poder do Espírito (ver vs. 1 e 7);
- Resultará em evangelismo (ver v. 17);
- Também resultará em apoio ao remanescente de Israel (ver vs. 21-22);
- Irá energizar as vidas dos justos através da intimidade com Deus (ver vs. 1 e 6);
- Levará a uma mentalidade e estilo de vida de precursor (vs. 16-25).

O que é o “espírito do precursor”? Em resumo, é a maneira pela qual Deus dá graça a Seu povo para se preparar para se engajar plenamente com Seus planos e propósitos nos dias vindouros. É o tema fundamental que estamos explorando e desenvolvendo. Entender o futuro pela perspectiva da Palavra de Deus e se preparar para esse futuro com a graça de Deus enquanto nos engajamos com a sabedoria de Deus, tudo isso representa o coração do “espírito do precursor”.

Portanto, em uma era de crescente injustiça e maldade, na qual frequentemente nos sentimos cada vez menos capazes, é essencial focar na justiça e abordá-la da forma que as Escrituras nos ensinam a fazer. Jesus, em Suas parábolas sobre o Reino encontradas em Mateus 13, ensinou que a natureza do Reino nesse tempo era de começar como uma semente, e que as sementes crescem ao se relacionarem com o ambiente. Sementes germinam mais devagar na escuridão. Portanto, o que pode parecer pequeno para nós hoje, têm crescido pela graça de Deus ao longo do tempo. A misericórdia está trabalhando devagar, apesar de nossas dores nos fazerem ansiar por mudanças mais rápidas. Deus não está disposto a pagar o preço por mudanças rápidas se a Igreja ainda não está pronta para essas mudanças. Sendo assim, Deus toma o tempo d'Ele, trabalhando com urgência fiel, demonstrando infinito cuidado e fidelidade.

No processo, as trevas continuam crescendo paralelamente a um Reino que está crescendo e avançando. Tudo está se movendo em direção a um confronto culminante entre a maldade explícita e uma Igreja madura e a volta do Seu Rei. Inevitavelmente, tanto a Igreja quanto o mundo perdido e ferido demonstrarão respostas conflitantes. Tanto a Igreja quanto o mundo estão crescendo em meio à decadência, às vezes respondendo ao amor e à misericórdia de Jesus, e em outros momentos se enfurecendo contra Ele.

Enquanto o assunto primordial em questão é a justiça de Deus que será liberada plenamente no contexto da volta de Jesus, é importante perceber a forma que a justiça do Reino de Deus se expande como um grão de mostarda, crescendo desde os tempos da cruz. Jesus liberou a justiça parcialmente em Sua primeira vinda, fazendo com que ela crescesse ao longo da história, e ela triunfará completamente após o Seu retorno, na era vindoura.

Existe um significado contínuo para o nosso trabalho hoje em relação ao que Jesus fará na era vindoura. A justiça será liberada, ao longo do tempo, em diferentes medidas de vitória, em diferentes áreas geográficas e em diferentes esferas da sociedade. Nós, como um povo, ainda ansiamos pela plenitude do que Deus quer trazer à terra, em cada etapa e em cada lugar.

Está claro que a liberação da justiça deve envolver tanto o processo político quanto as obras práticas. Em Lucas 18, Jesus acrescentou que seria exigido de nós a oração contínua, dia e noite, para lidar com a injustiça. Por quê? Porque apesar dos processos políticos e obras práticas serem um componente crucial para endireitar os erros sociais e legais, eles não lidam com a totalidade do problema da injustiça, que também envolve o aspecto espiritual do nosso mundo quebrado e caído. Mentalidades e perspectivas erradas, pensamentos divididos, atividades pecadoras e demoníacas – tudo contribui significativamente para os problemas que afligem a sociedade e os indivíduos.

O contexto dessa parábola sobre intercessão é a injustiça na era imediatamente antecedente ao retorno de Jesus (ver Lc 17:22-18:8). Jesus faz uma referência a Isaías 42:1-4, onde vemos o Messias liberando justiça na terra. O tema principal dessa parábola sobre intercessão é a justiça diante da opressão cruel e generalizada que afligirá todas as nações da terra:

Jesus lhes contou uma parábola para mostrar que deviam orar sempre e nunca desanimar(...) Será que Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo a vocês que, depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando o Filho do Homem vier, será que ainda encontrará fé sobre a terra?

Lucas 18:1, 7-8

Jesus falou do aumento da injustiça nos dias antecedentes ao Seu retorno, destacando a necessidade de lidar com ela holisticamente, tanto no âmbito natural quanto no espiritual. Ele estava dizendo que a injustiça não seria respondida com suficiência por mudanças políticas e ações sociais (compaixão) porque a fonte primária da injustiça é espiritual (demoníaca). Quando Jesus perguntou se Ele encontraria fé na terra no Seu retorno, Ele estava questionando se Ele encontraria quem concorda em lidar com a injustiça através oração dia e noite. A oração e a necessidade de intervenção de Deus dizem muito sobre nosso entendimento de justiça e como ele se dará. Será através da iniciativa e perspectiva humana, estabelecida como uma proverbial casa de cartas, pela

força das habilidades do homem? Ou será pelo poderoso decreto divino do Senhor sobre o nosso mundo quebrado, que necessita desesperadamente da Sua ajuda e correção?

Diante disso, a resposta para os problemas do mundo é simples: A resposta de Deus para a injustiça é Jesus.

A Igreja e a Justiça de Deus

Parte da crescente raiva nesta geração é o aumento da percepção de quanto os sistemas estão quebrados. Os sistemas econômicos e políticos das nações parecem estar ideologicamente inférteis e falidos, os líderes assombrosamente inadequados e as soluções incapazes de trazer uma calma satisfatória em relação à crescente inquietação e preocupação das pessoas. A explosão de informação hoje através da internet apenas aumenta e expande a quantidade de conhecimento disponível para as massas, que mais tarde comunicam como os sistemas estão quebrados. As pessoas com corações ofendidos querem alertar as massas, apontar dedos e acusar os culpados, removendo-os dos olhares públicos para sempre. Eles querem gritar, reclamar, protestar, manifestar e atacar os portões dos poderes corruptos – para acabar com o seu reinado. Através de Isaías, o Espírito Santo aconselha um caminho diferente:
"Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se agrada. Pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios. Não clamará, não gritará, nem fará ouvir na praça a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará o pavio que fumega; com fidelidade, promulgará o direito. Não desanimará, nem será esmagado até que estabeleça na terra a justiça; e as terras do
mar aguardarão a sua doutrina."

Isaías 42:1-4

"Eis aqui..."
Eis aqui quem? Eis aqui Jesus.
Isaías fez quatro declarações que revelam o plano do Pai:

1. Jesus é o vitorioso, que trará justiça para todas as nações;

2. Jesus é Aquele através de quem o Pai trabalha.
3. Jesus é o Ungido a quem o Espírito empodera. É preciso de poder sobrenatural para executar o plano do Pai.
4. Jesus é o Eleito em quem o Pai se deleita. Isso flui através da intimidade com Deus.

O Pai escolheu trazer e estabelecer a justiça na terra através da liderança de Jesus. A forma que Jesus lidera é o meio pelo qual o Pai quer que a justiça seja executada. Esse é o significado do que é dito mais tarde (ver Ap 5), quando todos os céus declaram que Jesus é *digno*. Jesus, em sua magnífica humildade, bondade e ternura, é o único capaz de orquestrar e liderar uma transição tão dramática na história da humanidade. Jesus é o Único que pode lidar perfeitamente com as tensões envolvendo a fúria das nações, a rebelião contra Sua liderança e o orgulho, pecado e maldade, enquanto ainda mantém Seu amor, misericórdia e bondade.

O Único em quem podemos confiar para ser generoso, mas implacável e compromissado em agir com justiça é o Homem que é tardio em irar-se, rico em amor e que anseia para ver todas as nações chegarem ao conhecimento do Seu Pai. Ele é infinitamente bondoso. Ele é completamente confiável, porque Ele nunca está tentado a agradar aos outros ou meramente fazer as pessoas felizes. Podemos confiar n'Ele para fazer o que é necessário para estabelecer tudo o que é justo para que o amor e a glória possam encher a terra. Ele é o Único que pode executar justiça corretamente, o Único que pode lidar com as grandes provações e os abalos terríveis que irão aterrorizar os cidadãos da terra.

Jesus *é* a justiça (ver Jo 8:1-11). Portanto, Ele é o Único a quem o Pai apoia, exalta e se deleita em relação a tarefa, outrora impossível, de executar justiça correta e perfeitamente.

Nos versículos 2 a 4 citados acima, Isaías descreveu a abordagem de Jesus em relação à justiça na Sua primeira vinda. Ele quer que observemos cuidadosamente a sua abordagem. É significantemente diferente de como os seres humanos que buscam por poder ou o adquirem expressam seu poder e executam justiça. Diferentemente dos movimentos de justiça social dos nossos dias, Jesus não levantou Sua voz nas ruas buscando um levante político

ou militar (versículo 2). Novamente, o que impressiona é como Ele se move em mansidão e moderação, em resguardo e humildade de coração, oferecendo misericórdia a todos aqueles que o buscam enquanto Ele faz a justiça prevalecer (versículo 2).

Enquanto existir a possibilidade de uma cana quebrada ser restaurada ou uma faísca de vida em um pavio ainda fumegante, Jesus irá se deter. Ele irá deter a força de um furacão trazida pelos Seus julgamentos na terra, enquanto ainda existir uma forma da misericórdia ser aceita pelo arrependimento. Ele está tão comprometido em oferecer misericórdia aos fracos e quebrantados que Ele irá se sujeitar, com grande resistência, à Sua vontade; Ele pressionará com muita firmeza e comprometimento com o Seu desejo final (versículo 4). Em outras palavras, quando vemos Sua misericórdia, não devemos nem por um minuto imaginar que, por conta disso, Jesus titubeou de alguma forma do Seu objetivo definitivo de retidão e justiça.

O que é impressionante sobre o versículo 4 é a proclamação do compromisso de Jesus em ver o plano do Pai se cumprir, apesar da grande demora da resistência humana e da rejeição nacional. Isaías enfatiza que Ele não falhará ou ficará desencorajado de nenhuma forma. Ele quer que saibamos sobre a perseverança e paciência de Cristo, que irá nos impulsionar na longa espera entre a angústia da injustiça e a libertação da opressão nas mãos do justo Rei, apontado pelo Pai para libertar Seu povo.

Continuando em Isaías 42, vemos mais da perfeição deslumbrante de Jesus enquanto Ele lida com a tensão entre justiça e misericórdia. Além disso, testemunhamos algo impressionante: o Pai fala com o Filho, dando-o grande garantia em relação à parceria íntima até a vitória: “Eu, o Senhor, chamei você em justiça; eu o tomarei pela mão, o guardarei, e farei de você mediador da aliança com o povo e luz para os gentios” (Is 42:6). A justiça é vista em cada etapa da obra do Pai, em Seus métodos, Suas motivações e em Seus frutos. Jesus personifica tudo o que diz respeito à aliança que temos com Deus.

O que isso significa para a Igreja? Como devemos nos seguir em frente diante de tamanha injustiça e opressão que aflige os mais fracos?

À medida que movimentos de justiça social se desenvolvem – e agora muitos estão surgindo dentro da Igreja – devemos nos atentar cuidadosamente aqui às exortações e encorajamentos do profeta. Enquanto vozes começam a clamar por justiça, qual deveria ser nossa resposta? “Espere no Senhor”, Isaías aconselha (Is 40:31). Quando mais injustiças acontecem, o que devemos fazer? “Contemple”, é o que o profeta adverte.

Nós vigiamos e ouvimos a voz do Senhor e somente do Senhor. É assim que vemos a gloriosa beleza de Jesus e nossos ouvidos se abrem para ouvir a sabedoria do Espírito para esse momento na história. Jesus declara “Andem em mansidão e se contenham. Eu me contive por muito tempo. Esperem, sejam pacientes e me escutem”. Isaías torna os Seus sussurros em palavras. Em uma era na qual algumas poucas palavras erradas podem acabar com carreiras e pecados reais sabotam homens e mulheres, a misericórdia e o refrear de Jesus diante da transgressão humana toca nossas almas diretamente.

Seu resguardo e misericórdia para conosco cria espaço para intimidade com Ele; podemos nos achegar despidos de vergonha à medida que somos fortalecidos pelo Seu amor. Ele nos leva à parceria com Ele e, ao longo do caminho, Ele endireita nosso pensamento, nossas emoções e nossos desejos. Isso torna possível para a Igreja executar justiça ao Seu lado. Devemos executar justiça através do resguardo, da quietude e intimidade com Jesus. Devemos fazer discípulos e levar corações ao Seu caminho de transformação, ao invés de silenciar as pessoas pelos seus erros e envergonhá-las em suas transgressões.

Dessa bela maneira, a justiça avança – até chegar a hora em que Jesus não mais se conterá.

Adoração, Oração e Proclamação no Fim dos Tempos

Isaías toma um rumo inesperado em seu discurso sobre justiça e os meios pelos quais Deus a estabelecerá na terra – ele declara “coisas novas”: um movimento de adoração do fim dos tempos e, como Jesus declara mais tarde em Lucas 18:18, um movimento de oração. Veja o que diz em Isaías:

“Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e agora eu lhes anuncio coisas novas; e, antes que se cumpram, eu as revelo a vocês.” Cantem ao Senhor um cântico novo! Que ele seja louvado desde os confins da terra pelos que navegam no mar, por todas as criaturas que vivem nele, e pelas terras do mar e os seus moradores. Ergam a voz o deserto, as suas cidades e as aldeias habitadas por Quedar; exultem os que habitam em Sela e clamem do alto dos montes; deem honra ao Senhor e anunciem a sua glória nas terras do mar.”

Isaías 42:9-12

Este é um dos elementos mais surpreendentes do grande plano justo de Deus. Como o Senhor quer que a Igreja imite a Sua mansidão e Seu controle enquanto Ele se envolve com as dinâmicas espirituais de injustiça na terra? Convidando a Igreja para entrar em oração e adoração globalmente, em unidade com Seu “cântico novo” desde os “confins da terra”. Isaías acaba de nos mostrar como a extensão e o poder da glória de Deus serão manifestados em meio à crise, e agora o profeta nos dá um vislumbre detalhado da impressionante magnitude da adoração e oração global. Em um oráculo, vemos que esse movimento global de adoração unificada alcançará até lugar o mais distante e mais difícil da terra.

Em paralelo com Lucas 18:1-8 novamente, Isaías também conecta esse movimento global de adoração unificada à vinda do Filho de Deus em glória e em grande (e chocante) paixão, zelo e fúria. À medida que o oráculo se desenrola, vemos uma primorosa dança antifonal entre o Messias prometido e o povo. Isso culmina na abertura dos céus e a descida do poderoso Homem de Guerra, que devastará os montes e as colinas com grande fúria e zelo em nome do Seu povo:

“O Senhor sairá como valente, despertará o seu zelo como homem de guerra. Clamará, lançará forte grito de guerra e mostrará sua força contra os seus inimigos. ‘Por muito tempo me calei, estive em silêncio e me contive; mas agora darei gritos como mulher que está dando à luz, e ao mesmo tempo ofegarei, e estarei esbaforido.

Devastarei os montes e as colinas, e farei secar toda a sua vegetação; tornarei os rios em terra firme e secarei os lagos.'"

Isaías 42:13-15

Há duas verdades implícitas nessa passagem sobre as quais as Escrituras desenvolvem mais profundamente em outros lugares. (Exploraremos mais esses trechos nos próximos capítulos). Primeiro, uma explosão global de adoração e oração pressupõe uma explosão global do conhecimento de Deus e da beleza d'Aquele escolhido para trazer justiça à terra. Segundo, esse ímpeto de glória se dá em meio à injustiça, opressão e tirania historicamente severas.

Esse oráculo foi entregue em um ponto da história que se teve mais opressão, mais injustiça e mais pecado e maldade do que outra geração[3]. Ainda assim, a resposta do povo de Deus à perseguição e injustiça foi clamar a Deus em cânticos. Jesus declarou, mais tarde, que a Igreja encheria a terra com as boas novas do Reino vindouro imediatamente antes do Seu retorno (ver Mt 24:14). O profeta Daniel falou sobre um povo de entendimento que instruiria muitos nos dias que estão por vir (ver Dn 11:33). Isso indica que a Igreja estará pronta para as tempestades que surgirão pela terra e ela responderá com amor sincero e lealdade a Jesus. Essa resposta madura da Igreja diante da fúria das nações comove o Messias como nunca. Consequentemente, Ele clama para iniciar Seu retorno tão esperado.

"O Senhor lá do alto rugirá (...). Rugirá fortemente contra o seu povo, com brados contra todos os moradores da terra, como o 'eia!' dos que pisam as uvas. O estrondo chegará até os confins da terra, porque o Senhor tem uma controvérsia com as nações; entrará em juízo contra toda a humanidade, e entregará os ímpios à espada" (...) "Eis que a calamidade passa de nação para nação, e grande tempestade se levanta dos confins da terra."

Jeremias 25:30-32

Há uma lógica, então, na última porção do oráculo de Isaías sobre como o Pai trará justiça à terra em plenitude terminar com

uma promessa de mensageiros que prepararão o povo para o que está por vir. Isaías descreve grande abalo, ira, julgamento e cataclismas naturais associados com a vinda do poderoso Homem de Guerra, escolhido para trazer a justiça plena à terra. Na grande espera que transborda do Seu grande amor, Ele prepara uma Noiva que permanecerá com Ele em oração e adoração no momento crítico em que a justiça será executada plenamente.

A preparação do Senhor para com a Sua Noiva, a Igreja, para as coisas que estão por vir é de qualidade inigualável; basta considerar a extensão global da oração e da adoração e a eventual maturidade da Noiva no momento mais crítico da história. As promessas das Escrituras sobre a proclamação mundial da mensagem do Evangelho do Reino e o de uma grande colheita de almas para o Reino se cumprirão antes do terrível abalo que está por vir. As nações enfurecidas da terra ficarão caladas, em choque:
“Retrocederão e ficarão cobertos de vergonha os que confiam em imagens de escultura e que dizem às imagens de fundição: ‘Vocês são os nossos deuses.’ Escutem, surdos, e vocês, cegos, olhem, para que possam ver. Quem é tão cego como o meu servo, ou tão surdo como o meu mensageiro, a quem envio? Quem é tão cego como o meu amigo, e tão cego como o servo do Senhor? Você vê muitas coisas, mas não as observa; ainda que tenha os ouvidos abertos, não ouve nada.’ Foi do agrado do Senhor, por amor da sua própria justiça, engrandecer a lei [Palavra] e torná-la gloriosa.”
Isaías 42:17-21

TRÊS TEMPESTADES QUE IRÃO MUDAR O MUNDO

Vamos revisar o que aprendemos até agora. O problema grave da injustiça no mundo foi resolvido pela pessoa de Jesus na primeira vinda. Sua fidelidade perseverança, mansidão e pureza de coração, com grande misericórdia

pelos quebrados e feridos significou que Jesus nunca foi desencorajado em sua missão de fazer crescer, em um longo período, um Reino povoado por pessoas cheias de deslumbre, gratidão e adoração pelo Seu Pai. Nós lemos em Mateus 13 que Ele está disposto a deixar que o trigo cresça por bastante tempo, sabendo que o joio estará misturado nele.

O capítulo 13 do evangelho de Mateus também registra muitas outras parábolas em que Jesus falou sobre o tempo e o processo no Seu Reino. O Reino de Deus, Ele disse, é como um grão de mostarda, que nasce quase imperceptivelmente, e cresce inevitavelmente como a maior árvore de todas. Ele acrescentou que o Reino é como fermento, o agente escondido no pão que faz ele crescer até sua expressão plena. As parábolas também incluem descrições do lado negativo do processo, como o anjo lançando fora tudo o que ofendia a Deus e jogando na fornalha acesa aqueles que praticam a iniquidade. Apesar da paciência suprema de Deus, vemos que os maus serão separados à força dos justos, que são chamados de “filhos do Reino”.

Então lemos a descrição de Isaías sobre como o Reino irá expandir até que alcance cada canto distante da terra, onde pode-se encontrar pessoas parecidas com o Rei em sua mansidão, moderação, humildade de coração, misericórdia e ternura—pessoas que se entregam totalmente em adoração a Deus diante da injustiça histórica.

O último ato do drama é a segunda vinda de Jesus à terra. Ele irá vingar o Seu povo, separar o joio do trigo, estabelecer a justiça e

a retidão plenamente em Jerusalém e ao redor do mundo. Sim, Deus é paciente, tardio em irar-se e rico em misericórdia e amor bondoso. Mas Ele atingirá o fim de Sua tolerância considerável. Há uma linha de demarcação em relação à injustiça e opressão.

À medida que o Reino entra em plenitude e maturidade ao redor do mundo, o mesmo acontecerá com o pecado, a maldade e as trevas. O pecado florescerá completamente na forma de uma sedutora, corrupta e enganosa expressão de poder e potencial humano, que irá ludibriar milhões pelo mundo.[1] O problema com a qual a Bíblia nos confronta em relação ao amadurecimento e plenitude da maldade, iniquidade, injustiça e opressão no fim da era não são os próprios indivíduos se envolvendo com pecados mais tenebrosos— apesar de existir isso em certa proporção[2]. Esse desenvolvimento do pecado e das trevas envolve a normalização, legitimação e sistematização do pecado na sua relação com o mundo construído pelo homem pecador e as ideias construídas ao seu redor. Veremos isso com mais profundidade quando examinarmos o nascimento da narrativa cultural que impulsiona muito do pensamento anticristão atual no mundo ocidental.

Esses sistemas complexos de pecado têm sido construídos ao longo de séculos para suportar e assegurar os sistemas econômicos e políticos que permitem a aquisição de muita riqueza e poder para os poucos à custa de muitos. As particularidades dos sistemas ideológicos são irrelevantes e intercambiáveis. Em todos esses sistemas, homens quebrados, pecadores atuam em níveis variados de teimosia, orgulho, presunção, impiedade e iniquidade. Logo, em um mundo caído, o comentário de Paulo sobre salmos relacionado à condição humana permanece mais verdadeiro que nunca: “Não há um justo sequer, nenhum” (Rm 3:10; ver também Sl 14:3). Em outras palavras, no seu melhor, esse mundo está sendo guiado e governado por pessoas sinceras, mas desorientadas; no seu pior, o mundo está sendo explorado por pessoas verdadeiramente perversas e más que impulsionam seu poder para ganhar mais e mantê-lo.

O resultado da corrupção humana é que o sistema do mundo foi construído em cima de imaginação fútil e vã filosofia—ou seja, sistemas de mundo não são nada mais que frágeis castelos de

cartas. Pessoas perversas e os seus governos criaram mais problemas a longo-prazo do que eles podem resolver e, com o tempo, todos os furos e problemas se expandem e multiplicam.

Fora da intervenção amorosa de Deus, não há um fim para a injustiça e a exploração dos mais fracos. Essa é a realidade básica para a magnitude do que está por vir: o próprio Deus irá interferir nos assuntos dos homens, se movendo em poder sem precedentes para desenterrar todos os sistemas de maldade profundamente enraizados e levar o mundo à era vindoura. O maior desejo de Deus é a restauração de todas as coisas, quando Ele irá fazer tudo novo.

Esses são eventos monumentais de significância imensurável, os momentos mais críticos e definitivos em toda a história da redenção. Portanto, a Bíblia descreve uma sequência de eventos que vão se escalando e culminam com Jesus rompendo os céus e voltando à terra, à Jerusalém, especificamente.

A mesma medida com a qual Ele se insere em nosso mundo naquele tempo, é a medida em que os homens poderosos e maus responderão com fúria. Quando Deus vier, Ele virá como o Deus da luz e da verdade. Sua luz expõe as obras das trevas, e nos permite ver a verdade da humanidade sem Deus, acabando com nossos argumentos e debates mesquinhos. As coisas ficarão muito, mas muito claras quando Deus pisar no palco global, e ninguém que o conhece e o ama irá contradizer o que a luz da Sua glória revela. Na verdade, ninguém irá contradizer Seus julgamentos justos de forma alguma quando tudo for revelado e a Igreja for vingada diante de todo o mundo.

No fim da era, a Igreja amará os julgamentos do Senhor (Ap 16). As nações se enfurecerão contra eles, mas ninguém terá argumentos contra a justa soberania do Pai.

Antes do retorno de Jesus, três “tempestades” irão envolver cada nação e cada pessoa na terra. O resultado destas três tempestades será um mundo diferente—um mundo renovado, transformado e cheio da glória irrestrita do Senhor. Nesse capítulo, irei introduzir as três tempestades que estão por vir naqueles dias antes de examiná-las mais detalhadamente nos próximos capítulos.

A Primeira Tempestade: Avivamento e Derramar do Espírito

A dificuldade em usar a palavra “avivamento” para discutir sobre o futuro e o que vem pela frente para a Igreja e para as nações é como esse termo é entendido por vários grupos e denominações hoje. Para algumas igrejas, “avivamento” indica uma reunião ou série de reuniões designadas para convidar a atividade do Espírito Santo. Para outros ministérios, a palavra “avivamento” representa uma realidade presente de uma Igreja crescente e vitoriosa. Eles diriam que ter mega-igrejas crescendo, esforços missionários sendo bem-sucedidos, e uma faísca do poder Espírito Santo em indivíduos e ministérios significa que estamos experimentando uma medida de avivamento agora. Para outros, avivamento é algo pelo qual batalhar em oração, esperar com expectativa e fazer previsões em declarações proféticas. Para aqueles que são céticos, “avivamento” é outra palavra para emocionalismo, onda e manipulação destrutiva.

Como escreveu uma vez Arthur Wallis em seu livro, *The Day of Thy Power*: “Nunca houve um dia em que o termo ‘avivamento’ precisasse tanto ser cuidadosamente definido”[3]

(tradução livre). Ele continua explicando que

Avivamento pode ser explicado em termos de uma atividade, uma organização, reuniões, indivíduos e pregações. Essas podem ou não fazer parte do trabalho, mas não são e não podem ser os responsáveis pelo efeito produzido. Avivamento é, essencialmente, a manifestação de Deus; possui uma marca de divindade que até os não regenerados ou novos na fé reconhecem rapidamente. Avivamento deve causar um impacto na comunidade, e esse é um dos meios pelos quais podemos distingui-lo das manifestações mais usuais do Espírito Santo.[4] (tradução livre)

Ainda que eu ame declarações proféticas sobre um avivamento vindouro, que se encaixa na definição de Wallis, não estou na posição de fazer nenhuma previsão por minha conta. Meu interesse na definição de Wallis para avivamento está em sua aplicação à uma promessa bíblica do que acontecerá antes da volta de Jesus. Para a igreja carismática moderna ou pentecostal, as profecias e promessas de um avivamento futuro são animadoras e

esperançosas, produzindo um senso de expectativa e alegria sobre os dias que estão por vir. Para os profetas do antigo testamento que proclamaram um derramar global do Espírito Santo no fim dos tempos, o avivamento que irá antever a vinda do Messias significava um alerta, mesmo que também sirva como uma promessa. Para os profetas, avivamento era uma tempestade.

Pode ser estranho pensar sobre avivamento dessa forma. Nós aprendemos a focar somente nos benefícios do avivamento ao invés de dar um passo para trás e enxergar o avivamento em todo o seu contexto. É claro que nunca é errado ser tocado pelas histórias de avivamento, ser encorajado em nossa fé, despertado com expectativa ou mais anseio pela presença de Deus. No entanto, é ingenuidade focar somente nas curas, salvações e milagres e ignorar o outro lado da história dos avivamentos.

O avivamento introduz repentinamente o incansável poder e a inevitável presença de Deus para um povo que, deixado à sós, teria se contentado em viver suas vidas sem a interferência de Deus. Nos esquecemos que as pessoas, em sua maioria, querem ser deixadas em paz e sem perturbações. Interrupções indesejadas que elas não entendem não são bem-vindas nem celebradas normalmente, mesmo que o resultado dessa interrupção prove ser um desenvolvimento positivo.

As pessoas assumem ingenuamente que “avivamento” significa “todos estão salvos”, mas historicamente, esse não tem sido o caso. Historicamente e biblicamente, “avivamento” sempre significou “todos se decidem”. O avivamento acontece quando Deus adentra uma região geográfica com poder, como uma luz reluzente brilhando em um quarto escuro, forçando todos a lidarem com o fato de que Deus é real. Eles veem a Deus como Ele realmente é, e descobrem com o que Deus realmente se importa. Em uma escala menor de avivamento, esse tipo de intromissão da presença de Deus causa uma grande ruptura. Em uma escala maior, a qual a Bíblia nos informa que acontecerá como um evento futuro, a tomada do poder de Deus funcionará como uma tempestade de glória esmagadora.

A Segunda Tempestade: A Fúria das Nações

Por que o avivamento do fim dos tempos irá perturbar tanto as nações? A razão pela qual irá afetar as nações como uma tempestade é que o derramar final do Espírito irá repentinamente depositar um poder real sobre a Igreja em meio às nações. O avivamento irá produzir uma mudança drástica de poder, um poder concorrente, e isso trará uma escolha para o grande número de pessoas que estão entre dois mundos, com sistemas, recompensas e regras de sucesso de valores opostos. E qualquer novo poder sempre será uma ameaça para o poder mais estabelecido. Nesse caso, o poder emergente de uma Igreja avivada trará a possibilidade de um êxodo em massa de milhões de convertidos, dos sistemas de mundo corruptos para a Igreja, enquanto trocam sua lealdade e, mais importantemente, suas finanças.

Em outras palavras, o plano de Deus nos dias vindouros é tornar a Sua Igreja um poder com o qual as nações da terra precisam lidar. Isso provocará muita ira nos poderes seculares e governamentais da terra. A reação furiosa deles pode parecer abrupta, mas na verdade parte de um ódio latente e antigo contra o Deus de Israel, que habita o coração humano desde a Queda no Jardim do Éden. Em outras palavras, a fúria humana contra Deus sempre esteve escondida, e basta uma faísca de proximidade com Deus para acender a chama de fúria. Uma vez acesa, ela explode com a amargura reprimida, resultado de séculos de desejo de se libertar de Deus e se livrar da Sua imposição e autoridade.

Sendo assim, vemos que quando Deus depositar poder sobre Sua Igreja global, isso irá incitar uma tempestade de fúria vindo das nações, que não será nada já visto antes. Naquele dia, a verdade sobre a condição do homem separado de Deus será manifesta para todos verem. Deus é luz, e quando Ele brilhar a luz de sua face sobre a escuridão da fúria e rebelião humana, será evidente, sem dúvida ou argumentos, que toda a civilização humana está mergulhada em pecado e iniquidade. À nível pessoal, a luz da verdade de Deus removerá todo o sentimentalismo e vaidade que vêm de uma perspectiva caída e carnal em relação ao pecado. Homens e mulheres serão confrontados individualmente em sua necessidade de serem zelosos e apaixonados em suas próprias vidas, em se arrependerem e se humilharem diante do Senhor.

Essa é a realidade central do avivamento de Deus e do derramamento do Espírito Santo, e é por isso que as Escrituras falam sobre a inevitável fúria das nações que se seguirá. A gloriosa chegada de Deus em um cenário humano pecador é cheia de misericórdia e, ao mesmo tempo, de confronto. Ele vem com o propósito de nos mostrar a verdade – sobre Ele mesmo e sobre nós mesmos – para que possamos nos arrepender, sair de nossa iniquidade e nos submeter à autoridade e liderança de Jesus. Esse é o maior desejo de Deus – que ninguém pereça, mas todos cheguem ao arrependimento (ver 2 Pe 3:9).

O grande problema chamado pelo apóstolo Paulo de “o mistério da iniquidade” (2 Ts 2:7) é algo para se levar em conta honestamente, à medida que lidamos com a presente e futura fúria das nações; o fato é que muitos não querem se arrepender. Muitos não querem sair de sua iniquidade e se colocar sob a autoridade e liderança de Jesus. Cheias de permanente orgulho e teimosia, as pessoas querem ser deixadas para viver sua vida como desejarem.

Podemos ver que a raiz da fúria das nações é encontrada no coração dos homens e mulheres que agem continuamente pela separação de Deus, para serem livres do Seu código moral e lei, e livres da prestação de contas, movidos pelo desejo implacável de construir seu próprio mundo (diferente daquele que a Bíblia anuncia). A futura tempestade de fúria das nações é a explosão de um mundo moribundo que se recusa a dar o último suspiro, a reação de indivíduos pecadores que desejam manter seu mundo de pecado desenfreado, fazendo o que bem entenderem. Como Jesus declarou, “A condenação é esta: a luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más” (Jo 3:19).

A Terceira Tempestade: Os Julgamentos do Senhor

Um dos assuntos bíblicos mais desafiadores para cristãos é o do julgamento de Deus sobre os opressores maus e poderosos da terra no fim da era. A doutrina da ira de Deus é central para todas as implicações bíblicas, porém os corredores da história humana ecoam com o grito “Injusto!” por causa dela. Nossos corações

ecoam isso. Na verdade, podemos dizer que essa doutrina é a mais odiada das doutrinas bíblicas. (É igualmente a mais negligenciada e mal-entendida). Isso é trágico porque, na verdade, a doutrina da ira de Deus é *crucial* para entender a recompensa do amor de Deus.

Somente a própria Palavra de Deus pode destruir as mentiras que cercam a veracidade da ira de Deus, que é mais real do que as palavras nesta página.

Não podemos entender nem uma porção da medida do amor de Deus sem um entendimento melhor da medida da Sua ira, que é uma parte dinâmica do Seu amor, paixão e ciúmes pelo nosso bem e integridade. Assim como a doutrina da justiça, à medida que conseguimos ver o grande problema, poderemos ver a grande solução de Deus. Em outras palavras: Enquanto estivermos apáticos e insensíveis à ira ardente de Deus, permaneceremos apáticos e insensíveis à sua proteção absoluta da sua própria ira, por meio do presente da justiça prometido a nós no Evangelho. Quando entendido propriamente, o peso dessa doutrina produzirá profunda gratidão a Deus em nossos corações, o que aumentará imensamente nosso amor por Ele.

Há duas visões distorcidas sobre a ira de Deus e seus julgamentos que devemos lidar.[5] A primeira é muito *pessoal*. Essa visão enfatiza exageradamente a ideia de que a raiva de Deus é como a do homem, com elementos de vingança e retribuição pessoal; Seus propósitos foram interrompidos, então Ele providencia a retaliação. A outra distorção trata a ira e o julgamento de Deus como completamente *impessoais*. Essa visão raciocina que a ira de Deus é um pouco mais do que “pagar o preço” pelo erro; porque existe uma ordem moral no mundo, passiva e subtendida, de que o homem colhe o que planta. Esse mecanismo moral e impessoal não é como a ira de Deus na Bíblia e, além disso, levou as pessoas a crerem que Deus nunca está irado com nenhum indivíduo.

As pessoas sempre se opuseram fortemente à ideia do julgamento irado de Deus. Na verdade, pode-se dizer que a humanidade a *odeia.* Como bem sabemos, nós preferimos criar deuses à nossa própria imagem, para justificar nossa busca por prazeres que estão distantes da vontade de Deus. Ao fazer isso, nos afastamos da verdade, o que nos impede de compreender o

amor e a misericórdia de Deus. Acabamos pensando em Deus como um ditador bravo e irracional, ao invés de enxergarmos a nós mesmos como hereditariamente maus e necessitados de Sua redenção.

As Escrituras atestam que os seres humanos precisam se reconciliar com seu Criador à nível pessoal, e que Ele tem todo o direito de lidar com nossa rebelião com ira, mas em seu amor transbordante Ele providenciou, através de Jesus, um caminho para nos retratarmos. Essa é a boa notícia – se aceitarmos a verdade que a embasa. Precisamos parar de odiar o conceito do julgamento irado de Deus e de abraçar a falsa noção de que somos basicamente bons filhos em conflito com um Pai carrancudo. Tal "evangelho" só torna o cristianismo fraco e antropocêntrico.

Essa é a raiz e o fundamento para a fúria das nações. Quando corações se enfurecem individualmente contra os justos julgamentos de Deus sobre a maldade, injustiça e opressão, logo populações e culturas inteiras começam a se enfurecer contra Deus. A própria ideia de prestarmos contas a Deus por nossas ações, com a terrível consequência da ira divina, desperta emoções profundas e poderosas na alma humana. Se nós cristãos, que propositalmente buscamos amar e seguir a Jesus, temos a tendência de distorcer ou ignorar completamente essa doutrina da ira de Deus, quanto mais os não-cristãos vão ter problemas com ela? Pessoas orgulhosas e mundanas (e em geral, poderosas) preferem viver suas vidas sem levar em conta as potenciais consequências de suas ações pecadoras. Confiantes em si mesmas, elas nunca pensam sobre um dia futuro de prestação de contas no qual os casos serão resolvidos de acordo com um justo Juiz, a quem ninguém pode subornar ou influenciar. Há uma dimensão já-e-ainda-não para a ira de Deus, assim como há para a salvação. Sua ira é manifesta tanto no presente como no futuro.

Através da cruz de Cristo, Deus aponta todas as pessoas para a revelação do Seu amor, misericórdia e bondade, assim como a revelação da Sua ira e juízo contra toda impiedade (atitudes pecadoras em relação a Deus) e injustiça (ações pecadoras contra Deus). Por meio da cruz, Deus estende Seu convite a todos: "Venham e recebam vida de Mim através do arrependimento.

Recebam Meus dons gratuitos de misericórdia e justiça. Eu os amo, e quero que estejam onde Eu estou".

Como Deus estende esse convite, de fato? Como Ele aponta a cruz para as pessoas para receberem Sua oferta de misericórdia e renovo? Ao longo da história, Ele tem feito isso por meio da pregação da Igreja e o forte poder do Espírito Santo na mensagem do Evangelho. Esse é o aspecto "já" na vinda do Seu Reino. E então temos o aspecto "ainda não": o dia futuro em que cada proclamação do Evangelho pela Igreja será cheio de um poder sem precedentes, através do derramar do Espírito Santo que ainda virá.

Naquele dia, as pessoas receberão um convite amplificado para virem e beberem das fontes de amor e misericórdia de Deus. E esse convite amplificado será inevitavelmente associado com as consequências amplificadas de se recusar o convite de Deus, como Paulo observa:

Por isso, você é indesculpável quando julga os outros, não importando quem você é. Pois, naquilo que julga o outro, você está condenando a si mesmo, porque pratica as mesmas coisas que condena. Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade contra os que praticam tais coisas. E você, que condena os que praticam tais coisas, mas faz o mesmo que eles fazem, pensa que conseguirá se livrar do juízo de Deus? Ou será que você despreza a riqueza da bondade, da tolerância e da paciência de Deus, ignorando que a bondade de Deus é que leva você ao arrependimento? Mas, por ser teimoso e ter um coração impenitente, você acumula contra si mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade; mas ira e indignação para os egoístas, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. Tribulação e angústia virão sobre todo aquele que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego; mas haverá glória, honra e paz a todo aquele que pratica o bem, ao judeu primeiro e também ao grego. Porque Deus não trata as pessoas com parcialidade. Assim, todos os que pecaram sem lei também

sem lei perecerão; e todos os que pecaram sob a lei serão julgados pela lei. Porque justos diante de Deus não são aqueles que somente ouvem a lei, mas os que praticam a lei é que serão justificados. Quando, pois, os gentios, que não têm a lei, fazem, por natureza, o que a lei ordena, eles se tornam lei para si mesmos, embora não tenham a lei. Estes mostram a obra da lei gravada no seu coração, o que é confirmado pela consciência deles e pelos seus pensamentos conflitantes, que às vezes os acusam e às vezes os defendem, no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos das pessoas, de acordo com o meu evangelho.

Romanos 2:1-16

Hoje, há um debate contínuo em várias partes da Igreja sobe os julgamentos do Senhor. Uma afirmação é que Deus não julga porque Ele é amor. Porém, as Escrituras nos dão uma imagem completamente diferente: ao longo da Palavra, vemos Deus agindo com julgamento *porque* Ele ama. Ele ama muito a nós e o nosso mundo para nos deixar como estamos. Portanto, Ele age, se move e intervém nos assuntos do homem para remover cada impedimento ao Seu amor.

O Dia do Senhor

Um dos conceitos doutrinários a se considerar enquanto estudamos os justos juízos do Senhor é a doutrina do “Dia do Senhor”, um termo usado quase cem vezes ao longo das Escrituras. O Dia do Senhor é apresentado pelos profetas Isaías, Jeremias, Joel, Sofonias, Zacarias e Malaquias, e depois no Novo Testamento por Jesus e Paulo, como um momento na história em que todas as nações serão forçadas a responder ao Senhor enquanto Ele se revela a todos em poder, majestade e glória.

O Dia do Senhor é a última tempestade que a raça humana enfrentará antes da vinda de Jesus. Tudo será abalado. Enquanto Deus deposita poder em Sua Igreja para proclamar Seu Evangelho para que muitos se arrependam e sejam salvos, as nações se enfurecerão violentamente contra o anúncio do julgamento vindouro. E naquele momento da história Deus agirá de acordo com os alertas dos profetas do Antigo Testamento.

Isso parece injusto e infundado? Aqueles que resistem à ideia de Deus abalando as nações de acordo com a sua fúria, rejeição e rebelião devem se lembrar de que muito antes de Deus vir com Sua grande ira e abalo e juízos cataclísmicos, Ele terá enviado onda após onda de Seus mensageiros do Evangelho. Aqueles de nós que cremos estamos entre esses mensageiros.

Além disso, Ele terá enviado avivamento a uma tempestade de glória para arrebatar a atenção das pessoas, incitá-las a se arrependerem e receberem o dom gratuito do amor, da misericórdia, justiça e do renovo. Dessa forma, Ele terá concedido todas as oportunidades para entender e crer na verdade. Então, a hora do Seu julgamento chegará, mas até em meio a esse momento, Ele oferecerá uma saída. Ele abalará vidas, economias e sistemas progressivamente, em uma série de juízos ao invés de atingir a terra em um ato instantâneo de aniquilação.

Quando entendemos que essa série de tempestades acontecerá sequencialmente, ao longo de um período, permitindo que as pessoas tenham muito tempo para se arrepender e se voltar dos seus caminhos destrutivos, isso nos ajuda a visualizar a ira de Deus de uma perspectiva diferente. Como dito anteriormente, isso nos ajuda a entender melhor o Seu amor e a Sua misericórdia extravagante, quando sabemos que Ele dará até aos piores ofensores bastante tempo para se voltarem e entrarem em Sua bondade de graça.

Deus não irá simplesmente entrar na história e atingir os maus e poderosos com raiva. Com humildade, ternura e grande misericórdia, o Deus de toda a criação, o Criador dos céus e da terra, entrará na história e *defenderá Sua causa entre as nações.*

Quem é esse, nosso Deus tão amoroso, tão extravagante em mostrar Sua misericórdia? O quanto isso não nos faz querer nos render a Ele?

A TEMPESTADE VINDOURA DE AVIVAMENTO

Ao longo da história, Deus escolheu, consistentemente, mostrar Sua grandeza e glória ao expressar Seu poder em (e através de) pessoas fracas e quebradas como eu e você.
Esse é um dos aspectos mais belos da liderança soberana do Senhor sobre a terra, e é como Ele escolhe demonstrar Sua força e Seu poder às nações da terra.

Ao valorizar as coisas fracas e loucas do mundo — os pequenos, ignorados, oprimidos, impotentes e quebrados — coisas que não aparecem nos noticiários ou ganham prêmios na sociedade moderna, Deus vira os valores do mundo de cabeça para baixo. Ele recompensa a fidelidade e a obediência silenciosa, e escuta as orações comovidas daqueles que o adoram. Ele não fica impressionado com homens que se consideram importantes, até mesmo reis e príncipes, porque as únicas coisas que realmente importam eternamente são as que Ele estabeleceu.

Ao escrever o livro de Eclesiastes, o Rei Salomão estabeleceu a apologética mais poderosa já escrita sobre priorizar o que realmente importa no que diz respeito ao nosso tempo, energia e paixões. Ele expôs a tolice, vaidade e falta de sentido de uma vida gasta com ambições vazias na sua frase-chave frequentemente citada: “Vi todas as obras que se fazem debaixo do sol, e eis que tudo é vaidade e correr atrás do vento.” (Ec 1:14) Uma vida gasta na busca de prazer ou legado — mesmo um legado que seja nobre — significa muito trabalho árduo e estresse. E para quê? Uma vez que você morre, tudo se esvai. “Tudo é vaidade”. Os únicos trabalhos que valem a pena realizar são aqueles direcionados ao único e verdadeiro Rei. Esses são significativos porque durarão por toda a eternidade. Salomão escreveu: “Sei que tudo o que Deus faz durará eternamente, sem que nada possa ser acrescentado nem tirado, e que Deus faz isto para que as pessoas o temam.” (Ec 3:14) Quando veio à terra, o Filho de Deus se tornou a própria sabedoria de Deus. Pelos relatos do Novo Testamento, sabemos muitos detalhes sobre

as Suas três décadas de vida que culminaram em uma crucificação desonrosa. Aos olhos do mundo, Seus feitos pareciam tolos e um desperdício. Mas nós, que o conhecemos e o seguimos como nosso amado Senhor e Salvador, reconhecemos que nenhuma de Suas palavras falharam e que seus feitos são maiores do que os de qualquer pessoa em toda a história da civilização. E agora, aqui está o Pai, convocando os discípulos dispostos de Jesus, nós que buscamos adotar Seus valores, com fé e amor, e ir ao mundo propagar a sabedoria da vida, morte e ressurreição de Jesus. Os discípulos de Jesus eram um grupo diferenciado de pessoas muito fracas. Somente poucos de nós ocupamos posições de importância aos olhos do mundo. O simples fato de estarmos dispostos a aderir à mensagem do Evangelho e suportar o sofrimento com alegria expõe a futilidade dos poderosos que recebem aclamação no mundo.

Ao longo das Escrituras, lemos sobre o desejo de Deus de remover o poder daqueles que não são dignos de exercê-lo — opressores injustos que se aproveitam dos pobres para construir sua própria riqueza e seu conforto — e dar esse poder aos “santos do Altíssimo” e aos “mansos e humildes” da terra”.[1] O plano do Pai desde o início é ter um povo para Si que Ele possa apresentar ao Seu Filho como uma companhia eterna. [2] A Bíblia fala da Noiva de Cristo como sendo os redimidos por Deus — aqueles que estão salvos, santificados e maduros em amor. Essa maturidade se desenvolve ao longo de uma vida respondendo em amor à Sua obra e graça. Com o passar dos seus anos de vida na terra, cristãos são transformados individualmente à semelhança de Cristo, e coletivamente eles formam a Igreja.

Essa transformação é um processo que dura toda uma vida. Do nosso ponto de vista, pode parecer devagar e quase imperceptível, mas é eficaz. O Pai toma seres humanos superficiais, imaturos e egocêntricos e os torna amigos apaixonados de Jesus que dariam suas vidas para servi-lo de todo o coração. Esses são aqueles a quem o Pai deseja dar uma grande herança; eles governarão sobre a terra ao lado de Jesus, o Rei que virá. Sendo mansos e humildes na terra, não enxergam o poder como uma oportunidade de

enriquecimento pessoal, mas sim uma oportunidade de abençoar e servir outros.

O Conflito de Poder: Perda e Ganho

Quando Paulo falou sobre Deus usar “as coisas loucas e fracas do mundo” para envergonhar as sábias e as fortes, isso implica em os fortes orgulhosos serem rebaixados e tirados do seu *status* e controle (ver 1 Co 1:27). Senhores opressores e indignos devem se tornar subordinados.

Paulo não está falando de uma hipótese futura. Tais conflitos de poder ocorrem quando Deus se move para retirar o poder de um grupo e dar a outro. Esse foi o motivo que deixou os fariseus e saduceus tão irados com Jesus, principalmente quando Ele entrou em Jerusalém, a capital de Israel, no auge do Seu ministério e notoriedade entre o povo. Em um confronto específico com Jesus, eles desafiaram a sua autoridade na frente do povo, e Jesus respondeu com Sua parábola sobre o dono de terras que se ausentou e seus servos — e no fim, seu próprio filho — foram mortos um após o outros pelos lavradores maus (ver Mt 21:33-44). E “Quando os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas de Jesus, compreenderam que ele falava a respeito deles. E procuravam um meio de prendê-lo; mas tinham medo das multidões, pois elas o consideravam profeta.” (Mt 21:45-46) Os fariseus não gostaram do que Jesus disse, e eles entenderam as implicações da parábola, a ameaça que Jesus representava ao seu poder. Quer acreditassem ou não que Ele fosse quem afirmava ser, eles estavam com “medo das multidões”, o que mostra sua compreensão dos fatos: a influência de Jesus sobre as massas dava-Lhe poder — estava claro que a continuidade deles no poder não era um aspecto em Seus planos futuros.

Esse é um elemento da narrativa por trás da crucificação de Cristo que raramente levamos em conta. Para os líderes religiosos judeus terem prendido Jesus e o executado perante Roma como traidor eles se arriscaram consideravelmente. Em geral, os líderes

judeus que cuidavam dos assuntos religiosos de Israel preferiam evitar interações com Roma, e viviam aterrorizados pela sempre presente espada da justiça romana. Portanto, para esses líderes religiosos irem e apelarem ao poder e autoridade de Roma para lidar com a ameaça que Jesus representava diz muito sobre o seu medo de perder o poder e a autoridade por causa desse rabino itinerante.

Então, a questão que nós precisamos lidar como Igreja é o desejo estabelecido por nosso Deus de tirar e de dar o poder, e o que os maus e indignos que hoje o possuem pretender fazer sobre isso.

O Derramamento Global do Espírito Santo

“E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias. Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o Senhor prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o Senhor chamar.”

Joel 2:28-32, ARA

Joel 2:28-32 contém uma das promessas de Deus mais poderosas da Bíblia. A profecia de Joel diz que Deus irá, no fim da era, derramar Seu Espírito sobre toda a carne em toda a terra. Joel descreve um derramar global do Espírito Santo sobre a terra, de um jeito que nunca vimos antes, e ele profetiza sobre quatro expressões significativas do poder de Deus que acontecerão ao mesmo tempo. Essas quatro expressões do poder de Deus serão seguidas por uma maravilhosa e terrível resposta por parte das nações e também por uma explosão sem precedentes da bênção de Deus sobre Seu povo. Quais são essas quatro expressões do poder de Deus?

Como vou continuar explicando no restante deste capítulo, são estas:

1. Ativação e engajamento global da Igreja.
2. Sinais e maravilhas que abalam céus e a terra.
3. Salvação global para todos os que respondem ao Senhor.
4. Oração, missões e avivamento que despertam e provocam as nações.

Ao longo da história da Igreja, começando com os relatos do livro de Atos, avivamentos aconteceram em escala local, regional e nacional. Nos últimos séculos, vimos avivamentos notáveis, incluindo o Primeiro e o Segundo Grande Despertamento, o avivamento de Gales, o avivamento das Ilhas Hébridas e o *Jesus Movement* (Movimento de Jesus). Porém, ainda não vimos um avivamento global como o profetizado por Joel. O derramar do Espírito Santo descrito por Joel vai muito além das experiências que conhecemos, por mais maravilhosas que sejam. Em avivamentos passados, o dom da habitação do Espírito Santo foi ativado em grandes números de pessoas, mas Joel descreve um mover global de Deus sem precedentes.

Alguns entendem que essa passagem está falando do derramar do Espírito Santo sobre os 120 discípulos no cenáculo, em Pentecostes, porque o apóstolo Pedro usa a profecia de Joel para explicar às multidões o que estava acontecendo (ver At 2:1-21). Porém, é mais provável que Pedro estivesse usando a promessa de um futuro derramar global do Espírito Santo sobre toda a carne para contextualizar e esclarecer um derramar local do Espírito sobre algumas carnes. Estão faltando muitos detalhes da profecia de Joel no derramar do Espírito sobre a Igreja primitiva de Atos 2.

Joel 2:28-3:21 registra uma profecia contínua que fala de um evento abrangente que tem consequências e impacto de significância global. Talvez nosso conhecimento desses muitos derramamentos preliminares do Espírito pode nos ajudar a imaginar como seria. Tome um desses avivamentos históricos que você conhece e pense nele multiplicado por mil, em escala mundial — por todas as nações, todos os continentes, todo lugar onde as pessoas vivem. Imagine o poder fenomenal do Espírito Santo sendo derramado por todo o planeta em cada vilarejo, cidade e metrópole,

em fazendas isoladas e em florestas, a bordo de todos os navios e aviões — simultaneamente. Como seria uma combinação do dia de Pentecostes, o Primeiro Grande Despertamento e o avivamento da Rua Azuza acontecendo em todos os lugares da terra ao mesmo tempo?

Ativação e engajamento global da Igreja

O primeiro sinal de que Joel está descrevendo um avivamento singular é o alto nível de engajamento do povo de Deus. Será uma ativação do povo de Deus, jovens e velhos. Cada um dos cristãos da terra estará em total concordância com Deus, em plena unidade um com o outro em linhas culturais e denominacionais (ver Ef 4:13). O uso dos termos “velhos” e “jovens” por Joel fala da extensão do poder de Deus sobre cristãos comuns. Na época do profeta Joel, não havia isso; sabia-se que o poder do Espírito Santo só vinha sobre alguns poucos homens e mulheres para o cumprimento de funções ou tarefas específicas. Em qualquer geração, somente um ou dois indivíduos seriam selecionados para tal honra. Aqui, Joel está visando um tempo futuro em que o povo de Deus será ungido com um espírito de profecia incomum para participar, com autoridade e poder, do que Deus está fazendo na terra.

Precisamos perceber a diferença, ao longo das Escrituras, entre o “Espírito Santo dentro de” e o “Espírito Santo sobre”. O último era o padrão do Antigo Testamento. Como cristãos da Nova Aliança, desfrutamos de uma união dinâmica de Deus com a Igreja através da habitação do Espírito Santo em nosso ser mais interior. Essa nova forma profunda e gloriosa de ser surge do dom gratuito da justificação de Jesus Cristo. É uma bela e poderosa união interior do nosso espírito com o Espírito de Deus. Paulo falou sobre os que creem em Jesus serem selados com “o Espírito Santo da promessa, o penhor da nossa herança, até o resgate da sua propriedade” (Ef 1:13-14). A habitação do Espírito Santo é o sinal e o selo da Nova Aliança com Deus para os que creem, o que nos concede grande garantia do nosso destino eterno com Cristo nos dias que estão por vir e nossa posição em Cristo agora mesmo. Cristo em nós é a nossa maior esperança, e muita da confiança que temos em nosso

dia a dia provém desse fato. Ser a habitação do Espírito Santo não era a experiência dos profetas e outros retratados no Antigo Testamento.[3]

De acordo com Joel, nos últimos dias o Senhor irá empoderar *todos* os que amam a Jesus com o poder do Espírito Santo. Ao encher o seu povo com o poder do Espírito Santo para realizar milagres, curas e mais, Deus pretende capturar a atenção do mundo inteiro — os egocêntricos, poderosos, pobres, quebrados, oprimidos e os perdidos. Essa é uma imagem maravilhosa da dimensão e abrangência do coração e do plano do Senhor. Nossa análise anterior de Salmos 2 e Mateus 24 confirma a dimensão do alcance de Deus naquele dia: *todos* os reis e governantes da terra terão ouvido sobre o Rei ungido cuja herança é as nações da terra — todas as nações odiarão a Igreja por causa do nome de Jesus.

É comovente e sensato imaginar esse tempo que virá. A Igreja em todo o mundo — cada santo, cada denominação, em toda a tribo e língua — estará unificada em sua proclamação sobre o Rei que está voltando, e a mensagem da Sua vinda será marcada com poder do Espírito Santo sem precedentes para capturar a atenção das pessoas em relação à mensagem. Além disso, eles também devem enfrentar uma oposição forte e sem igual.

Sinais e maravilhas que abalam céus e terra

Além da ativação e engajamento dos santos, Joel também falou sobre o extraordinário alcance do poder de Deus que virá sobre Seu povo nos dias por vir. Joel proclama que maravilhas sobrenaturais nunca vistas na história do mundo irão abalar as nações e capturar a atenção das pessoas.[4] Deus empodera o Seu povo com uma mensagem tão gloriosa que as nações irão crer e responder à Sua misericórdia.

Muito mais tarde, o profeta Ageu fez uma declaração parecida: “Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: ‘Daqui a pouco, mais uma vez eu farei tremer o céu, a terra, o mar e a terra seca. Farei tremer todas as nações, e serão trazidas as coisas preciosas de todas as nações” (Ag 2:6-7). O autor de Hebreus repetiu a profecia de Ageu, se referindo a ela como uma promessa do Senhor para remover

todas as coisas que poderiam ser abaladas “para que permaneçam as coisas que não podem ser abaladas” (Hb 12:27). Os profetas estão prevendo uma futura invasão do poder de Deus sobre a terra, sem precedentes na história e quase que inimaginável em seu tamanho e impacto. É difícil para nós imaginar um avivamento como o do livro de Atos acontecendo mundialmente e não meramente em uma cidade e ou uma região. Adicione a isso sinais e maravilhas no nível do livro de Êxodo acontecendo globalmente enquanto ocorre o derramar do Espírito Santo, e fica ainda mais difícil de imaginar. A magnitude do que a Bíblia descreve sobre os dias que virão é grande demais para nossa mente limitada visualizar.

Ainda assim, nossas limitações não irão impedir o progresso da vontade de Deus. Ele deseja que toda a terra veja a Sua glória. Sua paixão tanto pelas pessoas que habitam em cada nação quanto pela retomada e transformação dos lugares em que elas habitam é imparável. A intensidade do desejo de Deus de habitar entre nós entra em contraste com a intensidade da Sua santidade, o que requer distância de nós até que todas as coisas estejam restauradas e feitas novas. A terra deve ser transformada em um lugar de descanso para o Senhor para que Ele possa habitar aqui com o Seu povo para sempre (ver Ap 21:3).

O final da nossa história, nessa era, é o momento glorioso em que o céu desce à terra — Jesus voltando em santidade ardente e incomparável majestade.

É vital reafirmar que o desejo de Deus não é que alguém pereça, mas que todos se arrependam e cheguem ao conhecimento da verdade, que todos sejam salvos do julgamento, do abalo e da ira que está por vir (ver 2 Pe 3:9). É por isso que a profecia de Joel deixa tão claro que a intenção de Deus por trás do derramamento do Espírito sobre os santos e a Sua distribuição mundial de sinais e maravilhas extraordinários não é para que o povo seja condenado, mas para que sejam salvos para desfrutar da vida dentro da família de Deus, sob o governo dinâmico de Cristo, o Rei.

Salvação global para todos os que respondem ao Senhor

O objetivo do derramar global do Espírito Santo é a salvação de todos os seres humanos que veem e ouvem e creem: “E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo” (ver Jl 2:32a). Todos os horrores e sinais nos céus e na terra acontecerão com um propósito: provocar a raça humana a clamar ao Senhor por salvação. Mas será que esse fenômeno de derramamento global culminará em um arrependimento global como resposta? Não de acordo com a profecia de Joel. Ele nos diz que sobreviventes responderão e serão salvos (ver Joel 2:32b). E o restante da humanidade?

Como responderão?

Como essa tempestade de glória provará ser maior que todos os avivamentos da história da Igreja juntos, nós tendemos a romantizar tanto a amplitude, quanto o custo. Novamente, estávamos falando de um avivamento similar ao do Primeiro e Segundo Grande Despertamento, mas muito maior em intensidade e de amplitude global. Como esse avivamento está além de nossa capacidade imaginativa, podemos banalizar o assunto ou ignorá-lo completamente. Ou então, em nossa romantização, podemos ver nessa presença e poder de Deus a solução para a nossa frustração com a Igreja. Impacientes com a demora, esquecemos que Deus está continuamente trabalhando para preparar o caminho, e que Ele insiste em preparar a Sua Igreja para o Seu Dia e a fúria que Ele vê claramente no coração humano. Ele não é ignorante nem sentimental sobre a tempestade de avivamento no horizonte e o que ela significa para o Seu povo.

Portanto, a melhor coisa que podemos fazer é encorajar uns aos outros a estarmos preparados e posicionarmos nossos corações em um envolvimento mais profundo com a liderança do Senhor. A liderança d’Ele em nossas vidas garante que podemos encarar os desafios dessa intensidade futura com uma doce simplicidade. Nosso pequeno e simples “sim” de obediência ao Senhor nos posiciona em um fundamento certo em tempos incertos. Podemos e devemos desenvolver uma cultura de paciência no esperar pelo Senhor e persistência em se envolver com Ele à medida que crescemos em amor e determinação, permanecendo fiéis em oração ao longo de décadas.

As nações se despertam e são provocadas

Uma vez que entendemos a dificuldade de imaginar um avivamento global e o seu impacto nas nações (e a resposta dos povos), o que nos ajuda é aprender as lições do passado para entender nosso futuro. O livro de Atos é a forma mais fácil de começar a entender a profecia de Joel e os eventos dramáticos descritos em Joel 2 e muitas outras passagens. O livro de Atos é uma amostra local e municipal de um derramamento global do Espírito e da reação das nações a isso. O que também me ajuda é pensar no livro de Apocalipse — que intimida muitos cristãos com dificuldade de lê-lo e entendê-lo — como o "livro de Atos no fim dos tempos, em escala global".

Porém me parece que os cristãos que utilizam o livro de Atos como modelo para seu ministério e para a atividade do Espírito enfatizam, sem intenção, apenas os elementos positivos do relato de Lucas. Porém vejo que acontece o contrário em relação ao livro de Apocalipse, onde os cristãos veem o encontro de João com Jesus sobre o futuro como negativo ou intenso, em sua maioria, e não conseguem compreender a beleza e a vitória contida em suas páginas. Portanto, precisamos de ambos os relatos como um modelo para o nosso futuro global. Precisamos absorver e contextualizar os elementos negativos e intensos da narrativa em paralelo com os aspectos esperançosos, belos e vitoriosos do futuro.

Como analisamos anteriormente, em Atos 2:16-21 Pedro faz uma referência à Joel 2:28-32 para explicar o derramamento do Espírito Santo sobre a cidade de Jerusalém. Novamente, ele não estava dizendo "a profecia de Joel agora se cumpriu e se realizou" no derramamento de Pentecostes. Ele estava ajudando os judeus da cidade a entenderem o que estava acontecendo com eles à luz daquela promessa. Em outras palavras, Pedro estava dizendo "Isso é o *começo* daquilo", e o que ainda está por vir plenamente, de acordo com a promessa de Joel 2-3, estava começando a se desdobrar. O tipo de derramamento do Espírito em glória e poder que acontecerá em toda a terra estava acontecendo em menor grau

(mas muito profundamente) em um nível municipal, no segundo capítulo de Atos.

Como Jerusalém respondeu? Como prometido por Joel, o derramamento do Espírito Santo, a ativação e o engajamento do povo de Deus, e o poder e a glória de Deus sobre o Evangelho levou a milhares de salvações em Jerusalém (três mil inicialmente) com muitos sendo adicionados diariamente (ver At 2:40-47). Entretanto, a glória e o poder de Deus sobre a igreja também produziram medo em todos na cidade e grande fúria e perseguição por parte da liderança da cidade (ver At 5). Porém, mesmo em meio à perseguição havia graça para oração, muita ousadia e profunda unidade.

Enquanto a tempestade de glória explodiu em Jerusalém, Salmos 2 se tornou uma fonte de esperança e conforto para a Igreja primitiva (ver At 4:25-26). Os líderes da Igreja primitiva não ficaram surpresos com a resposta de Jerusalém à liderança e poder do Espírito Santo. Eles entenderam que o pronunciamento da chegada do verdadeiro Rei de Israel, apontada pela Sua ressurreição e pelo derramamento do Espírito Santo — causaria o efeito de enfurecer os líderes da cidade e incitá-los a perseguir a Igreja. Portanto, eles esperavam a retaliação e a revolta, e estavam preparados para resistir à perseguição com confiança e fé.

Como você entende e conta a história do livro de Atos? Qual é a natureza e o impacto do Evangelho que você prega? Você foca mais nas dimensões positivas e de poder, romantizando a glória e ignorando ou buscando escapar da tribulação? Ou você foca mais das dinâmicas negativas, se afastando, então, da mensagem e do poder de Deus por causa da bagunça que ela causa?

Moveres do Espírito Santo

Outra questão ardente: Como podemos ser tão ousados e tão confiantes em esperar que o tipo de avivamento previsto por Joel venha em nosso tempo de vida?

Há uma dimensão desconhecida e profundamente soberana para avivamentos de qualquer tipo. Ninguém pode fazer Deus

mover ou derramar Seu Espírito sobre uma região ou um povo. A natureza soberana do avivamento e a história dos moveres do Espírito Santo pode levar líderes e frequentadores de igreja a ter uma atitude *laissez-faire* em relação ao assunto. Se o avivamento está completamente nas mãos de Deus, por que deveríamos nos preocupar com essas coisas? Qual a relevância desse assunto para a minha vida diária se ninguém sabe se isso será amanhã ou em um futuro distante?

Assim como o assunto da Segunda Vinda, falar sobre avivamento pode ser muito importante, mas muitos de nós não veem como urgente o suficiente para dedicar muito do nosso tempo e atenção. Mesmo assim, acredito que as questões pertinentes são: Quando esse avivamento acontecerá? É possível que isso impacte nossas vidas em nosso tempo? Para entender avivamento e o futuro derramamento do Espírito Santo, pode ser instrutivo olhar para os cem anos passados da nossa história.

Em 1722, quando o Iluminismo estava começando a florescer na Europa, um jovem nobre rico e dono de terras chamado Conde Nicolau Ludwig von Zinzendorf abriu sua propriedade para providenciar asilo e uma comunidade cristã para minorias religiosas que haviam sido oprimidas pela Igreja Católica. Um grupo de jovens protestantes morávios encontrou seu caminho à sua porta e juntos fundaram uma vila chamada Herrnhut, que significa “Debaixo da Proteção do Senhor” ou “A Vigilância do Senhor”. Foi nesse terreno, depois de um derramar significativo do Espírito Santo, em 13 de agosto de 1727, que Zinzendorf e sua comunidade morávia começaram a se doar em turnos de oração dia-e-noite que continuariam por um século. Zinzendorf ansiava por uma “religião do coração” apaixonada e piedosa, que acalentaria a expressão fria do pensamento religioso que sobrepôs a Reforma, como uma consequência da filosofia iluminista. Esses turnos de oração de Herrnhut se tornaram uma fonte de poder espiritual que acendeu chamas de missões e avivamento da Inglaterra e das colônias norte-americanas aos confins da terra.

As primeiras iniciativas missionárias protestantes nasceram desses turnos de oração. Sessenta anos antes do missionário pioneiro na Índia, William Carey, que foi inspirado pelo zelo

missionário dos morávios, setenta jovens morávios dessa comunidade de seiscentos responderam ao chamado de levar o Evangelho aos confins da terra, fazendo a famosa declaração de que o seu objetivo era que “o Cordeiro que foi imolado receba a recompensa por seu Sacrifício”. A chama da oração dia-e-noite deram início à uma explosão de missões protestantes nos trezentos anos seguintes. Essa foi uma ilustração mais dramática da eficácia da oração intercessora contínua. A propagação do cristianismo, historicamente, tem sido movida pela oração, desde a oração prolongada no cenáculo antes de Pentecostes até o seguinte milênio desde então.

Os turnos de oração dos morávios e seus frutos na vida dos missionários que vierem deles causaram um impacto significativo em John Wesley, fundador dos Metodistas na Inglaterra, e também durante o Primeiro Grande Despertamento, no qual os fogos de avivamento tomaram as colônias norte-americanas e a Grã-Bretanha. Para cada avivamento ou derramamento significativo do poder do Espírito Santo que causa impacto em uma região — penso em Cornwall, País de Gales, as ilhas Hébridas, Cane Rigde em Kentucky, a Rua Azuza na Califórnia e muito mais — há uma história de oração e intercessão por trás. E pensar que tudo começou com um pequeno, porém insistente, turno de oração dia-e-noite na Alemanha.

Então, ao longo da história da Igreja, há uma conexão dinâmica entre oração, missões e avivamento. Entretanto, esses esforços concentrados para orar são esporádicos e raros. Quando eles brotam entre o povo de Deus, a oração incessante produz um profundo desejo por Deus e um zelo pelos perdidos — e um subsequente alcance missionário que é movido por um derramamento do Espírito Santo.

O que é notável nesse padrão de atividade divina é que Jesus falou sobre a oração dia-e-noite, missões sem precedentes e avivamento em Jerusalém como as atividades globais e eclesiásticas que antecederiam o Seu retorno.[5] Jesus estabelece o padrão em Seu ensino anterior ao livro de Atos, e depois, mais tarde, a história da Igreja ilustrou esse inter-relacionamento entre oração, missões e o poder de Deus. Tudo isso serve como uma

amostra da expressão conclusiva daquilo que os profetas e Jesus predisseram — um movimento final e global de oração, adoração e missões que irá liberar o avivamento mais abrangente em todos os registros da história, seguido do mais importante de todos: o avivamento de Jerusalém que anuncia a vinda do Messias na plenitude de Sua glória para governar naquela cidade.

Essa é, então, a grande questão diante dessa geração: Estamos vivendo na geração do retorno do Senhor? Vivemos em dias nos quais há mais expressões de oração dia-e-noite do que já houve antes. Temos mais ajuntamentos de oração, reuniões de oração, casas de oração e outras expressões de oração incessante do que qualquer outro momento na história da Igreja. Um líder nos confidenciou de forma privada que, em suas décadas de registros sobre oração na Igreja, ele nunca viu mais expressões de oração coletiva do que ele tem visto na última década. De acordo com o seu registro, ele estimou que devem existir mais de 10 mil casas de oração pelo mundo neste exato momento. Líderes de missão demonstram o mesmo entusiasmo sobre a atual expressão de obra missionária acontecendo mundialmente. Nunca houve um tempo como o nosso para evangelismo e a propagação do Evangelho.

Isso inclui a obra do Evangelho, oração e missões em Israel e Jerusalém. Oração dia-e-noite voltou à Jerusalém pela primeira vez desde a era do Rei Davi. A grande questão da iminência da volta do Senhor é informada pelo desenvolvimento desses movimentos de oração, de missões e em Israel. O próprio Jesus conectou-os ao Seu retorno. Poderia ser o caso desse volume de oração sem precedentes, alcance através de missões, e impacto do Evangelho em Israel estarem sinalizando o tão esperado avivamento global. O Espírito nos convida a prestar atenção e começar a preparar nossas vidas de acordo, porque o avivamento sempre segue a oração, e a fúria sempre segue o avivamento.

Se uma reunião de oração dia-e-noite na Alemanha no século XVIII foi a faísca que deu início a chama de um dos avivamentos e movimentos de missões mais significativos da história, o que Deus poderia estar se preparando para fazer com, talvez, 10 mil reuniões de oração dia-e-noite? O fato de missionários estarem relatando um aumento sem precedentes de salvações, sinais e maravilhas pela

terra e da oração incessante estar aumentando (até mesmo em Jerusalém) nos força a enfrentar as implicações pessoais disso. O Espírito Santo nos convida a prestar atenção e começar a preparar nossas vidas de acordo. A tempestade de avivamento está vindo.

A TEMPESTADE VINDOURA DE FÚRIA

Por que se enfurecem as nações e os povos imaginam coisas vãs? Os reis da terra se levantam, e as autoridades conspiram contra o Senhor e contra o seu Ungido, dizendo: “Vamos romper os seus laços e sacudir de nós as suas algemas.”

Salmos 2:1-3

As Escrituras e a história da redenção providenciam uma imagem clara do grande dilema: Quanto mais Deus interage diretamente com as pessoas da terra, mais as pessoas resistem, se rebelam e se enfurecem contra Ele. Nosso Deus é um Deus que ama as pessoas e anseia por estar com elas de forma íntima e dinâmica. Porém, desde a queda do homem no Jardim do Éden, as interações de Deus com os seres humanos têm sido muito influenciadas pelo o que Paulo chamou de “o mistério da iniquidade” (2 Ts 2:7). O grande mistério ao qual Paulo se refere nesse versículo é o mistério da fúria contra o Criador escondida em uma humanidade caída. Não é lógico nem racional seres humanos odiarem e rejeitarem um Deus que é tão bondoso, misericordioso, amoroso, paciente e belo quanto o Deus da Bíblia. Ainda assim, por milênios as pessoas carregaram em seus corações sementes de profundo descontentamento com a soberania e o poder de Deus, e até a Sua existência. Desde a Queda no Jardim do Éden, quanto mais Deus se aproxima da raça humana, mais a raça humana o afasta com raiva e intensidade.

Isso é menos verdadeiro para os homens e mulheres transformados que, com o tempo, se tornam cheios da Palavra de Deus e do Espírito de Deus. Homens e mulheres transformados se tornam embaixadores do poder e da justiça de Deus em meio a um mundo caído, quebrado e iníquo. Essa é uma das maneiras da luz de Jesus brilhar em meio à escuridão do mundo, a “verdadeira Luz que ilumina toda a humanidade” (Jo 1:9).

O problema se encontra no fato de que, apesar da luz ter vindo ao mundo, as pessoas amaram mais a escuridão do que a luz porque suas obras são más (ver Jo 3:19-20). Isso resume a raiz da fúria e raiva humana contra Deus (e a autojustificação humana). Nós justificamos nossos medos e inclinações. Queremos a liberdade para seguir nossos corações e nos tornar o que acreditamos ser nossos autênticos e verdadeiros "eus".

A pessoa transformada pelo amor de Deus pode se tornar irritante para os outros porque a luz de Deus expõe o amor pelas trevas ao qual o homem se apega obstinadamente. Isso pode levar a conflito, frustração e dinâmicas sociais constrangedoras ou difíceis para o indivíduo que foi mudado pelo poder de Deus.

Mesmo assim, raramente vemos, em um nível individual, a expressão de fúria descrita da Bíblia como parte da experiência cristã.[1] Como homens e mulheres sobre quem Jesus falou, aqueles que amam as trevas e portanto odeiam a luz, se tornam nações inteiras que, com o tempo, se enfurecem contra o Deus vivo, Seu Filho e a Sua Igreja? Como é possível as nações da terra se tornarem unificadas em sua fúria contra o Deus de Israel? Novamente, a questão tem relação com o poder – quem o possui, como é expresso e como afeta a maneira que cada homem, mulher e criança vive sua vida na terra.

Davi e a Fúria das Nações

Em seu segundo salmo, o Rei Davi nos concede uma imagem vívida do nosso futuro ao descrever um período de colaboração global contra o Deus de Israel. Esse salmo é uma antiga canção sobre a fúria das nações. Ele retrata um terrível momento de clímax na jornada de milênios percorrida pela humanidade para se afastar propositalmente de Deus. A grande surpresa revelada por Davi é algo maior do que "o homem odeia Deus" ou "indivíduos se enfurecem contra Deus em suas almas". Esta é uma canção sobre as atitudes tomadas pelas nações, juntas em uma posição de fúria *unificada* — calculada e coordenada — vindo contra Deus de todos os lugares da terra em um momento na história. Isso, então, é um

cenário bem diferente para a Igreja lidar. Como pode ser? Como as nações ficarão unificadas em sua fúria calculada contra Deus?

O que isso significa para a Igreja?

A canção de Davi faz uma declaração ousada sobre o futuro, visualizando um momento no tempo em que as nações da terra, unidas em sua fervente raiva contra Deus, estão para irromper em uma fervente tempestade. O motivo e objeto de sua raiva é o Ungido de Deus, ou Seu Rei escolhido e prometido. A implicação desse texto é que essa é uma canção sobre a vinda do Messias de Israel, o filho prometido de Davi, que governaria Israel com grande poder e autoridade, diante de quem as nações da terra se prostrariam (ver Is 2:1-4). Por um decreto divino, o Seu governo se estende além de Israel para todas as nações da terra. Os hebreus antigos entendiam que o domínio do Messias seria “de mar a mar” e se estenderia “até confins da terra” (Sl 72:8). Na canção de Davi sobre a fúria das nações, parece que os reis das nações do mundo entendem bem as intenções de Deus e do Seu Rei escolhido.

Davi profetizou nessa canção que a vinda do Messias era uma gloriosa notícia para a terra. Em Salmos 72, Davi cantou sobre o governo reto e justo do Rei Messiânico, trazendo justiça aos pobres e destruindo os opressores da terra. Será Ele quem trará a verdadeira paz à terra ao enchê-la da glória do Deus de Israel; todas as pessoas da terra serão abençoadas pela Sua liderança, logo, bendirão o seu nome (vers. 17-18). Ambas oração e adoração a Ele serão levantadas repetidamente (vers. 15) à medida que Ele ajuda aqueles que não tem ajuda e servem os pobres e oprimidos por todo o mundo. Portanto, como em Salmos 2, a escolha do Messias para o seu governo legítimo é motivo de regozijo e celebração ao invés de desprezo e guerra.

Davi contrasta a era de paz global e unidade, na qual os pobres têm no justo Rei de Israel[2] um advogado compassivo (e na qual todos os povos irão clamar a Ele em oração incessantemente enquanto Ele governa pelo poder e unção do Espírito Santo[3]) para a era predecessora de falsa paz e segurança [4], que terá sido um tempo de fúria unificada globalmente contra Deus antes da vinda do Seu Messias. Durante o tempo de fúria unificada, os reis terão

oprimido os pobres e os necessitados [5] enquanto buscam acumular poder e destruir os planos de Deus.

Há um dia vindouro, de acordo com Davi, no qual os reis poderosos e corruptos se posicionarão contra o Senhor e o Seu Rei Ungido. Nesse dia vindouro, os governantes se amotinarão para quebrar as restrições de Deus contra suas ações. O que Davi escreve aqui é difícil de imaginarmos, porque descreve um futuro em que haverá uma rebelião coordenada, calculada em toda a terra contra o Deus de Israel e o Seu Rei escolhido. Para isso acontecer, algumas outras coisas precisam ser verdade, como estas:

- Os reis e governantes das nações da terra teriam que considerar seriamente a existência, imanência e poder do Deus de Israel.
- Esses reis e governantes ficariam furiosos porque acreditam que o Deus de Israel apresenta uma ameaça clara e presente ao seu poder e autonomia já estabelecidos.
- Os reis e governantes das nações da terra teriam ouvido nos noticiários sobre a vinda de Jesus para governar como o Escolhido de Deus para ser o Rei legítimo de Israel.
- Os reis e governantes da terra ficariam furiosos porque acreditam que Ele representa uma ameaça real aos seus sistemas de autonomia, poder e valores.
- Enfurecidos e desejando se livrar das “correntes” do Deus de Israel e Seu Rei escolhido, os reis e governantes da terra se uniriam em uma conspiração para destronar Aquele que está vindo para governar.

Essas declarações representam desdobramentos impressionantes! É difícil para nós imaginar reis, governantes, governadores e presidentes concordando em alguma coisa a não ser suas ideologias políticas pré-estabelecidas e interesses nacionais. Ainda assim, Davi está dizendo que virá uma ameaça ao seu poder e autoridade que transcenderá seus partidos políticos e ideologias, um inimigo comum que os unirá em fúria e rebelião.

Salmos 2 serve como uma introdução crítica ao drama da vinda de Jesus, porque proporciona uma imagem clara dos eventos que antecedem Seu retorno. Por trás da narrativa dessa canção está

uma implicação que é declarada mais explicitamente em outro lugar, a saber, “Como os reis e governantes *saberão*?”

Como saberão sobre o Deus de Israel, as suas intenções e planos, a nomeação de Jesus ao trono de Israel e a vinda de Jesus para reivindicar o trono? Qual é a resposta para a pergunta retórica no início do salmo: “Por que se enfurecem as nações?” (Sl 2:1). Davi começou a sua canção perto do clímax da história, em algum lugar logo antes do momento em que o Deus-homem, Jesus de Nazaré, rasga os céus em fogo e vingança.[6] Ele começa no meio da ação, quando os reis estão enfurecidos e os governantes fazendo planos para destronar a Deus. Davi não está perguntando “por quê” para deixar um mistério ao leitor, ele está perguntando: “Por que as nações se engajariam em uma empreitada tão cômica e ilusória?”

É por isso que a pergunta retórica é seguida de uma risada debochada de Deus lá dos céus — essa revolta é a obra de formigas tentando derrubar uma montanha. O salmo é um chamado aos reis e governantes do mundo a se curvarem e dar sua lealdade irrestrita ao Rei de Israel que vem, a colocar um fim em sua fúria tola contra o momento inevitável em que Deus dará as nações a Jesus quando Ele voltar, porque elas são d’Ele por direito:

O rei diz: “Proclamarei o decreto do Senhor. Ele me disse: ‘Você é meu Filho, hoje eu gerei você. Peça, e eu lhe darei as nações por herança e as extremidades da terra por sua possessão. Com uma vara de ferro você as quebrará e as despedaçará como um vaso de oleiro.’”

Salmos 2:7-9

Ao começar pelo meio, Davi joga a audiência direto na fogueira da fúria das nações contra Deus e da rejeição dos Seus planos e desejos. Ainda assim, para o leitor moderno, a pergunta permanece: Como eles sabem os planos de Deus?

Jesus e a Perseguição à Igreja

Outro aspecto da fúria das nações se encontra em Mateus 24, onde, assim como no salmo de Davi, Jesus nos dá uma imagem de

um futuro no qual todas as nações estarão unidas em seu ódio — dessa vez, seu ódio pela Igreja.

Vocês serão entregues para serem maltratados e eles os matarão. Vocês serão odiados por todas as nações por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros. Muitos falsos profetas se levantarão e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a maldade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que ficar firme até o fim, esse será salvo. E será pregado este evangelho do Reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim.

Mateus 24:9-14

Na descrição de Jesus sobre o futuro, a Igreja será desprezada em todo o globo porque o nome de Jesus será muito desprezado. A associação de Jesus com a Sua Igreja colocará cristãos em risco de tribulação ou pior — serem mortos explicitamente.

Sem dizer a eles como a tempestade terá início, Jesus avisa Seus discípulos sobre uma futura tempestade de raiva e fúria contra os cristãos (vers. 9). Tempestades de ódio e perseguição surgiram contra a Igreja no passado e estão acontecendo hoje no mundo, em vários lugares, mas nunca houve um tempo no qual *todas* as nações tenham se unido em sua inimizade em relação à Igreja.

Perseguição não é nosso assunto preferido de se pensar, estudar ou orar. Principalmente no mundo ocidental, raramente pregamos ou escrevemos sobre isso porque não parece ser uma ameaça iminente. Podemos ficar alarmados ao ouvir sobre perseguição acontecendo em outro lugar, mas em geral nos sentimos protegidos dela. Portanto, aprendemos a pensar na "tribulação" e no "ódio das nações" tanto em um sentido genérico e espiritualizado ("as pessoas geralmente odeiam a Deus e o Evangelho") ou minimizado ("esse ódio se refere a eventos no primeiro século, não no futuro").

Nossa incapacidade de pensar sobre Mateus 24 de maneira objetiva faz parte de um padrão. Também não conseguimos aplicar outras palavras de Jesus a nós mesmos. Em seu Sermão do Monte, Jesus anunciou: "*Bem-aventurados* os perseguidos por causa da

justiça (...) *Bem-aventurados* serão vocês quando, por minha causa, os insultarem e os perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vocês (Mt 5:10-11, grifo do autor). Em geral, preferimos não pensar sobre perseguição, mas nessa passagem Jesus a apresenta como uma grande bênção para os cristãos.

Para começar a alinhar nossos corações ao d'Ele, devemos ler o restante das bem-aventuranças do Sermão do Monte. Essas oito declarações de "bem-aventurados são..." culminam em uma sobre ser perseguido, quase como se ser perseguido por causa da justiça provasse que a pessoa está vivendo a verdade das sete declarações anteriores. Em outras palavras, parece que nessa progressão, alguém que representa a beleza de Jesus tão fielmente irá provocar uma reação muito negativa naqueles que não o fazem. Seus perseguidores se sentem ameaçados pela vida de Jesus expressa em sua vida; eles amam as trevas ao invés da luz da justiça de Jesus e dos Seus caminhos.

Em uma escala global, a propagação do antagonismo em relação à Igreja também será um sinal. Alguma coisa terá acontecido dentro Igreja que ameaça e desafia a autoridade das nações, e os poderes da terra irão querer colocar um basta nisso. Povos e nações não terão odiado a Igreja até que eles vejam o verdadeiro *status* e crescimento dominante da Igreja e se sintam ameaçados pela sua mensagem.

É claro que a atual conjuntura não está assim. Podemos rotular o atual relacionamento entre as nações da terra e a Igreja mundial simplesmente como *indiferente*. Como George Bernard Shaw (e mais tarde, Elie Wiesel) observaram, o oposto do amor não é necessariamente o ódio, mas sim a indiferença. Hoje, o mundo, em geral, nem acredita na mensagem da Igreja nem se sente pressionado a aceitar Jesus como algo a mais do que um mestre iluminado e sábio conselheiro. A terra continua a girar em seu eixo, e indivíduos seguem suas vidas ocupadas sem pensar muito nas ideias e assuntos da Igreja.

As Escrituras proféticas e as palavras de Jesus indicam um futuro em que algo catalizador acontece e leva milhões a mudarem da indiferença para o ódio. Ódio é uma forma de paixão que incita uma ação, frequentemente em reação à percepção de ameaças que

despertam medo, dor ou perda. A junção do ódio das nações da terra nos últimos dias será um forte indicativo de que a Igreja se tornou uma ameaça ao bem-estar daqueles cujo poder é definido por termos terrenos. A Igreja terá se levantado para fazer algo poderoso e significativo de maneira unificada no mundo.

A perseguição e o ódio global à Igreja acabará sendo uma das melhores notícias que poderíamos receber em relação ao futuro da Igreja. Será um sinal da grande bênção sobre a Igreja e um indicativo de grande vitória para o Evangelho e a glória de Deus.

Nos dias que virão, quando as nações se alinharem drasticamente contra a Igreja, elas terão entendido que a Igreja é uma ameaça ao seu poder e influência sobre as pessoas arduamente conquistados. O que mais poderia despertar uma fúria tão acalorada? A Igreja será uma ameaça às nações – e elas terão *medo* da Igreja. O medo faz as pessoas lutarem.

À medida que as nações verem os resultados do Evangelho sendo pregado em todo o mundo, elas verão a Igreja e o Rei vindouro como uma ameaça real e legítima aos poderes e governantes das nações. Esse é o indicativo de que o impacto da mensagem do Reino de Deus será maior do que qualquer alcance evangelístico do passado que a Igreja tenha conhecimento. Jesus está falando aqui sobre a glória e o poder do Seu plano através da Igreja nos dias que virão: a mensagem da boa notícia do Reino de Deus terá um impacto global, com uma testemunha global do Rei vindouro. Ao longo da Palavra de Deus, podemos ver essa promessa, de mensageiros enchendo as nações com o testemunho do Evangelho. A proclamação de Jesus em Mateus 24:14 é uma promessa do maior movimento de missões na história da Igreja antes da Sua volta.

Há uma diferença entre o Evangelho evangelístico que está sendo compartilhado no mundo hoje e a mensagem que Jesus prometeu que encheria a terra antes da Sua volta: o Evangelho do perdão e da misericórdia de Deus para com nossos pecados é uma mensagem pregada a indivíduos; o “Evangelho do Reino” é uma mensagem política sobre o retorno do verdadeiro Rei de Israel e a Sua intenção de conquistar e governar todas as nações da terra. Essa é a mensagem que engloba nações, culturas, economias e

cada grupo étnico e linguístico na terra. A dimensão e amplitude dessa mensagem é inédita na história das missões; o impacto subsequente e a resultante perseguição global será muito além do que qualquer coisa que já tenhamos visto na história da Igreja. Se Mateus 24:9-14 nos dá uma imagem clara do último movimento missionário dessa era (e uma mensagem ligada a esse movimento que é diferente de qualquer outra que já existiu, em poder e alcance), então Salmos 2 é a evidência do impacto da mensagem sobre os reis, governantes e povos em todo o mundo.

O Vale da Decisão: A Grande Crise em Todas as Nações

O que Davi e Jesus predisseram ganha vida no livro de Apocalipse, especificamente nos capítulos 17 e 18, que retratam uma entidade do fim dos tempos religiosa e econômica conhecida como a grande prostituta, ou Babilônia, montada em uma besta escarlate com sete cabeças. Ela é chocante em poder e maldade. A vamos se engajando com exatamente o que Jesus profetizou em Mateus 24. Ela liberará a tribulação sobre a Igreja e matará os santos: “Então vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus. E, quando a vi, admirei-me com grande espanto.” (Ap 17:6).

A mulher representa o grupo sobre quem Jesus falou, que perseguirá a Igreja e matará os santos e mártires: “Venha! Vou lhe mostrar o julgamento da grande prostituta que está sentada sobre muitas águas. Os reis da terra se prostituíram com ela, e os que habitam na terra se embriagaram com o vinho da sua prostituição” (Ap 17:1-2). Essa entidade que irá se levantar terá se tornado uma conhecida íntima dos reis *e* dos habitantes da terra.

Essas imagens são muito além de nós, no século XXI. Podemos ser cristãos a nossa vida inteira e nunca refletir muito sobre esses dois capítulos da revelação de João. A entidade que vemos ali é a antiga cidade da Babilônia renascida em um contexto moderno e novo, e um anjo diz a João que essa entidade irá ameaçar toda a raça humana. A Babilônia é uma parte central e importante da história da redenção que Deus quer nos contar, porque a Babilônia representa o que está no coração da raça

humana, separada de Deus. Que tipo de mundo a humanidade construiu depois de comer do fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal? Um mundo sem Deus, caracterizado pelo fruto azedo do potencial humano, que continua crescendo até o auge do seu poder.

A Babilônia levanta uma questão dolorosa para nós, a pergunta de quem e o que realmente somos. Não á algo que gostamos que nos perguntem. Qual é a natureza da humanidade separada de Deus? A humanidade é fundamentalmente boa, descente e nobre? Ou somos maus, indignos, bons para nada além de fúria, rancor, luxúria e ganância? Separados de Deus, as pessoas respondem a essa pergunta formando suas próprias opiniões sobre si mesmas, ambas elevadas e limitadas, impulsionadas pelo orgulho, sentimentalismo e autojustificação.

A nova Babilônia no fim da era representa para todos nós a resposta definitiva do céu. A grande cidade é a personificação escatológica da humanidade, desacorrentada e livre para construir e destruir. A Babilônia representa a habilidade do homem de finalmente ser o seu próprio deus, com toda a sua riqueza, permissão religiosa e potencial para realizar sua própria ambição pecaminosa. O final do livro de Apocalipse nos choca com esse retrato explícito de uma capital global da religião, das finanças e da corrupção. Não haverá limites a serem alcançados, e seu potencial não terá fim — o que será por um preço assombroso, o sangue dos santos.

Parece que os poderes do mundo estarão mais do que dispostos a pagar esse preço. Eles terão sacrificado a Noiva fiel e perseverante de Cristo sem remorso a fim de assegurar para si mesmos um futuro sem Deus. Aqueles de nós que se consideram parte da Noiva de Cristo precisam permitir que Sua luz revele o que precisamos saber para vencermos e prosperarmos nesses dias próximos.

Há outra cidade, e ela também representa uma resposta do céu: a Nova Jerusalém. Deus irá encher a sua cidade santa com os redimidos[7]. Essa cidade gloriosa é a declaração escatológica do valor do homem para Deus e a dignidade e beleza do nosso destino n'Ele. É a morada eterna de Deus com a Sua família e o

cumprimento do Seu desejo ardente de estarmos todos juntos novamente. Na Nova Jerusalém, os que pertencem à raça humana descobrirão para o que foram criados e desfrutarão de liberdade plena para desfrutar de Deus de acordo com o Seu desígnio original.

O livro de Apocalipse apresenta o futuro: duas cidades, dois povos, duas ideias poderosas sobre o que este mundo deveria ser; cada lado possuindo um forte senso de destino, espiritualidade e moral. Entre uma grande colheita de almas e um grande apartar da fé temos uma última grande migração em direção a um dos dois lugares: a nova Jerusalém em cima ou a nova Babilônia em baixo, a cidade celestial vindoura ou a cidade terrena condenada. Essas duas cidades e suas respectivas populações servirão como um tipo de expressão final das duas árvores do jardim: vida com Deus e, em contraste, o conhecimento do bem e do mal, sem Deus.

Todos — *todos* — na terra terão que fazer a difícil escolha final em relação a com qual povo irão se identificar, a qual Deus (ou deus) irão servir e sobre qual verdade eles se encontram, definitivamente.

A grande crise no fim da era é como um frágil precipício sobre o qual cada pessoa da terra se posiciona, com vista para o incontornável “vale da decisão”. Cada um deve escolher a qual Deus/deus irá servir e com qual Reino/reino querem se associar. O profeta Joel escreveu sobre esse vale da decisão:

“Que todas as nações se levantem e sigam para o vale de Josafá, porque ali me assentarei para julgar todas as nações vizinhas. Peguem a foice e comecem a colher, porque a plantação está madura. Venham, pisem as uvas, porque o lagar está cheio, os seus compartimentos transbordam. Porque é grande a maldade dessas nações! Multidões, multidões no vale da Decisão! Porque o Dia do Senhor está perto, no vale da Decisão. O sol e a lua se escurecem, e as estrelas deixam de brilhar. O Senhor rugirá de Sião e de Jerusalém fará ouvir a sua voz. Os céus e a terra tremerão, mas o Senhor será o refúgio do seu povo e a fortaleza dos filhos de Israel.”

Joel 3:12-16

Apocalipse 17-18 nos dá um espelho para visualizarmos a verdade sobre a raça humana separada de Deus — e a motivação para evitar esse resultado. Nossos desejos caídos se opõem a Seus justos desejos para nós. Deus quer que habitemos com Ele como parte de Sua família eterna. Mas em nossas falhas, o desprezamos, preferindo construir um mundo sem Ele. Nos encontramos no meio de uma luta cósmica e existencial para determinar o destino da raça humana e o tipo de mundo que possuiremos e construiremos. Esse mundo é fundamentalmente nosso para o possuirmos e o construirmos à nossa própria imagem? Ou ele pertence ao Senhor, com a raça humana sendo Sua posse legítima e reflexo da Sua imagem?

A crise final do fim da era — a tempestade de fúria e rebelião contra o Senhor e a Sua Igreja — é o ponto culminante da colisão de duas agendas colossais. No fim, e eternamente, somente um pode permanecer.

A fúria das nações contra os santos representa a rejeição da agenda de Deus por parte das nações, agenda essa que tem ganhado voz através de Sua Igreja. Salmos 2 e Mateus 24 nos dá a imagem de uma mensagem enchendo a terra, na qual reis e povos da terra reagirão com medo, ódio e fúria.

A progressão não deixa dúvidas: a mensagem enche a terra pela proclamação da Igreja, em seguida há grande ódio e fúria por parte das nações conforme elas reagem à mensagem — e à recepção entusiasmada das multidões. É importante observar (e irei expandir sobre isso mais tarde) o fato do ódio e a fúria não serem de forma alguma a *única* reação ao Evangelho do Reino proclamado pela Igreja em todo o mundo.

A vasta multidão de santos — muitos recém-convertidos à fé — emergirá vitoriosa do tempo da “grande tribulação”, apesar do ódio e da fúria das nações naquele tempo (ver Ap 7:9-17). Sim, grande fúria e ódio estão por vir — mas virão por causa da grande glória e poder que está vindo sobre a Igreja, resultando a maior colheita de almas para o Reino de toda a história.

A Grande Crise Explode: A Guerra Contra o Cordeiro

Conforme o drama entre a Igreja, as nações e o próprio Jesus se desenvolve, algo impulsiona uma escalada na qual as nações ficarão motivadas a planejarem juntas e agirem para impedir a agenda de Deus. Chocantemente, Apocalipse 17 (bem como muitas outras passagens proféticas, como Joel 3) retrata o ponto culminante da conspiração e ação coordenada das nações, que muda de perseguir a Igreja para declarar guerra contra o próprio Cordeiro de Deus: “Estes combaterão contra o Cordeiro” (Ap 17:14, ACF). Veja como Joel profetizou essa terrível guerra entre as nações e Jesus:

Proclamem isto entre as nações: “Declarem guerra santa e convoquem os valentes. Que todos os homens de guerra se apresentem e se preparem. Transformem as suas lâminas de arado em espadas, e as suas foices, em lanças. Que o fraco diga: ‘Eu sou forte.’” “Todos vocês, povos vizinhos, apressem-se e venham depressa, e reúnam-se ali.” Faze descer os teus valentes, ó Senhor!

Joel 3:9-11

Duas narrativas contrárias seguem paralelas uma em direção à outra no livro de Apocalipse. A primeira envolve as atividades de uma figura misteriosa e poderosa, cujos planos e esquemas perversos levam às nações ao caos e à iniquidade conforme ele ganha ainda mais poder. Em Apocalipse 13, ele é revelado como a Besta (um líder político e militar perverso). Ele se junta à uma segunda besta (um líder espiritual perverso) para estabelecer um império enorme no Oriente Médio. Nesse mesmo capítulo, vemos a besta e o seu império chegarem ao auge do seu poder sobre as nações. Os juízos de Deus no fim dos tempos testemunhados e registrados por João são primariamente contra esse homem, o seu império e todos os que se aliam a ele no mundo.

A segunda (porém principal) narrativa do livro de Apocalipse envolve as ações de Jesus (o Cordeiro de Deus) à medida que Ele conclui a história como Ele deseja. Enquanto a Besta lidera o seu império, o Cordeiro lidera a Sua Igreja para permanecer contrária à injustiça e iniquidade, para lutar pelo romper do Espírito Santo em poder, e se engajar na maior colheita de almas da história da

humanidade. As passagens de Apocalipse 17-19:10 são cruciais, no livro de Apocalipse em si e em toda as Escrituras proféticas.
Todos os grandes temas das Escrituras e do livro de Apocalipse se juntam: o Cordeiro de Deus, que representa o ápice de tudo que o homem pode ser em Cristo pela graça de Deus, e a Besta, que representa o ápice de tudo que o homem pode ser em rebelião e maldade. É o Deus-homem contra o Anticristo, a Noiva de Cristo contra a prostituta da Babilônia, a nova Jerusalém contra a nova Babilônia; a visão de João retrata os últimos estágios do plano de Deus em Sua história da redenção do homem.

Nos capítulos 1 a 3 de Apocalipse, o Pai revela totalmente Jesus a todos os cristãos de todas as nações. Ele voltará à terra, e será visto pelos seus como o Filho do Homem, o Noivo, o Leão da tribo de Judá e a Raiz de Davi. Para as nações, Ele virá como o Cordeiro de Deus, que remete a algo além de uma reparação — o Cordeiro mostra a majestade de Jesus em meio ao trono, em meio aos anjos, em meio aos povos da terra. Ele será visto como "o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu Ser" (Hb 1:3) e a "imagem do Deus invisível" (Cl 1:15). A forma em que Ele será revelado no centro do trono — o centro do universo — declara, de maneira poderosa, como Ele vê a Si mesmo e como Ele quer ser conhecido.

Jesus como o Cordeiro de Deus é a mensagem central que o Pai quer declarar às nações antes da Sua volta. Ele quer que principal revelação do Seu Filho aos perdidos seja a expressão do sacrifício, da misericórdia e ternura em lidar com qualquer um que se voltar em arrependimento pelos seus pecados. Essa revelação da realidade central de quem Jesus é será o maior conforto e âncora para a Igreja nas tempestades vindouras, bem como um grande convite e testemunho para as nações da terra antes de Jesus voltar. O corpo de Cristo irá expressar a humildade e a ternura de Jesus, o Cordeiro como um testemunho poderoso do verdadeiro coração de Jesus antes da Sua volta.

A revelação de Jesus, o Cordeiro de Deus, é a declaração mais completa da Bíblia sobre o valor de Cristo. Ao nos mostrar Jesus como um Cordeiro, o Pai nos diz *o quanto* Jesus é digno (o Cordeiro imolado é confiável), *porque* Jesus é digno (o manso e pequeno

Cordeiro é humilde), e *como* é Jesus agindo com a liderança de um Cordeiro em Seu desejo de servir as nações. Jesus é digno por quem Ele é; somente Ele tem a capacidade de governar o mundo. Jesus é o líder mais seguro, mais confiável e mais capaz. O seu direito de governar as nações da terra não vem do seu papel como Criador, mas como o incomparável e humilde Servo de todos.

O escândalo do livro de Apocalipse não é o Cordeiro estar furioso, mas as nações exporem a sua maldade ao se enfurecerem com um Cordeiro tão amável e humilde.

Resumo: A Verdadeira Natureza do Homem Revelada

Dos salmos de Davi, nos profetas, nos evangelhos e no livro de Apocalipse, podemos ver uma imagem da fúria das nações diante de sua grande crise. A fúria das nações contra Deus tem tomado forma ao longo de muitos milênios, mas em algum ponto no futuro irá efervescer à vista de todos os povos da terra. Algo poderoso e catalizador tirará as nações da sua raiva e do seu ódio retido e individual e as levará a uma raiva coletiva, calculada e unificada que resulta em uma guerra declarada contra Deus, o Seu Filho e a Sua Igreja. O que virá dos céus — o que analisamos no capítulo anterior — virá pela iniciativa de Deus e no Seu tempo, a fim de provocar e expor a raiva e a rejeição das nações contra a Sua agenda. O Profeta Jeremias declarou:

Você, Jeremias, profetize contra eles todas estas palavras e diga-lhes: “O Senhor lá do alto rugirá e da sua santa morada fará ouvir a sua voz. Rugirá fortemente contra o seu povo,

> com brados contra todos os moradores da terra, como o ‘eia!’ dos que pisam as uvas. O estrondo chegará até os confins da terra, porque o Senhor tem uma controvérsia com as nações; entrará em juízo contra toda a humanidade, e entregará os ímpios à espada”, diz o Senhor. Assim diz o Senhor dos Exércitos: “Eis que a calamidade passa de nação para nação, e grande tempestade se levanta dos confins da terra.
>
> Jeremias 25:30-32

No centro da crise vindoura, descobriremos que a fúria das pessoas contra Deus não é a força motora do drama crescente, mas sim o próprio Deus, que tem uma “controvérsia com as nações” e então “entrará em juízo contra toda a humanidade”. Quão misericordioso e compassivo é o Deus de Israel, quão tardio a irar-se, rico em amor e bondade para com os obstinados, perdidos e rebeldes. Ele apresentará uma escolha imerecida a cada pessoa na terra, e o tempo para fazer essa escolha. Deus exibirá completamente a Sua beleza, a justiça do Seu Reino e os corações do Seu povo, a Igreja.

O vale da decisão incluirá os reis, governantes e potências mundiais, perversos e opressores, que desprezam o Deus de Israel, o Seu Filho e os Seus caminhos. Deus terá permitido que esses reis e governantes poderosos cresçam em poder, enquanto exibe também o Seu próprio poder e amor para as nações verem. Ele enviará o Seu Filho como um Cordeiro, cheio de bondade e misericórdia, desejando que todos os homens se arrependam da sua rebeldia, sejam salvos pela Sua graça e venham a conhecê-lo plenamente (ver 1 Tm 2:4).

Podemos entender melhor porque as coisas acontecerão da maneira que as Escrituras descrevem quando vemos claramente a imagem sóbria de como realmente é a raça humana separada de Deus. O apelo feito pelo Rei Davi em Salmos 2:10 aos reis e governantes da terra é “sejam prudentes”. O problema persistente da humanidade é que, em cada era da história, alguns são sábios, alguns são tolos e alguns são maus. Os sábios temem a Deus e obedecem a Seus mandamentos, os tolos são uma mistura — com a intenção sincera de fazer o bem, mas não tomam as decisões certas — e os maus são obcecados pelas suas próprias agendas, até chegar na exclusão da agenda justa do Senhor. A crise vindoura orquestrada por Deus é para vingar os sábios, permitir que os tolos tenham tempo de se arrepender e receber instrução e remover totalmente os maus que se recusam a se arrepender. O Deus de Israel deseja encher a terra com os sábios, a fim de pleitear com os tolos e expor os maus.

Nas passagens das Escrituras exploradas neste capítulo, vimos como os reis e governantes das nações se enfurecerão contra Deus

em medo e ódio nos dias que virão. Mas o que os fará mudar da indiferença e desprezo para fúria e ódio? O que os motivará a levar a Igreja tão a sério nos dias vindouros que começarão a se unir em um complô para perseguir os santos e derrotar o Cordeiro? Como é possível que esses líderes incrivelmente ricos e poderosos estarão a Igreja e se preparando para confrontar Jesus?

A resposta está na coisa que todos os homens cobiçam — e vão à guerra para obter. Essa coisa é o *poder*, e seja ele obtido por riqueza, influência, autoridade governamental ou qualquer outro meio, Deus irá expor a impotência das nações. A tempestade de fúria vindoura irromperá quando Ele mostrar Seu poder superior para executar a Sua vontade. Ele fará isso pelo método mais impressionante possível: avivamento.

A TEMPESTADE VINDOURA DE TRANSTORNO POLÍTICO E ECONÔMICO

*T*emos dificuldade de vislumbrar descrições sobre o futuro que são globais em abrangência e impacto. O livro de Atos pode nos ajudar. Ele serve como um modelo para nos ajudar a entender a relação entre a atuação divina que acompanha o derramamento do Espírito Santo e a resposta humana de fúria e oposição violenta. Como observei anteriormente, o livro de Atos é uma versão local do livro de Apocalipse, e o livro de Apocalipse é uma expressão global de boa parte do que ocorre no livro de Atos.

Por todo o livro de Atos, vemos a progressão: À medida que aumenta o impacto da mensagem e do poder de Deus, ele é seguido de um aumento correspondente na intensidade da perseguição. Não estamos acostumados a ver isso em nossa experiência pessoal. Estamos acostumados a pregar o Evangelho da salvação individual aos nossos vizinhos, e esperamos que aqueles que ouvem ou creiam nele ou o descartem. Não esperamos uma resposta violenta e cheia de fúria, pelo menos não no mundo ocidental.

Ainda assim, como analisamos anteriormente, a tribulação começa quando Deus adiciona ações poderosas à mensagem, tornando cada vez mais difícil para as pessoas a descartarem ou ignorarem. Isso faz parte da sua agenda; Ele quer confrontar os povos da terra, os forçando a lidar com Ele e Seu Reino, sem violar seu livre arbítrio. Em Sua grande misericórdia, Ele interfere na vida humana através de Sua Igreja ungida e profética. Ele quer exibir o Seu amor transcendente através de um povo que se juntou ao Seu Espírito e foi transformado à Sua semelhança. Fundamentalmente, Ele muito se deleita em mostrar ao mundo Seu glorioso Filho através da Sua marca na vida de Sua Noiva transformada.

Eu repito, historicamente, quanto maior o nível de Sua autorrevelação em glória e poder para as pessoas da terra, maior o nível da fúria, resistência e rebelião direcionados a Ele. Em Sua

soberania, Ele sempre interage com a raça humana comedidamente, de acordo com a Sua mansidão e ternura (em muitos casos, através da Igreja). Muitas pessoas se perguntam por que Deus escolhe trabalhar por meio de Sua Igreja ao invés de simplesmente aparecer nos céus em glória e falar audivelmente às massas. Essa pergunta é feita com sinceridade, mas muita ingenuidade em relação à natureza humana: no fundo de cada homem caído, separado de Deus, está uma tempestade de fúria.

No livro de Atos, podemos traçar a progressão da mensagem do Evangelho e o avivamento gerado por ela. O avivamento começou em Jerusalém, e depois, nas décadas seguintes, progrediu poderosamente pelo Império Romano. Primeiro, a mensagem do Evangelho tocou vidas de indivíduos, e logo sua influência começou a parecer maior, em grupos. Quando começou a impactar cidades inteiras, os governos locais perceberam, porque o seu poder e influência estavam sendo ameaçados. Foi quando a reação mudou de uma indiferença passiva para uma ativa, com raiva e fúria violenta. Uma coisa é ter grupos de cidadãos seguindo uma mensagem religiosa, mas quando a influência dessa mensagem ameaça a base de poder de líderes governamentais poderosos, eles reagem alarmados.

Quando o Evangelho Impacto a Política e o Governo

Desde o início, o Evangelho foi uma proclamação profundamente política. Os apóstolos não estavam proclamando primariamente as boas notícias de perdão dos pecados e salvação individual. Estavam proclamando a vinda o Messias e as implicações dela. Para a Igreja primitiva, a Boa Notícia era o cumprimento da promessa mais significativa nas Escrituras, ou seja, a ressurreição e a chegada do Messias prometido, o legítimo Rei de Israel e, portanto, o Rei de todas as nações da terra. O fato d'Ele ter ressuscitado dos mortos tornou a Sua verdadeira identidade e papel determinado notícias gloriosas para a Igreja em Jerusalém, Judeia e Samaria.

O concílio de Jerusalém e o subsequente ministério do apóstolo Paulo abriu totalmente as portas para a Igreja primitiva levar aos

pagãos do Império Romano a boa notícia carregada de teor político. Eles não levaram uma mensagem meramente individual, de amor e perdão. No concílio de Jerusalém, o apóstolo Tiago citou o profeta Amós para convencer a assembleia de Judeus, certo de que a vinda dos gentios ao Deus de Israel sempre foi central nas promessas davídicas (ver Am 9:11-3; At 15:16-18). Séculos antes, o profeta Amós alertou Israel para não deixar de lado a aliança davídica por causa do enfraquecimento da linhagem do Rei Davi naquele tempo. Amós proclamou que as ruínas do governo de Davi, caídas nos dias de Amós, seriam totalmente reconstruídas e restauradas, e que as nações pagãs teriam um papel dinâmico nesse governo do legítimo Rei prometido pelo Deus de Israel.

É por isso que Tiago e os outros apóstolos e anciãos decretaram, no concílio de Jerusalém, que seria fácil os não-judeus se voltarem a Deus. Eles entendiam que os gentios que se voltavam ao Deus de Israel e recebiam o Espírito Santo não precisavam seguir também os rituais judaicos e serem circuncidados. Religiosa, cultural e politicamente, sua conversão significava algo maior do que se tornar judeu. Sua conversão significava que eles, até mesmo os cidadãos não-judeus do Império Romano, estavam submetendo suas vidas a Jesus, o Messias Judeu, e o chamando de seu verdadeiro Rei. Isso era uma ameaça tanto para os governantes romanos quanto os líderes religiosos. Por isso, a primeira coisa que a base do poder judaico em Tessalônica gritou para os governantes seculares da cidade foi:

“Estes que promovem tumulto em todo o mundo chegaram também aqui, e Jasom os hospedou na casa dele. Todos estes agem contra os decretos de César, dizendo que existe outro rei, chamado Jesus.”
Atos 17:6-7

Como exploramos no capítulo anterior, o próprio Jesus indicou que as nações da terra seriam cheias da mensagem do Evangelho do Reino antes que viesse o fim. Ele disse que a proclamação da Boa Notícia nos dias por vir também resultariam em mais do que salvação individual e o perdão dos pecados. Ele anunciou que as boas notícias para os povos da terra nos dias vindouros incluiriam a

remoção total da injustiça e da opressão pelas mãos dos reis e governantes ilegítimos da terra. Além de tudo isso, o opressor injusto definitivo, o Anticristo, que será o homem mais poderoso e perverso de toda a história, será removido e o verdadeiro e legítimo Rei será entronizado. Esse Rei, prometido pelo Deus de Israel, reinará na terra a partir de Jerusalém e colocará ordem na sociedade de acordo com a verdade.

Nós lemos os relatos do livro de Atos que a ressurreição de Jesus ajudou os poderes de Roma perceberem que havia um poder maior por trás do Filho de Davi, o legítimo Rei judeu. Os milagres, sinais e maravilhas serviram o mesmo propósito; eles provaram que Jesus é o verdadeiro Rei. Se não houvesse nenhuma demonstração de poder, a mensagem se tornaria estéril e vazia. A audiência romana sabia que César possuía o exército mais poderoso e bem-organizado do mundo sob o seu comando. Declarar que um rei judeu havia chegado e ele era o verdadeiro Rei de todas as nações — incluindo Roma — era insubordinação. Ainda assim, muitos gentios começaram a se aliar ao legítimo Rei de Israel, “tumultuando o mundo”.

Este é outro aspecto do Evangelho e a política que devemos considerar: as inevitáveis ramificações para governos quando o avivamento dinâmico se move poderosamente em uma cidade ou região. Esse fato pode ser vislumbrado simplesmente ao pensarmos em um número hipotético de convertidos. Em um contexto democrático, para um avivamento derrubar um governo bastaria o número de convertidos crescer mais que 50 ou 60 por cento. Até mesmo em contextos mais expressivos, os governantes acabam por ceder em algum grau à enorme pressão que um grande grupo de cristãos fervorosos, operando em unidade, pode colocar em um governo perverso.

Imagine a sua própria cidade por um momento. Se trezentas mil pessoas em sua localidade repentinamente se convertessem poderosamente com profunda convicção e arrependimento, qual poderia ser o impacto na maneira com que eles votam? Números massivos de pessoas podem colocar uma pressão real sobre quem está no poder. Como consequência da Revolução Francesa, os poderes europeus viviam amedrontados com a possibilidade das

massas em seus próprios países se levantarem para derrotá-los violentamente. Como reação, essas monarquias entraram em guerra com a França para diminuir o seu domínio e mandar uma mensagem à sua própria população.

Sendo um cidadão estadunidense, observei que há poucas coisas que deixam as pessoas mais nervosas ou chateadas do que quando descobrem a profundidade das crenças religiosas de um possível candidato à presidência. As pessoas se expressam em colunas famosas da mídia e nas redes sociais. Eles ficam “chocados” ou “surpresos” ao descobrir que um candidato tem uma visão de “ódio” ou “opressora” sobre o casamento, a sexualidade ou outros assuntos em discussão atualmente.

Eles ficariam satisfeitos se os cristãos nos EUA guardassem a fé para si mesmos. (“Que bom para você, mas me deixe fora disso”). Porém, quando o Evangelho tem um impacto coletivo, de repente a situação muda drasticamente. Observei que quando o cristianismo tem alguma influência em potencial sobre o governo, mesmo sem o poder miraculoso do Espírito Santo ou as salvações, a fúria contida se levanta nos corações de homens e mulheres impiedosos. De repente, a mensagem do Evangelho e a moral da Bíblia carregam a possibilidade de influenciar a política pública ou moldar a lei civil.

É claro que esta situação se amplifica bem mais quando o derramar do Espírito Santo acompanha a pregação do Evangelho, seguida de sinais, maravilhas e salvação dos perdidos em massa. Quando homens perversos com grande poder e influência são repentinamente confrontados com a perda do controle como resultado de uma mudança de poder por causa do mover do Espírito Santo na região, eles reagirão praticamente da mesma forma que reagiram nos primeiros capítulos do livro de Atos. O Evangelho seria pregado com poder e uma cidade seria abalada conforme muitos se voltam repentinamente para o Reino. Os líderes políticos e espirituais reagiriam cruelmente. Os cristãos seriam aprisionados, espancados e expulsos da cidade.

Isso me leva de volta ao que há pela frente. Quando entendemos o padrão do livro de Atos — a pregação do Evangelho junto com o poder do Espírito Santo libera uma tempestade de fogo — de repente, o salmo de Davi e as palavras de fazem mais sentido

para nós. Sim, o Evangelho do perdão dos pecados e do dom gratuito da justificação é lindo, poderosos e precioso. Entretanto, quando o Evangelho do Reino for pregado — a proclamação da vinda do verdadeiro Rei e uma terra oprimida liberta pelas Suas mãos amorosas, pelo poder do Espírito Santo — e for pregado em um contexto de avivamento mundial e uma grande colheita, os poderes políticos já consolidados ficarão furiosos. A Igreja pode esperar por muita tribulação e muitas provações.

Isso trará consequências reais para o povo de Deus. É por isso que precisamos preparar nossos corações e direcionar nossas vidas para podermos resistir com alegria e perseverança nos dias que estão por vir.

Quando o Evangelho Abala a Economia

Lucas, o autor de Atos, também nos mostra o impacto do Evangelho e do poder o Espírito Santo na economia, nas finanças e no comércio, o que pode ser bem mais violento do que a reação dos administradores governamentais.

Quando chegamos em Atos 19, no avivamento de Éfeso, o transtorno causado pela mensagem do evangelho chegou a outro nível. Pela primeira vez, o avivamento do Evangelho se tornou tão disruptivo que a própria economia de Éfeso virou de cabeça para baixo. Os sinais e maravilhas incomuns, o número de salvações e a profundidade de transformação estavam agitando grandemente a cidade. Ainda assim, quando o Evangelho chegou no *dinheiro*, algo dramático aconteceu pela primeira vez: ao invés de se opor à mensagem do evangelho mudando as leis e retirando os mensageiros, a cidade fez um motim e tentou matar os mensageiros.

A economia de Éfeso naquele tempo era baseada em parte no comércio robusto ligado ao templo da deusa Ártemis, ou Diana, onde havia prostituição cultual, ídolos de prata, feitiçaria e bruxaria. A economia, em outras palavras, se baseava em idolatria, imoralidade e feitiçaria. Quando o avivamento e derramar do Espírito Santo caiu sobre a cidade — esse avivamento pode ter sido o mover mais potente e poderoso do Espírito na história da Igreja —

esmagou os líderes governamentais e religiosos, tanto judeus quanto gregos, e balançou a própria base da economia da cidade. Tantos praticantes de magia vieram a crer em Jesus que eles coletivamente queimaram o equivalente a mais de 5,5 milhões de dólares em livros associados à sua prática.[1] Isso nos dá uma poderosa visualização do grande número de pessoas que se converteram seguramente pelo poder do Evangelho e o derramar do Espírito Santo sobre Éfeso. Também temos uma noção da profundidade de suas conversões pelo poder do Espírito Santo. O fervor e a sinceridade dos novos convertidos mostram o poder significativo liberado pelo Espírito para trazer uma mudança profunda e repentina em seus corações.

As implicações desse abalo econômico foram significativas. Os líderes da economia da cidade sofreram com a perda brusca de um grande número de consumidores, que agora haviam transferido radicalmente a sua lealdade. Sua mudança de valores pessoais significa que suas decisões econômicas mudaram para refletir seus novos valores.[2] Esse avivamento econômico representou uma perda tão catastrófica para os negócios dos mercadores de Éfeso que eles rapidamente convocaram aqueles que dependiam disso para viver, os comissionando para irem até o anfiteatro para amotinar e se enfurecer contra o ministério de Paulo. Esse anfiteatro à céu aberto acomodava até 24 mil espectadores. “Furiosos”, eles gritaram durante duas horas: “Grande é a Diana dos efésios!” (At 19:28). Foi somente pela intervenção dos administradores da província que Paulo e seus colaboradores, por pouco, evitaram ferimentos e a morte pelas mãos da multidão.

Por que essa história é importante para nós? É importante porque, nos dias que estão por vir, precisamos lidar com o custo do avivamento bíblico genuíno. O custo pode ser alto, mas a recompensa é grande. Por mais difícil que seja para nós imaginarmos tantas pessoas respondendo ao Evangelho em um período tão curto de tempo que tumultua o comércio de uma cidade, esse tipo de mover do Espírito está à frente do corpo de Cristo em todo o mundo. Tantas almas perdidas se arrependerão e serão salvas que isso irá quebrar os sistemas econômicos construídos sobre as trevas e o pecado. Junto com a celebração de uma nova

vida, vem a retaliação sóbria de homens perversos e poderosos com muito a perder quando a sua antiga base consumidora os deixar para seguir a Jesus. Como proverão para suas famílias e funcionários sem a renda gerada por meios perversos? Essa situação não seria bem-vinda por aqueles que experimentam tal dificuldade financeira repentina e drástica e, provavelmente, reagiriam rapidamente (furiosos) para restituir sua fortuna econômica. Até onde irão os homens perversos e poderosos para manter ou restaurar sua riqueza e segurança?

Em nosso mundo moderno, governos e políticos possuem demasiado poder, mas corporações empresariais agora possuem muito mais influências econômicas do que alguns dos impérios mais poderosos de toda a história. Portanto, não é surpreendente ler no livro de Apocalipse sobre a fúria dos poderes econômicos depois do forte mover do Espírito. Ali, vemos a amplitude do avivamento de Joel 2 ser revelada: vinte e um juízos de Deus derramados sobre as nações da terra para levar o homem ao profundo arrependimento e transformação no coração. Esses vinte e um juízos serão liberados em um curto período de tempo no fim da era — quarenta e dois meses, ou 3 anos e meio. Quatorze desses juízos estão *diretamente ligados* ao dinheiro, à economia e a recursos. Deus pretende chamar a atenção das nações para chamá-las ao arrependimento, e Ele fará isso da forma mais dramática possível: abalará a economia de todo o planeta.

Com a mesma frequência em que ouvimos mensagens promovendo o poder de avivamento do Espírito Santo, descrito na primeira parte de Atos 19, raramente ouvimos um chamado a se preparar para a reação dos homens perversos a isso (de novo, de acordo com o descrito por Lucas na segunda parte de Atos 19 — o motim em Éfeso). Precisamos reler Joel 2:28-31 e olhar para o nosso futuro com uma ousadia sensata, abandonando todo o sentimentalismo em relação ao poder de Deus.

Quando o Evangelho toca instituições de poder político e econômico, os homens reagem com fúria. Quando o Evangelho interfere no seu ganha-pão, homens poderosos e perversos irão matar para preservar aquilo que adquiriram. O apóstolo Tiago falou isso claramente:

De onde procedem as guerras e brigas que há entre vocês? De onde, senão dos prazeres que estão em conflito dentro de vocês? Vocês cobiçam e nada têm; matam e sentem inveja, mas nada podem obter; vivem a lutar e a fazer guerras. (...) Vocês não sabem que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo se torna inimigo de Deus.

Tiago 4:1-2, 4

O problema central dessa guerra é a nossa cobiça, ou a nossa agenda — nosso desejo do mundo ser como queremos ou precisamos que seja. Separados de Deus, os prazeres do coração humano são o conforto, a segurança, a proteção e um anseio ganancioso por mais recursos para assegurar essas coisas de forma que possam ser controladas.

As três declarações principais sobre dinheiro e o coração humano no Novo Testamento são estas:

Porque, onde estiver o seu tesouro, aí estará também o seu coração.

Mateus 6:21

“Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro”.

Mateus 6:24, NVI

Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todo o mal.

1 Timóteo 6:10, King James

O amor ao dinheiro — e o correspondente medo da escassez — são poderosas causas fundamentais de conflito, em vários níveis. Mas os cristãos possuem corações livres em relação ao dinheiro e aos recursos porque sabemos que nosso Pai celestial provê para nós. Podemos servi-lo usando o dinheiro como uma ferramenta, ao invés de permitir que o dinheiro se torne nosso mestre.

O mundo separado de Deus, porém, não possui essa liberdade do medo em relação à economia e da cobiça por mais dinheiro. Portanto, no mundo ao nosso redor, vemos crescente medo e raiva. No contexto de uma ansiedade tão disseminada, o Senhor está para

a abalar as nações com uma introdução dramática do poder do Espírito Santo que tumultuará grandemente as economias. Precisamos estar preparados para tal momento, porque quando o Evangelho abalar a economia, isso também irá nos afetar. Onde nossos corações estarão?

O Novo Testamento é claro e firme sobre nossa necessidade de nos prepararmos para os dias adiante nos libertando de toda cobiça e autopreservação temerosa. Jesus abalará a riqueza da terra para levar as nações ao arrependimento, mas isso incitará fúria e um espírito de assassinato sem precedentes. Os melhores dias da Igreja ainda estão por vir, mas também alguns dos dias mais atribulados.

Então Como Viveremos?

As nossas vidas não pertencem a nós mesmos. O Espírito Santo está movimentando a Sua Igreja agora, bem antes da tempestade vindoura, para nos conceder tempo de nos alinharmos com Jesus e Seus planos. O que você fará? Você lutará por avivamento, independente do custo pessoal? Nos dias adiante, você se renderá, abraçando tudo como está escrito na Bíblia — aceitando a dinâmica gloriosa e difícil que acompanha o avivamento?

Os cristãos sabem que Jesus está comprometido conosco; somos a Sua Noiva. Ele dá a Sua vida para expressarmos aquilo que fomos feitos para ser. Ainda assim, somos tão fracos. Enquanto eu realmente creio nas coisas que estou escrevendo e quero me entregar à Palavra e à oração para engajar com o agir do Espírito hoje, estou completamente ciente da minha humanidade. Eu sou inconstante com as disciplinas espirituais. Se minha preparação para o futuro dependesse somente da minha habilidade, dedicação e do meu esforço, então eu nunca conseguiria participar do que o Senhor está fazendo e irá fazer.

Porém, se minha esperança está ligada somente à verdade da liderança e ajuda de Jesus, eu serei capaz de segui-lo em direção às tribulações e provações. É isso que diferencia o cristianismo de qualquer outra religião do planeta — temos um Deus que luta por nós. Não fui deixado à mercê de mim mesmo. Não preciso atingir a perfeição religiosa, esperando diligentemente fazê-lo feliz. Fui salvo

por um Deus que se enche de alegria enquanto realiza a tarefa de me transformar — um seguidor egoísta, egocêntrico, impaciente, orgulhoso, distraído e, frequentemente, apático — à Sua semelhança, dia após dia. Essa é a verdade bíblica, e ela é emocionante, se pararmos para pensar.

Além disso, Ele deseja pegar aqueles a quem tornou belos e exibi-los, por misericórdia das nações, para que eles, vendo a sua obra, se arrependam e sejam salvos. Ele está comprometido com o cumprimento do Seu plano, e o Seu plano inclui você e eu. Ele nos ama. Ele não espera que cheguemos a Ele já transformados, super cristãos que são potências espirituais. Podemos confiar em Sua fidelidade absurda e Ele assegurará que tenhamos o que é preciso nos dias de tribulação adiante.

Eu e você temos um ótimo futuro à nossa frente. Da nossa parte, devemos permanecer, esperar n'Ele e não desistir no meio do caminho. À medida que seguimos dizendo "sim", Ele responde à nossa fé sincera com muito mais graça do que poderíamos imaginar, e nessa graça, faremos coisas que estão muito além do que poderíamos merecer.

A IGREJA EM UMA ERA ANTICRISTÃ

◆◆◆

O NASCIMENTODA NARRATIVA CULTURAL

*U*m dos fatores contribuintes para nossa apatia natural diante da crise vindoura é que temos a tendência de ser criaturas de momentos. Lidamos, majoritariamente, com o que acontece bem na nossa frente; estamos perpetua-

mente estregues à “tirania da urgência”. É difícil priorizar uma lista afazeres relacionada à oração e intimidade com Jesus quando existem demandas reais e aparentemente mais urgentes em nossas vidas.

Dedicar toda a nossa atenção às muitas demandas de nossas vidas diárias nos faz perder o foco na narrativa maior e o nosso propósito dentro dela. Nos fechamos em nós mesmos. Nos esquecemos de usar os espaços quietos da nossa vida para reconectar com a visão geral, e não prestamos atenção nos precedentes bíblicos e históricos que poderiam informar a nossa preparação para o futuro.

Percebo que muitas pessoas vivem com uma inquietude martelando no interior, uma sensação constante de que as coisas não estão bem, mas elas não têm certeza do que está errado. Desconectadas da rocha que é a Palavra de Deus, elas simplesmente resmungam, reclamam e discutem teorias com os amigos, mas raramente ganham entendimento o suficiente para sequer pensar sobre os dias difíceis que estão adiante, possivelmente em um futuro não-tão-distante. Certamente, elas não crescem em amor e devoção a Jesus.

Vivemos em uma cultura de palavras rasas e sem sabedoria, e a inquietude e incerteza em nossas almas estão, em sua maioria, relacionadas à atual narrativa cultural. Essa narrativa é guiada pelos

argumentos arrogantes de ativistas de justiça social, que buscam suprimir ideias contrárias — principalmente as cristãs — por meio da pressão coletiva, com o objetivo de imputar culpa e vergonha.

A narrativa cultural é a expressão atual da fúria das nações contra a Igreja. Vozes amplificadas buscam silenciar conceitos bíblicos em favor de ideias alternativas. A mudança social é a meta, e a revolta contra valores tradicionais é colocado como um modelo de comportamento. Essa narrativa cultural parece nova, mas tem crescido ao longo de séculos.

A Cosmovisão Cristão e a Fúria Humanista

Quem possui uma cosmovisão cristã irá entender que a mão soberana de Deus molda o curso da história e que o Criador, que fez os céus e a terra, tem intenções, desígnios e planos para tudo o que Ele fez. As intenções, os desígnios e os planos de Deus são inerentemente retos, como Paulo nos diz, porque o Oleiro tem o direito de usar o barro para o propósito que Ele quiser (ver Rm 9:14-29). Em Romanos 9, Paulo argumenta detalhadamente a favor da justiça de Deus (nesse caso, significando a “retidão” de Deus ou os caminhos “certos” e a perfeita liderança de Deus) como o Criador. Como Ele criou e formou tudo, as Suas intenções devem prevalecer. As criaturas devem ser submetidas Àquele que as criou.

Quando vivemos e pensamos de maneira que viola o desígnio divino, estamos nos rebelando contra nosso Criador. Isso é injusto e destrutivo. Ao violar nosso desígnio divino, nos corrompemos em pecado, e lentamente destruímos a nós mesmos. Ao impor nossa vontade de uma forma que machuca a terra, contribuímos para a destruição de outra parte da criação de Deus. Ao agir de uma forma que machuca outras pessoas, transgredimos a vontade de Deus, quem os criou. Deus responsabiliza a Sua criação por todas essas áreas relacionadas à Sua vontade.

Seres humanos pecadores têm problema principalmente com essas duas ideias na Bíblia: o homem está sujeito a Deus (Deus é Rei), e o homem presta contas a Ele (Deus é Juiz). É por isso que muitas pessoas buscam tornar Jesus apenas um mestre ou um sábio. Uma pessoa pode respeitar e apreciar um sábio sem entregar

a sua vida a ele. Enquanto admiram o bom mestre, as pessoas podem prestar contas à outra coisa (até a elas próprias). Se Jesus fosse apenas um homem e um mestre, então as pessoas sentiriam que ainda podem viver como desejam. Mas chamar Jesus de Rei e Juiz significa que precisam lidar com Ele. Precisamos viver como *Ele* deseja e prestar contas a Ele caso contrário.

A humanidade se enfurece contra essa ideia. A rebelião da Queda causou um enorme e trágico divórcio de Deus, e a partir daquele momento, as pessoas têm seguido o seu próprio caminho e construído o seu próprio conhecimento e poder. Algumas delas tentaram tornar as coisas mais fáceis decidindo que Deus não é real, mas uma vez que Deus foi removido do cenário, elas dependem de suas próprias almas. Então, como é difícil se rebelar contra o seu próprio desígnio — e contra o desejo inato da aula de conhecer a Deus — aqueles que rejeitam a Deus eventualmente se juntam. O velho ditado “miséria ama companhia” tipifica o padrão da história conforma as pessoas pecadoras se juntam para ajudar uma a outra a resistir a Deus e lutar contra suas consciências pesadas.

Duas das perguntas mais importantes da existência humana são: “Como eu sei que Deus existe e por que eu deveria me submeter a Ele?”. Em Sua grandiosa bondade, Ele procura responder a essas perguntas pelo prisma do Seu amor e da Sua misericórdia para conosco. Porque Ele nos ama, nos persegue e luta por nós mesmo quando somos fracos, imaturos e rebeldes, podemos receber poder e ajuda para vivermos nossas vidas como deveriam ser vividas — conectados ao conhecimento de Deus, em profunda concordância com Ele e o que Ele deseja.

Descobrimos, à medida que o conhecemos, que Ele não é apenas um Rei a quem estamos submetidos e um Juiz a quem prestamos conta, mas também um Noivo. Ele *é* amor, perfeitamente personificando e expressando amor conforme Ele se revela a nós. Essa verdade é a mais empolgante, libertadora e feliz que podemos receber sobre Deus. Ao se identificar como Noivo, Jesus nos comunica que Ele é, como o Rei Davi testifica, Aquele a quem Deus ungiu “com o óleo de alegria, como a nenhum dos seus companheiros” (Sl 45:7). Ele é um Deus alegre, que se deleita em

Seu povo. Saber disso muda nossas emoções em relação a Ele como Rei e Juiz.

Quando não se conhece um rei ou um juiz terreno, medos irracionais, nervosismo e defesa pode surgir em nossos corações. Eu já estive em um tribunal de trânsito e vi a raiva irracional brotar nas pessoas ao meu redor. As pessoas odeiam ser responsabilizadas por quebrarem a lei. Isso faz com que elas queiram culpar a pessoa de capa preta sentada no banco — que está apenas tentando fazer o seu trabalho bem feito e ajudar a impor a lei. Aquela raiva irracional direcionada a pessoas decentes não se compara à raiva irracional que alguém pode sentir em relação a Deus, que é muito mais poderoso que um juiz terreno.

Ainda assim, Deus procura se apresentar a pessoas rebeldes com misericórdia, compaixão e bondade. Paulo orou para que o coração das pessoas fosse conduzido ao "amor de Deus e a perseverança de Cristo" (2 Ts 3:5), e afirmou que "a bondade de Deus o leva ao arrependimento" (Rm 2:4, NVI). Nenhum de nós merecemos essa bondade, mas Deus não se relaciona conosco baseado do que merecemos. Ele se relaciona conosco baseado em quem *Ele* é. Jesus sofreu e morreu até mesmo para aqueles que, pessoalmente, nunca se abriram ao Seu amor e Sua bondade, e Ele quer conhecer e ter prazer nessa pessoa para sempre.

Encontrar Jesus como o Noivo transforma como nos sentimos e nos relacionamos com o Jesus Rei e Juiz. Mudamos de nos sentirmos convencidos a fazer a Sua vontade para *desejarmos* fazer a Sua vontade. Conforme crescemos mais em amor maduro por Ele, crescemos confiantes sobre estar diante d'Ele um dia. Descobrimos que Ele quer nos ajudar a irmos bem no dia de nosso julgamento — e isso enche nosso coração de gratidão e apreciação. A Sua generosidade e bondade para conosco são avassaladoras.

Essa é a revelação de Jesus que encherá a terra no fim desta era. No início, Deus revelou certas coisas sobre si mesmo. O fim da era se encerra com uma face diferente de Deus, vista através do Seu Filho, Jesus. Isso serve para juntar tudo o que sabemos sobre Deus para podermos permanecer com Ele com confiança, enquanto Ele abala as nações para levá-las à era vindoura, a era na qual o Noivo, Rei e Juiz irá governar a terra à vista de todos os povos.

Essa é a história que Deus, o Pai, está escrevendo nos corações de cada pessoa da raça humana. Nós nos separamos do Pai, aquele que nos criou e criou o mundo para podermos viver com Ele eternamente, mas a Sua resposta não foi a retaliação ou nos abandonar em nossa rebelião. Ao invés disso, Ele lutou para que fôssemos reconciliados com Ele, e lutou para que o mundo fosse limpo e transformado. Ele não quis permitir que nossa raça fosse destruída e nosso mundo corrompido. A história da redenção do homem e a da restauração do mundo é e será a história mais gloriosa e bela a se desenvolver. Nós desfrutaremos de Deus e uns dos outros enquanto recontamos a Sua história por toda a eternidade.

Se Enfurecendo Contra Deus para Redefinir a Liberdade Humana

Desde o Jardim e a queda do homem, a raça humana rebelada tem buscado escrever a sua própria história. O coração humano caiu no engano satânico de que a história é sobre nós, é por isso que a história da raça humana contada ao longo de séculos traz o homem como o herói. Essa velha história informou a atual narrativa cultural, que reflete como a sociedade ocidental quer ser, como a moral humana deveria ser, o que é a justiça e a equidade e qual ideal de liberdade as pessoas deveriam ter.

Essas são nossas regras e normas culturais que moldam e definem com o que nos importamos e como nos importamos. Teria funcionado melhor se ambas as leis escritas e as normas sociais não-ditas fluíssem de uma ética bíblica. Os caminhos retos de Deus funcionam para o nosso bem-estar individual e o coletivo. Entretanto, nos encontramos em uma era de crescente raiva direcionada à moral bíblica e qualquer forma de governo externo que é moldado pela ética cristã. A maneira que as pessoas pensam mudou drasticamente ao longo dos séculos, de uma cosmovisão católica para uma cosmovisão pós-cristã e depois, em nossa era, uma anticristã. Como chegamos aqui?

Conforme as pessoas começaram a se organizar e se juntar em cidades fortificadas e estabelecer antigas sociedades e nações, elas também começaram a buscar entender a si mesmas e o mundo em

que viviam. Os sistemas de raízes da sociedade são sempre formados pelas respostas humanas a perguntas sobre a natureza da nossa existência e nosso relacionamento com nosso Deus e Criador. Essas respostas, por sua vez, providenciaram um panorama para construir governos e exercer poder. Elas influenciam decisões sobre compartilhar poder coletivamente ou acabar com ele nas guerras. Não é preciso dizer que se um ser divino tem poder sobre nossas vidas e estamos sujeitos ao Seu poder, iremos operar com restrições sociais diferentes do que se nós estivéssemos no poder, essencialmente, sujeitos à nós mesmos.

No coração da fé cristã está a crença de que já um Autor divino escrevendo uma história gloriosa sobre a restauração e a redenção do homem. No princípio, a história revolvia em torno do nosso Criador nos limites do paraíso que Ele estabeleceu para poder viver com e se deleitar em Seu povo, em bela comunhão. Agora, a grande promessa colocada adiante da raça humana é a esperança do nosso retorno àquele cenário, a habitar em um planeta livre das correntes do pecado, da rebelião e da corrupção. Entretanto, uma narrativa antagônica tem impedido o cumprimento dessa promessa.

No fundo do coração de pessoas pecadoras está o sonho de um mundo sem Deus, onde a humanidade pode ser ver livre para tomar o seu papel “legítimo” de domínio sobre o mundo sem a interferência de ou se submeter a um ser divino. As pessoas querem alcançar a liberdade não só da presença de Deus, mas também da sua moral e leis. Nossos corações humanos pecadores se apegam à esperança de que, livres das limitações de Deus, poderemos aproveitar o mundo completamente e dominá-lo. Nos opomos ao direito de Deus de governar e rejeitamos a autoridade das Suas Escrituras. Separados de Deus, cada um de nós anseia escrever a sua própria história.

Somente quando entendemos as origens da atual narrativa cultural podemos lidar com as tendências sociais subjacentes que nos cercam. O que nos ajuda é reconhecer como chegamos a nossa atual condição social (por que queremos o que queremos e fazemos o que fazemos, e o que isso significa?) e para onde estamos indo. Ao ficar um pouco mais familiarizado com a narrativa antagônica da humanidade pecadora, podemos entender melhor as

ambições e desejos que fomentam o pensamento moderno, e podemos resistir mais efetivamente à força persuasiva da narrativa cultural.

Sobre qual base o homem separado de Deus racionaliza a sua fúria contra a moral cristã? Entender a história e o desenvolvimento do pensamento ocidental pode nos ajudar a encontrar o nosso caminho. Saber o que a Bíblia tem a dizer sobre para onde estamos indo e por quê nos ajudará permanecer com coragem, clareza e sabedoria à medida que o futuro se desdobra e buscamos amar a Jesus com todo nosso coração, mente e força.

O Surgimento da Narrativa AntiCristã

Por muito tempo, foram produzidos escritos e análises sobre o desenvolvimento do que é conhecido como a visão de mundo ocidental. Está além do alcance deste livro providenciar uma análise compreensiva da jornada humana, que começou buscando entender os deuses e se desenvolveu para uma cruzada para moldar o destino e a moral individual. Porém, dar uma olhada introdutória na história, do mundo antigo ao moderno, pode nos ajudar a entender e a nos preparar para o que está por vir.

Os antigos enxergavam a realidade como tendo sido originada de um lugar além da percepção humana, de uma fonte transcendente que estava além da compreensão humana. Porém, ao longo do último milênio, o arco do pensamento ocidental pendeu em direções bem distintas — de fora para dentro, de poder dos deuses sobre os assuntos humanos para o poder e potencial humano de governar e exercer poder para ele e a partir dele mesmo.

Duas eras cruciais moldaram o desenvolvimento do entendimento moderno sobre a realidade e a existência humana: a era do Renascimento e da Reforma, e a Era do Iluminismo que a seguiu. A Era do Iluminismo foi o clímax de uma mudança do misticismo antigo para o pensamento racional e intelectual, que teve início com o pensamento filosófico grego. Foram os gregos antigos que separaram o mundo imaterial, ou o sobrenatural, do material ou natural, priorizando entender o homem e o mundo em que ele vivia.

O Renascimento e a Reforma

O Renascimento europeu, às vezes conhecido também como a Era do Descobrimento, é amplamente considerado como tendo o seu início em meados de 1400 até 1600 e foi caracterizado por uma ênfase intelectual e cultural, explorando o mundo e os limites da possibilidade humana. À medida que a civilização emergia da Idade das Trevas, pareceu razoável as pessoas irem além de entenderem a si mesmas e o seu mundo moralmente, racionalmente e cientificamente, para conquistá-lo e remodelá-lo em torno de si mesmas. O Renascimento era como um caso de amor entre os intelectuais e a dignidade humana, energizado pelo aparentemente ilimitado potencial de alcance humano.

O mundo ocidental presenciou um renascimento da arte, da música, literatura, filosofia e mais — as “ciências humanas” — junto com um aumento da riqueza e da estabilidade. O estudo das obras clássicas antigas dos gregos e romanos, que tem mais a ver com assuntos mundanos do que religiosos, influenciava tudo. Como um todo, o Renascimento era uma reação ao período anterior de lento declínio e de fragmentação do cristianismo; o poder da Igreja Católica havia dominado a maioria das nações europeias, em geral inquestionado e incontestado, por um milênio. Os excessos de corrupção da Igreja e suas respostas comumente ditatoriais e brutais aos desafios impostos ao seu poder, tinham cansado o mundo intelectual, filosófico e político.

O Renascimento e a Reforma Protestante se tornaram desafios crescentes para o poder da Igreja Católica, e eles foram possibilitados por causa do interesse próprio de reis e mercadores. Esses homens poderosos e ricos descobriram, por meio do Renascimento na Itália e a Reforma na Alemanha, uma forma de governar e fazer negócios longe da interferência da Igreja Católica. Durante séculos, reis, nobres e donos de terra tinham sido forçados a se curvar diante do poder do papado. Conforme o poder papal e a autoridade sobre reis começaram a entrar em declínio, algo novo começou a surgir. O que se seguiu fez o nosso mundo ser o que é hoje.

O Renascimento italiano floresceu, em parte, por causa dos levantes econômicos e políticos acontecendo pela Europa. Isso permitiu a patronagem de novas ideias, empreendimentos artísticos e educação humanística que começou a remodelar como os cidadãos pensavam sobre si mesmos e o mundo ao seu redor. O surgimento de novos poderes europeus na Espanha, França e Alemanha, junto com a Reforma Protestante no norte europeu, preparou o caminho para novas abordagens no relacionamento da Igreja com o Estado e a dinâmica de como as pessoas no poder exerciam esse poder para o bem comum. Inicialmente, o debate daquela era foi, em diferentes níveis, anti-igreja, porque o vasto poder político, a grande corrupção, a riqueza exibicionista da Igreja Católica e a forma com a qual ela exigia a fidelidade de ambos reis e plebeus europeus era uma fonte de angústia.

Com o tempo, o tom da conversa começou a ser, em geral, anti-Igreja. A instituição em si despertou conflitos e problemas pelo continente europeu, desde as Cruzadas e o conflito com o Islã, à brutal Inquisição Espanhola mais tarde, e finalmente, a Guerra dos Trinta Anos, devastadora e sem sentido, na Europa central. Protestantes e católicos brigavam incansavelmente, e a mistura da igreja com política e economia era volátil e extenuante.

Em suma, a era marcou uma mudança drástica das bases do pensamento cristão, como resumido pelo historiador Dr. Glenn S. Sunshine em seu livro *Why You Think the Way You Do* (Por que você pensa do jeito que pensa, em tradução livre):

O Renascimento trouxe a questão de ambos os métodos que vinham sendo aceitos por séculos para encontrar a verdade e o próprio objetivo da vida intelectual. A Reforma dividiu a unidade da igreja, a âncora que segurou o mundo medieval, à medida que o cristianismo latino se fragmentou em várias igrejas concorrentes. As guerras religiosas levaram muitos a questionarem se a religião era tão central para a sociedade como acreditavam. O Novo Mundo levantou questionamentos sobre a história e a confiabilidade da Bíblia, bem como sobre a justiça e a moral de Deus. E o Pirronismo [dúvida filosófica, ceticismo] era como um ácido que corroía tudo o que tocava, deixando dúvidas sobre a própria possibilidade de sequer saber de alguma coisa.[1]

Com o plano de fundo de décadas de guerras religiosas — cristãos e mulçumanos, protestantes e católicos — e séculos de uma igreja monolítica fazendo mal uso do poder, o homem comum estava exausto, e o racionalista tinha permissão cultural e apoio financeiro para ponderar sobre o significado de tudo. As vozes influentes da época se enfureceram contra os abusos da igreja e a fé da igreja foi minimizada ou descartada completamente em favor da um novo empurrão em direção ao racionalismo e a realização humanista sem a interferência de um clero aparentemente com fome de poder que exerceu tanto controle sobre as massas. Toda a empreitada cristã — poder papal, pensamento supersticiosos, corrupção, derramamento de sangue e oportunismo por fome de poder dentro de vários setores da igreja — se desintegrou. Os racionalistas e humanistas da Europa foram de de anti-igreja para anti-Igreja antes de eventualmente mudarem para nossa atual cosmovisão *anticristã.*

O Iluminismo

O pensamento iluminista não negou a Jesus tanto quanto exaltou a razão humana de um jeito novo e profundo — um jeito que moldou poderosamente o mundo em que vivemos hoje. Inicialmente, não houve rejeição ao cristianismo ou a Cristo em si. Entretanto, o pensamento iluminista ajustou o entendimento que as pessoas tinham de si mesmas e do mundo ao seu redor, indo de algo centrado em Jesus para ser centrado na humanidade. Na prática, isso significava que a realidade estava limitada ao que os humanos e nossos cinco sentidos poderiam descobrir e perceber.

À frente dessa mudança estava René Descartes, conhecido como o pai da filosofia moderna, que escreveu o famoso: *cogito, ergo sum* (“Eu penso, logo existo”).[2] Descartes era um católico conservador que estava buscando construir um conceito lógico que responderia o desafio pirrônico à verdade (nome originário do cético grego Pirro, que atacou aparentes certezas aplicando a lógica). Ao fazer isso, Descartes ajudou a redefinir a fonte do nosso entendimento sobre a natureza e a realidade. Enquanto,

formalmente, o Deus da Bíblia servia como a fonte do nosso entendimento, Descartes considerava o conhecimento humano como sendo uma fonte autossuficiente de entendimento.

Trabalhando a partir das ideias de Descartes, Francis Bacon, chamado com frequência de o pai do empirismo, estabeleceu um padrão de probabilidade contra a certeza racional. Ao fazê-lo, estabeleceu um novo modelo para pensadores modernos — o conceito de progresso cumulativo e a ideia de que podemos e devemos saber mais do que aqueles que vieram antes de nós. [3] A ideia de saber mais que nossos antecessores (e de que, portanto, as coisas iriam melhorar) simplesmente não havia ocorrido aos pensadores antes.

A influência do pensamento de Bacon moldou a forma com a qual a sociedade pensa e raciocina. Pode-se dizer que ele sozinho foi responsável pela nossa cultura científica e a sua colaboração que promove inovação e descoberta. O seu método científico de análise e a sua visão de um futuro utópico voltado para a ciência pressionou os pensadores de sua era a dar passos significativos em direção à era de pluralidade religiosa e do progresso tecnológico. Bacon pegou a promessa e o potencial do homem, instigado durante o Renascimento italiano, e construiu significativamente sobre esse fundamento.

Como Bacon poderia ter previsto as consequências não-intencionais desse idealismo utópico? Hoje vivemos em um mundo que substituiu o dogma e a tradição religiosa de uma Igreja poderosa, burocrática e internacional pelo dogma científico; agora estamos impregnados com tradições acadêmicas difundidas que são insistentemente leais a um ideal utópico sem a interferência da religião. Na tentativa de Bacon de matar um gigante, acidentalmente ele o substituiu com outro parecido.

Em vista das guerras e devastações da era anterior, o trabalho de Descartes, Bacon e, mais tarde, Sir Isaac Newton, deu luz a um novo otimismo em relação ao progresso humano e ao potencial do futuro. Os filósofos estavam buscando expressões de fé mais tolerantes, que eram menos supersticiosas e mais racionais. Ao mudar o ponto focal do universo de um Deus transcendente para a humanidade e o mundo natural, os filósofos iluministas removeram

Deus da vida diária e o colocaram distante dos assuntos humanos. Essa abordagem se chama deísmo e ela começou a influenciar líderes políticos, filosóficos e científicos.

Desejando se libertar das amarras da tradição e dos dogmas católicos, os pensadores iluministas foram além do Renascimento em sua exploração da beleza, dignidade e capacidade humana para declarar que qualquer coisa fora da habilidade humana de pensar ou perceber, pela lógica, não existia. Isso tornaria o homem o centro do seu próprio universo moral. Por isso, ele seria capaz de determinar o curso de sua própria história.

Filósofos iluministas, como Voltaire, introduziram ideias de liberdade humana que encorajaram críticas (e, mais tarde, ataques) do Iluminismo contra a doutrina e prática católica, estabelecendo o fundamento para os conceitos modernos de “tolerância”. Isso permitiu que as pessoas verbalizassem com mais liberdade a sua oposição ou intolerância em relação às ideias com as quais elas discordavam. Voltaire promoveu a tolerância de pontos de vista e críticas religiosamente contrárias bem como defendeu a liberdade religiosa e a expressão filosófica. Entretanto, em sua retórica, que era direcionada às monarquias cristianizadas da Europa, estava claro que o próprio Voltaire queria ter liberdade de expressar a sua severa *intolerância* à fé e práticas católicas. Isso serviu, em parte, para inspirar e informar a parte e a expressão lógica dos seus argumentos — a sangrenta e aterrorizante Revolução Francesa.

G. K. Chesterton resumiu as consequências das ideias de Voltaire em seu ensaio “Pensamento antirreligioso no século XVIII” (tradução livre):

Tomemos o exemplo determinante da Inquisição Espanhola. A Inquisição Espanhola foi *Spy Fever*. Ela produziu o tipo de horror que tais febres produzem; em certo grau, até mesmo as guerras modernas. Os espanhóis que reconquistaram a Espanha do Islã com uma brilhante resistência e enfrentamento como nenhuma virtude já demonstrada pelo homem; mas eles tiveram um lado mais tenebroso da guerra; eles estavam sempre lutando para desfazer uma conspiração Judia que eles acreditavam estar sempre os vendendo para o inimigo. Sobre esse lado tenebroso do patriotismo deturpado os humanitários não sabem nada. Tudo que sabiam era

que a Inquisição ainda estava acontecendo. E de repente o grande Voltaire surgiu e a destruiu com um machado de risada selvagem. Pode parecer estranho comparar Voltaire a uma criança. Mas é verdade que apesar de ele estar certo em odiá-la e destruí-la, ele nunca soube o que ele estava destruindo.[4]

O que Voltaire destruiu? Como outras vozes iluministas na França, Voltaire criticou tanto os praticantes religiosos quanto a religião em si; ao acusar as autoridades religiosas indignas de confiança, ele colocou em questão toda a prática da religião. Isso levou a uma rejeição generalizada não somente da liderança religiosa católica, mas também do catolicismo. O próprio fundamento sobre o qual a França foi construída foi jogado fora durante a Revolução Francesa, cujos principais líderes tiraram sua coragem das próprias palavras de Voltaire para executar sua rejeição sangrenta à fé cristã. Com Voltaire, veio a necessidade extrema de reformar as nações para tirá-las do seu cristianismo, ao invés de enxergar o cristianismo como o meio moral de responsabilizar os homens perversos.

O legado do seu intelecto e a dureza de sua crítica permanecem vivos no zelo moderno de secularizar a sociedade e libertá-la das influências “opressoras” e “prejudiciais” do pensamento cristão.[5]

Como o seu rival e inimigo, Voltaire, que desprezou e zombou dele, as ideias de Jean-Jacques Rousseau também contribuíram para incitar a fúria nacional contra a elite rica, a monarquia decadente e extravagante e a gananciosa e corrupta Igreja Católica. Rousseau escreveu sobre o contrato social que as pessoas têm umas com as outras e a sua responsabilidade uns para com os outros debaixo da autoridade do estado, e suas ideias estabeleceram o fundamento para conceitos modernos sobre o governo e o socialismo. A atual demonização dos ricos e a justificativa moral da igualdade financeira têm suas raízes no ódio de Rousseau direcionado à desigualdade financeira e ao elitismo. Suas ideias amadureceram na forma do moderno apelo social-democrata, no qual o ideal é o reajuste de desigualdade de riquezas como parte do ativismo de justiça social que resulta na dignificação

da cobiça e da inveja como virtudes, ao invés de enxergá-las como vícios.

Rousseau depositou muita fé no estado democrático para libertar o homem em direção a uma distribuição justa da riqueza e, por isso, produzir a boa vontade em uma população. Mas as mesmas forças que ele identificou no coração humano, que produzem muita inveja e descontentamento, também agem dentro dos governos por ele romantizados.

Baruch de Espinosa, cujas ideias foram inspiradas pelas de Rousseau, é entendido como um dos mais influentes e importantes filósofos do Iluminismo. A sua obra alterou intensamente a conversa entre os acadêmicos e pensadores no que diz respeito a natureza de Deus, principalmente a forma como o entendemos como um ser divino. A lógica de Espinosa formulou um ataque poderoso contra o conceito de Deus como uma Pessoa que pode ser descrita usando termos humanos. Para ele, qualquer descrição de Deus como um Pai, um Rei ou, especificamente, um Juiz, seriam possibilidades ilógicas. Ele acreditava que conceber Deus como um Juiz era introduzir medos prejudiciais e extenuantes, que escravizam a raça humana e a deixa presa a esperanças e superstições destrutivas.[6] A importância de Espinosa deve ser entendida em relação à outra ideia introduzida por ele: enquanto os formadores da Constituição dos EUA defendiam a separação da igreja e do estado, um século antes, Espinosa defendeu a remoção da igreja de dentro do Estado.

O raciocínio de Espinosa originou-se do seu desejo de ver todos livres do medo. Em seu “Tratado Teológico-Político”, ele faz seus argumentos a favor de um estado ou uma comunidade de nações livre da autoridade e intolerância religiosa e toda a supressão de discordâncias intelectuais ou religiosas. Ele começou esses argumentos buscando remover a ideia da infalibilidade das Escrituras ou a inspiração divina. O seu objetivo era remover o coração da religião das amarras daqueles que ele considerava serem textos bíblicos corrompidos ou indignos de confiança, adulterados por autores posteriores. Ele afirmou que esses autores bíblicos atribuíam suas obras a Moisés, os profetas e outros enquanto inseriam seus próprios dogmas e práticas religiosas, e

defendeu que esses dogmas e práticas produziram, desde então, medo e angústia nas vidas dos seguidores de Cristo.

A Bíblia, no entendimento de Espinosa, não era diferente de nenhum outro aspecto do mundo natural. Portanto, ele sentia que deveria ser sujeitada ao governo de homens que eram, por natureza, seres livres. Em outras palavras, Espinosa buscou remover o conceito da Bíblia como uma obra escrita cheia de ideias às quais as pessoas deveriam se submeter. Ele era fortemente favorável à submeter o conteúdo da Bíblia ao governo humano. (Nota: a perspectiva de Espinosa, depois, ajudou Thomas Jefferson a se sentir confortável para retirar os aspectos sobrenaturais da narrativa de sua Bíblia pessoal). Uma vez que a Bíblia é reduzida à um livro comum sobre o qual podemos exercer nossa autoridade, podemos simplesmente remover ou ignorar os elementos que não gostamos ou com os quais não concordamos.

Adentrando a era moderna e pós-moderna

Essas ideias representam as questões em demanda que desafiaram primeiro a autoridade da igreja na era do Renascimento, para depois desafiar a autoridade do estado, na era do Iluminismo. Essas ideias e questões eram ramificações importantes não somente para o entendimento ocidental de como era o mundo e o que havia acontecido, mas ainda mais importante, para o mundo que veio a ser estabelecido na Europa pós-Iluminismo e pós-Revolução Industrial.

Perguntas significativas foram levantadas, incluindo “Como uma pessoa chega ao poder governamental, e com que direito algumas pessoas seletas dominam e governam sobre os assuntos do resto das pessoas? Sobre qual fundamento as pessoas aumentavam a sua força e vantagem, e como elas poderiam melhorar a sua situação? Se a igreja estava errada sobre, por exemplo, a centralidade da Terra em nosso sistema solar (no tempo de Galileu), então sobre o que mais a igreja poderia estar errada? Se a igreja está errada sobre várias coisas, por que a sociedade deveria sequer se submeter a ela?”

Essas perguntas levaram a uma mais potente e assombrosa: Se removermos os poderes e famílias europeias que têm governado há séculos, com qual sistema de governo deveríamos substituí-los? Como a sociedade deveria ser organizada? Quem deveria determinar o destino da população e do mundo natural, e sobre qual fundamento criaremos nossas resoluções morais e civis? Resumindo: como sabemos que nossas ideias estão certas e que elas deveriam moldar e governar a sociedade civil?

Em um nível individual, a mudança no senso de realidade (de transcendente e divino para o resultado da percepção interna e descoberta pessoal) alterou os valores e quais coisas importavam. Em seu tempo, o Renascimento e o Iluminismo redefiniram o sucesso, o senso de propósito e realização do ocidente, e como os cidadãos se relacionam com o poder autoritário e aqueles que o exercem. A Revolução Industrial e as sociedades democráticas que se seguiram redistribuíram o poder centralizado das instituições militares e políticas para as entidades econômicas e políticas. A redistribuição da riqueza e do governo, junto com o novo humanismo das eras anteriores, transformou a maneira que as pessoas pensam sobre si mesmas e o sentido da vida.

Sem Deus do centro, como a fonte de propósito humano e social, e com o empoderamento das pessoas para definirem seu próprio caminho terreno veio a sensação de falta de sentido, a vaidade e o vazio da era pós-moderna e pós-industrial. Ao mesmo tempo, os medos e ambições básicos das pessoas com fome de poder deram nova vida a ideias antigas por meio do debate político. Até os dias de hoje, há extremo conflito entre Deus, a igreja e a sociedade; as ideias iluministas que primeiro desafiaram o pensamento cristão ainda permanecem vivas.

A sociedade moderna rejeitou a autoridade da igreja e tem trabalhado para remover a sua influência sobre o Estado moderno. Isso levou à nossa atual era do intenso esforço para remover a *moral* da Igreja e da ética cristã, para que a sociedade atinja suas metas mais robustas. Do seu ponto de vista, essas metas têm a intenção de produzir uma sociedade justa e igualitária na qual os fracos, oprimidos, os privados dos seus direitos e os que estão em desvantagem conseguirão, finalmente, vencer as atuais injustiças.

As metas implícitas, entretanto, incluem remover da sociedade todos os ideais cristãos supersticiosos, retrógrados, prejudiciais e destrutivos que atrapalham o progresso dessa sociedade justa que os vários poderes buscam construir.

À medida que olhamos para o passado, podemos ver o momento na história em que as ideias do Iluminismo colidiram com uma poderosa Igreja Católica na França. O fim dessa colisão — a Revolução Francesa, uma revolta contra a coroa, a elite e a igreja na França, no fim do século XVIII — foi violento, sangrento e aterrorizante. (A parte mais sangrenta foi chamada de Período do Terror por um motivo). Se acreditamos que, nos dias que estão por vir, poder dos céus virá sobre a Igreja mundial e que irá superar em muito o poder da Igreja Católica no século XVIII (o que acredito ser parte da promessa descrita na Bíblia) e se estamos cientes de um ressurgimento de ideias iluministas na atual narrativa cultural, então aqui está a pergunta assombrosa com a qual precisamos lidar: Como será o fim para a Igreja em avivamento, à medida que ela opera com poder sem precedentes por meio do Espírito Santo? O que acontece quando a Igreja, com poder, colide

com as nações que não têm nenhum interesse em conceder esse poder?

Outra pergunta que estou trazendo para ser levada em consideração é esta: se as ideias iluministas incitaram uma derrocada sangrenta do governo católico e sua respectiva influência nacional durante a Revolução Francesa, e essas ideias permanecem vivas ainda hoje, então como será que os líderes do pensamento moderno, influenciados por Voltaire e todos os outros, reagirão ao derramamento global do Espírito Santo?

O Momento Anticristão: A Revolução Francesa

Por muitos anos discute-se que a Revolução Francesa foi o resultado natural da trajetória antropocêntrica do pensamento, apoiada por Rousseau, Voltaire, Espinosa e o Iluminismo. O que ainda é relativamente inexplorado é a questão do quão relevantes

são as ideias iluministas hoje, e qual poderia ser o impacto delas em nosso contexto religioso moderno.

A Revolução Francesa mudou a ordem social de uma forma um tanto diferente da Revolução Americana alguns anos antes. A revolta anticristã dos líderes da Revolução Francesa — os radicais da esquerda, jacobinos, e o seu líder Maximilien de Robespierre — levou a medidas drásticas e opressoras para descristianizar nações e fechar igrejas. Por muitos anos, até mesmo o calendário gregoriano foi substituído pelo calendário revolucionário francês, criado para refletir uma sociedade secularizada construída sobre os fundamentos da razão como a “luz guia” primária da sociedade, ao invés dos fundamentos arcaicos da religião e da fé.

O Iluminismo marcou o fim de um mundo muito antigo e de sistemas feudais, assim como o colonialismo emergente e a Revolução Industrial. Foi o início do surgimento de uma classe média muito próspera na Europa — principalmente na Grã-Bretanha e na França — que marcou o início de uma era que terminaria violentamente em 1914, por causa da Primeira Guerra Mundial.

O que podemos dizer sobre essa era de desenvolvimento do pensamento moderno — que levou diretamente ao surgimento de Napoleão e Hitler? Essas ideias são a base do pensamento moderno político, ideológico e filosófico. Nos últimos dois séculos, essas ideias foram faíscas que incitaram o progresso, desencadearam a riqueza histórica e aumentaram o padrão de vida de milhões de cidadãos em muitas nações. Ainda assim, essas mesmas ideias levaram a atos de violência monstruosos; o surgimento do nacionalismo e totalitarismo, o governo despótico; e a colonização, com sua terrível opressão e exploração de escravos, raças e recursos de nações distantes, que carregam marcas profundas até hoje.

Há um lado lógico da sociedade racionalista, secularizada e humanista que amadureceu para uma nova expressão durante o Iluminismo. O que é digno de nota para o nosso contexto é a propagação explosiva da religião em nosso mundo moderno. Ao passo que o clima político, militar, midiático e cultural nas principais nações da terra carrega o ápice da abordagem humanista e anticristã, que começou a ascender no final do século XVIII, a

mentalidade da classe média e pobre da terra tem sido muito mais religiosa. Tome como exemplo a rápida disseminação do cristianismo pentecostal, cheio do espírito; o Islã e outras formas e expressões religiosas. Até quando os revolucionários culturais dos anos 60 declararam que Deus estava morto, o Movimento de Jesus dos anos 70 surgiu e as igrejas cresceram significativamente.

Pode-se dizer que o Iluminismo só teve efeito entre a elite e os membros poderosos da sociedade, que serviram como uma base filosófica para remover o poder da realeza europeia e distribuí-lo a uma nova classe dominante. Os temas e ideias implícitos no Iluminismo informaram essa nova classe dominante sobre como ordenar a sociedade sem Deus e como in-

divíduos poderiam ser verdadeiramente livres. Rousseau abre seu livro seminal, *O Contrato Social*, com a famosa declaração: “O homem nasce livre, mas por toda parte encontra-se acorrentado”. Rousseau e Voltaire, de suas maneiras diametralmente opostas, se revoltaram contra Deus, a Sua Igreja e o que eles consideravam ser os opressivos abusos de poder que acompanhavam a expressão religiosa.

Entretanto, remover o cristianismo dos novos lugares de poder não removeu de fato a opressão, a injustiça ou a maldade. Na França, depois na Rússia, e então na Alemanha, essa remoção levou a algo totalmente diferente. A questão que nossa geração deve enfrentar em conjunto é: se as ideias iluministas ainda incitam a nova classe dominante atualmente, os ciclos da história se repetirão mais uma vez antes do Senhor voltar? O que acontecerá quando os poderes seculares incentivados pelo Iluminismo colidirem com uma Igreja avivada, globalmente influente e empoderada pelo Espírito Santo? Da colisão resultante, poderia surgir um poder despótico que causaria tribulação na terra, como fizeram Napoleão, Hitler e Stalin?

No próximo capítulo, iremos mudar do impacto dos desdobramentos do século XVII para o mundo de hoje. Examinaremos a narrativa cultural do nosso tempo e a demanda para que o mundo ocidental entre em conformidade com seus princípios. Também veremos outras duas vozes importantes que moldaram nossa narrativa cultural moderna, Georg Hegel e Karl

Marx. Suas ideias sobre processos históricos e a necessidade de revolução influenciaram intensamente a era pós-moderna, opressiva e de justiça social que vivemos hoje, baseada na culpa.

A EXPRESSÃO MODERNA DA NARRATIVA CULTURAL

Quando se examina o atual cenário nas redes sociais, com seus influenciadores e produtores de conteúdo, sua arte feita para realizar desejos e de performance barata, seu mundo de curadoria individual de posts e *selfies* persuasivas, a grande quantidade de adoração narcisista que está explodindo de nossa cultura é de se impressionar. Em um rápido vislumbre do mundo das redes sociais você encontrará rapidamente o nosso caso de amor individualista por nós mesmos. É paradoxalmente chocante e previsível que esse nível de amor-próprio apareceria lado a lado da onda contrastante de desprezo e descaso por outros. Vejo a raiva e o ódio direcionado aos outros online diariamente como uma poderosa imagem do que Paulo chamou de "o ministério da iniquidade" (2 Ts 2:7).

Outra coisa começou a acontecer nas redes sociais — agora conseguimos destruir a vida e o sustento uns dos outros apenas apertando algumas teclas. Basta uma mera acusação se tornar pública. A nossa interconectividade torna possível virar o mundo de alguém de cabeça para baixo através de pressão social e mensagens mentirosas (ou verdadeiras, porém cruéis).

Em um único post, uma pessoa pode ter a sua reputação, seu o relacionamento social e profissional e a carreira destruídos.

Percebendo ou não, esse desenvolvimento também pode ser traçado a partir dos renascentistas e, mais tarde, do Iluminismo, passando pela Era da Revolução até o nosso mundo moderno. A fúria da rede social é a última expressão do antagonismo interior de diferentes vozes ao longo de séculos. A força desses muitos argumentos e contribuições filosóficas mudou a forma das pessoas reagirem umas às outras.

Precisamos ver claramente como o mundo é agora e o que isso significa para nossos filhos e netos. Do contrário, não conseguiremos fortalecer nosso interior em Cristo o suficiente para suportar o peso disso. A meu ver, é aqui que o positivismo cristão

moderno e o negativismo fundamentalista não conseguem engajar em um diálogo produtivo. Em nome da felicidade e da esperança, os positivistas cristãos ignoram o atual estado das coisas e as ameaças reais que estão surgindo; seu otimismo incansável faz com que os outros parem de levar os encorajadores a sério e busquem por aconselhamento e perspectiva em outros lugares. Em nome da verdade e do discernimento, os negativistas cristãos ligam um alarme contínuo e despertam medos sobre vários resultados ruins possíveis; o seu estado constante de alerta faz com que os outros parem de levar seus avisos a sério e os ignorem. A Igreja não tem uma voz unificada; ela se tornou adormecida e apática — ou amedrontada e reacionária.

Para muitos, as muitas opções e vozes que podemos escolher em nosso mundo digital levam a um eterno barulho, confusão e uma espécie de tribalismo de câmara de eco. Não somos tão diferentes do mundo ocidental como um todo enquanto nos movemos em direção ao tribalismo, girando em torno de lugares de conforto e segurança ideológicos. Enquanto isso, continuamos alimentando a raiva e o medo que está levando nosso mundo à crescente divisão e contenda.

Ideias podem ter e realmente têm consequências, e ideias que nasceram como reação a uma organização eclesiástica restritiva e poderosa na Idade Média — ideias que deram poder e voz ao pensamento e à prática anticristã — começaram a amadurecer em nossa geração. Como sociedade, estamos chegando em um destino que demoramos cinco ou seis séculos para chegar — um mundo sem Deus, sem cristãos, sem moral e teologia bíblicas. Novamente, alguns cristãos não acreditam que está chegando a esse ponto, satisfeitos em viverem suas vidas e impulsionarem o sistema que está se tornando mais e mais hostil em relação a eles, ignorando, por enquanto, a demanda crescente por uma conformidade cultural. Outros estão cientes, mas revidam com corações cheios de medo, raiva, paixão e zelo, incitando outros a fazer o mesmo. Onde você se encontra nesse espectro?

O Sistema de Crédito Social

Recentemente, o governo chinês lançou um sistema de crédito social. O objetivo é promover a ideia de que “ser confiável é glorioso e quebrar essa confiança é vergonhoso”.[1] O sistema é parecido com um sistema de crédito privado. Entretanto, é uma pontuação de reputação pública. Através de sistemas de reconhecimento facial, tecnologia de análise de dados e relatórios, o governo chinês consegue regulamentar o comportamento moral que vai além da atividade criminal. Ouvir música alta, atravessar fora da faixa ou não comparecer à reservas em restaurantes contam pontos negativos, enquanto trabalhos de caridade, doação de sangue ou serviço comunitário podem aumentar a pontuação social, que é acessível ao público. A pontuação de confiabilidade avalia que tipo de cidadão você é que se os seus comportamentos se alinham ou não com as metas e os valores do Partido Comunista.

Em outras palavras, o governo chinês encontrou outra maneira de perseguir a Igreja cristã, cujos membros aumentaram grandemente na nação nos últimos setenta anos. Como a opressão e perseguição direta dos cristãos não funcionou muito bem, o novo jeito de se fazer isso conecta incentivos econômicos e sociais a uma pontuação e uma lista negra que já impediu a viagem de 13 milhões de cidadãos chineses ao longo dos últimos anos. [2] Entrar na lista negra pode dificultar a possibilidade da pessoa comprar e vender, estudar em universidades prestigiadas e ter acesso a potenciais oportunidades de emprego. Os cidadãos foram encorajados a denunciar uns aos outros, e não o fazer pode ser uma forma de ter seu crédito social diminuído. Ter um crédito social baixo também pode ter um impacto negativo em potencial para membros da família, bem como amigos e conhecidos.

Os cidadãos chineses com quem eu falei são sóbrios em relação ao sistema de crédito social, e os líderes políticos com quem eu falei aqui nos Estados Unidos estão preocupados. São fortes incentivos econômicos e sociais para entrar em conformidade com o Partido Comunista, trair os amigos e a família e se desviar de comportamentos explicitamente cristãos.

À medida que ouço as preocupações justificáveis das pessoas em relação à inciativa do governo chinês, não consigo evitar pensar sobre o sistema de crédito social informal que está criando raízes no

Ocidente. Nosso sistema não está sendo implementado por um regime opressor e totalitarista. Ele está sendo implementado pelas massas através das redes sociais, e é cruelmente eficaz. Começou anos atrás, quando organizações cristãs ou organizações que representavam a moral conservadora identificavam comportamentos ou ideias que eles consideravam prejudiciais ao bem comum. Uma vez identificados, essas organizações convocavam boicotes, pedidos de desculpa públicos e outras concessões para que corporações agressivas e figuras públicas se aliassem aos valores cristãos ou conservadores.

Entretanto, recentemente, o jogo virou sutilmente. A conscientização social no que diz respeito às questões de raça, abuso, gênero, sexualidade e mais se expandiu e uma medida de autoridade moral foi dada àqueles que se sentiram historicamente oprimidos, maltratados ou abusados. A moral em nossa cultura tem sido sutilmente redefinida em torno de verdades universais que possuem concordância unificada independente do contexto ideológico (por exemplo, “ódio é ruim”) junto com aplicações morais generalizadas dessas verdades (por exemplo, “suas palavras são odiosas”) e consequentes penalidades para as quebras da conduta moral (por exemplo, “ninguém deveria se associar a você”).

Essa é a versão popular, ou democratizada, do sistema de crédito social no Ocidente. No Oriente, o sistema está sendo aplicado e implementado por meio de um governo autoritário, enquanto no Ocidente o sistema está sendo aplicado e implementado pela pressão social das vítimas de formas variadas de injustiça. Ambas as versões do sistema de crédito social, junto com a versão religiosa que veio antes delas, são fundamentalmente autoritárias e controladoras. Esse é o resultado lógico das noções de liberdade de Rousseau alcançadas por meio do contrato social que fazemos uns com os outros a fim de chegar ao bem comum. Se Deus é retirado da equação e a Sua Palavra não faz parte do cálculo moral de uma ordem social justa, então quem decide e define o que é o bem comum?

A Narrativa AntiCristã

Desde o Renascimento, como vimos, a fúria dos homens direcionada às restrições e aos dogmas da fé cristã ganhou força e influência cultural. A crescente raiva direcionada ao catolicismo durante o Renascimento, que transbordou para uma hostilidade explícita em relação à Igreja e a fé cristã durante o Iluminismo, progrediu para interações mais sofisticadas de pensamentos anticristãos. Depois do Iluminismo, a era pós-cristã do pensamento filosófico começou a surgir, da França napoleônica à Inglaterra vitoriana. Filósofos, pensadores e acadêmicos deixaram a cosmovisão cristã, sem trabalhar a partir dela ou a desafiar. O pensamento filosófico havia adentrado o campo de imaginar o curso do mundo e do progresso humano sem Deus, sem religião ou sem fé. Com as amarras do pensamento e dogmas cristãos removidas, apenas pense nas possibilidades!

O mundo como eles conheciam estava cheio de novas perspectivas gloriosas por causa da Revolução Industrial e expansão colonial. À medida que a riqueza fluía entre as potências europeias do século XIX, os filósofos consideravam as questões do progresso humano e o arco do desenvolvimento humano. Livres da narrativa da fé cristã, que previa um fim específico para a jornada humana, os filósofos naquela era, ainda assim, precisavam lidar com verdades difíceis, como “O que a riqueza repentina e em grande escala expõe sobre a condição humana?” (A resposta: eles observaram que a corrupção vinha junto com um aumento repentino da riqueza).

A história obscura do colonialismo de exploração das potências europeias é um assunto vasto que está além do âmbito dessa discussão. Basta dizer que as ações dos colonizadores se tornaram manchas escuras no que se entende como um momento de possibilidades promissoras. Guerras e conflitos aconteceram pela Europa e pelo novo Estados Unidos da América; governantes autoritários e monarcas enfraquecidos morreram. O velho mundo se esvaiu como uma memória e um mundo novo e moderno estava lentamente começando a nascer. O que isso indicava? Apesar dos piores impulsos da humanidade, a civilização poderia progredir para algo melhor, até mesmo uma utopia?

Dois homens em específico impactaram significativamente o pensamento moderno à medida que buscaram abordar a verdadeira natureza do homem em relação à busca por um ideal utópico: Georg Hegel e Karl Marx. A atual sociedade secular deve muito aos processos históricos iniciados por esses homens.

Georg Hegel foi um filósofo alemão pós-iluminista do início dos anos 1800 que entendia a história como um processo pelo qual, através das colisões filosóficas, com o tempo, a sociedade se aproxima da verdade ou realidade universal. Ele definiu a dificuldade de saber e entender como um conflito necessário entre visões opostas — a tese e a antítese — por onde chegamos a uma visão melhor das duas ideias contrárias — a síntese. Através do debate e da dificuldade, os processos históricos progridem, se aproximando cada vez mais da verdade e realidade definitiva.

Em sua obra pioneira, *A Fenomenologia do Espírito*, Hegel apresentou a ideia do “espírito do mundo”, termo usado por ele para descrever a consciência coletiva da humanidade e a necessidade do seu crescimento e desenvolvimento. Hegel acreditava que, com o tempo, conforme a sociedade progride e ideias colidem e são sintetizadas, ideias novas e melhores surgem e a humanidade progride em direção ao que é entendido como o “espírito absoluto”, ou o ponto final lógico da síntese de ideias. Para Hegel, o estado ideal ou utopia aconteceria quando verdades sintetizadas fossem capazes de progredir de geração em geração. Então, com o tempo, a consciência coletiva da humanidade chegaria a um ápice da verdade absoluta, e depois disso o progresso cessaria, tendo alcançado o clímax da razão e da verdade. Uma sociedade moldada por verdades com essa qualidade seria, por definição, perfeita.

Quase quarenta anos depois, um homem chamado Karl Marx construiu sua obra. Marx aplicou as ideias e metodologias de Hegel nas áreas políticas e econômicas para falar sobre a crescente desigualdade entre os ricos e os pobres nos novos sistemas capitalistas que emergiram do feudalismo. Ele não estava interessado em sínteses filosóficas que levam à verdade; Marx estava interessado na luta de classes e nas revoluções necessárias para retirar e substituir os poderes em governo. O objetivo de Marx era que a sociedade chegasse a um estado livre de conflito por meio

da redistribuição de poder. A sua teoria de libertação da sociedade envolvia transferir o poder da pequena classe dominante para o vasto proletariado, ou membros comuns da sociedade.

O ideal utópico sem conflito não poderia ser atingido, é claro, enquanto o cristianismo estivesse no caminho. Marx se opunha ao cristianismo, à moral cristã e à religião em geral, enxergando-as como superestruturas usadas pelas classes dominantes para adquirir e manter o poder. Mais tarde, Vladimir Lenin e Joseph Stalin instituíram as ideias de Marx na Rússia comunista depois da Revolução Russa, e depois veio a Revolução Comunista Chinesa de Mao Tse-tung.

Nos anos 50 e 60, a filosofia de Marx começou a se expandir para além das esferas políticas e econômicas e adentrou a teologia. A teologia liberal começou a emergir dentro da Igreja Católica como meios de desviar a atenção da igreja para os pobres em situações de opressão. A teologia liberal defendia a reestruturação e reorganização da igreja para dar atenção preferencial àquelas que eram “insignificantes”, “marginalizados”, “sem importância”, “carentes”, “desprezados” ou “indefesos”.[3]

Mais recentemente, a filosofia e os conceitos marxistas se expandiram para as áreas sociais e morais do pensamento e dos estudos. Alguns analistas cunharam o termo “marxismo cultural”,[4] cujas raízes podem ser traçadas desde Antonio Gramsci, na Itália, e Georg Lukacs, na Hungria, que viram o insucesso do marxismo depois da Primeira Guerra Mundial como um produto das superestruturas que estavam impedindo as necessárias revoluções e mudanças sociais. Eles sentiram que eram as superestruturas ligadas aos valores ocidentais, ambos o individualismo norte-americano e o cristianismo, que estavam especificamente impedindo a mudança social. Eles pensavam que a moral cristã formara barreiras imóveis que permaneciam no caminho da evolução social, portanto, a moral cristã deveria ser atacada a fim de remover sua influência social.

A partir dos seus escritos e da sua influência, marxistas alemães formaram a Escola de Frankfurt da Teoria Crítica, em 1923, para avançar a teoria como uma forma de desestabilizar as superestruturas culturais atrapalhando a mudança social. A teoria

crítica é um meio de criticar como a cultura e a sociedade funcionam como um todo a fim de trazer mudança.[5] Um dos membros da Escola de Frankfurt, Herbert Marcuse, veio para os Estados Unidos e começou a levar adiante a ideia de que uma revolução marxista aconteceria ao levantar os grupos oprimidos ou marginalizados — alguns dos mesmos grupos identificados na América Latina pela teologia liberal. Marcuse foi um dos primeiros defensores da visão da esquerda de tolerância.[6]

A atual repetição do marxismo (cultural) não é em si o que os críticos se opõem. O que alguns críticos contrariam é a ideia de que alguns acadêmicos marxistas poderiam ter um impacto excessivo no pensamento progressista moderno. Para eles, a ideia soa conspiratória e exagerada.

Não estou defendendo a ideia de que nossa atual condição social e moral é fruto de uma conspiração marxista disseminada nem estou atribuindo a atual narrativa cultural a um grupo de filósofos e professores. Há uma conspiração muito mais poderosa e traiçoeira em ação, e o sistema de raízes é bem mais profundo do que pensadores e escritores marxistas. Essas pessoas, e milhares como elas, são atraídas por essas ideias e ideologias e as propagam por causa da conspiração mais profunda que opera imperceptivelmente no coração da humanidade caída. O mistério da iniquidade, a fúria das nações e o anseio anticristão que revolve como uma tempestade na alma de pessoas orgulhosas, quebradas, injustas sempre inspirou a retórica da liberdade e independência. Na linguagem de hoje, temos “tolerância e justiça”.

Portanto, os controles sociais, morais e econômicos que acompanham os chamados à liberalidade, tolerância e liberdade sempre levaram a fins despóticos e totalitários. Essa é a natureza do coração humano em guerra dentro de si mesmo, em uma luta entre a queda e a consciência, o que leva à guerra contra aqueles à nossa volta. Nós somos “filhos da ira” (Ef 2:3) por natureza.

O curso desse mundo flui de acordo com as ordens do príncipe da potestade do ar, o espírito que agora atua nos filhos da desobediência (ver Ef 2:2). Portanto, nossas vidas separadas de Deus são guiadas pela luxúria, não pelo amor. (Nesse contexto, luxúria significa o anseio interior e as agendas egocêntricas que

guiam nossas ações e comportamentos). É a nossa própria agenda egocêntrica que nos leva a ter amizade com o mundo e buscar conformá-lo à nossa imagem ao invés de orar e lutar para que Jesus o conforme à Sua imagem. A luxúria nos leva a construir o mundo que queremos de acordo com o código moral e regras da nossa preferência (ver 1 Jo 2:15-17). O bem coletivo e aquilo que serve melhor a ordem social é definido, então, a partir de “o que está em concordância comigo”. Na concepção marxista, cristãos são inflexíveis porque marxistas não se conformam nem mesmo com o consenso democrático definindo o bem coletivo, ao passo que os cristãos devem continuamente se render à liderança e autoridade de Cristo.

A insistência contínua dos cristãos de se submeterem a uma autoridade divina (uma que os perdidos têm um profundo anseio interno de remover ou derrubar) é o que faz do cristão alguém com quem o mundo é forçado a se conformar — ou a remover completamente. Enquanto os cristãos forem comprometidos com a cruz, com Jesus e com a Sua definição de amor e verdade, não há lugar para eles nesse mundo, da forma que foi construído.

O mundo chegou a um destino trágico e traiçoeiro. Ainda não chegamos no destino que a Bíblia descreve como “os dias vindouros”. O que vimos até agora foi descrito por Jesus como joio e o trigo que crescem juntos (ver Mt 13:24-30). Mas pode ser mais apropriado descrever nossa situação atual como dois barris de pólvora bem diferentes que estão sendo preparados para explodirem dramaticamente no futuro.

Pelo ângulo da redenção, o Reino de Deus tem crescido e expandido constantemente ao longo dos séculos. Recentemente, como vimos, as peças estão sendo movidas vagarosamente para o seu lugar para que o Senhor faça sua jogada final, trazendo justiça ao mundo e o Seu Filho de volta ao planeta. A oração global, a multiplicação das missões e os acontecimentos em Israel e Jerusalém estão preparando o terreno para um avivamento explosivo que abalará a terra.

Do outro lado, o príncipe da potestade do ar e os filhos da obediência através de quem ele tem agido moveram as coisas em direção a um fim bem diferente do desejado. Esse fim é a

conformidade do cristianismo à atual narrativa cultural — ou a remoção do cristianismo do cenário mundial. A tensão é alta, conforme os fundamentos da cultura ocidental que vieram da sua história judaico-cristã parecem ter se tornado intoleráveis para o movimento da tolerância-e-justiça, que age a partir de um fundamento marxista.

Em uma perspectiva marxista, os pilares da sociedade capitalista ("opressora") ocidental são superestruturas do pensamento cristão que agem contrariamente à revolução necessária para derrubar governos e potências corruptas e exploradoras. Mesmo assim, paradoxalmente, essas mesmas vozes condenam o sistema de crenças do cristianismo como intoleráveis. (Em um sistema marxista, esse sistema de crenças precisa ser removido para dar lugar à necessária transformação social).

Em nossos dias, não existe uma perseguição do cristianismo disseminada globalmente com o objetivo de removê-lo porque ainda parece existir uma esperança de que os seus seguidores poderão ser intimidados ao silêncio, condenados à irrelevância ou seduzidos à conformidade. A atual onda de social-democratas não concorda com o princípio basilar do marxismo que diz que a transformação social virá somente por meio da revolução e do conflito. Eles acreditam que assegurando a superioridade moral, eventualmente, suas ideias podem ganhar. Como vimos dentro de nosso próprio contexto social, eles buscam remover as superestruturas por meios políticos e ideológicos, buscando poder para legislar as mudanças necessárias enquanto, simultaneamente, impõe uma pressão cultural. Até aqui, o caminho para a mudança tem sido devagar, proposital e progressiva.

Entretanto, quando o avivamento mundial incendiar o Reino de Deus, ele fará a faísca virar uma explosão. Esse será o catalisador que levará as nações de sedução à fúria, ao ódio e à perseguição. Historicamente, a Igreja avivada sempre se torna (de acordo com consciências despertas) uma Igreja irracional. Dois exemplos: depois do Primeiro Grande Despertamento, as colônias norte-americanas não conseguiam continuar mais a subsidiar as guerras e o extravagante estilo de vida o Rei George III. Quando as questões da consciência tocaram as questões financeiras e reguladoras,

nenhum lado cedeu, por causa da situação econômica. Isso levou à guerra. Então, depois que o Segundo Grande Despertamento agitou as consciências dos estados do norte dos EUA em relação à escravidão, despertando movimentos de santidade e abolição, os estados do sul viram uma ameaça à sua crescente economia, que havia sido construída a partir da escravidão.

Em outras palavras, sempre há ramificações sociais, morais, políticas e econômicas muito intensas em um avivamento poderoso, ainda mais quando o avivamento é global.

A consciência desperta de uma Igreja unificada mundialmente é uma hipótese terrível com a qual as potências perversas e opressoras da terra tem de lidar. Uma Igreja avivada não é seduzida, comprada, intimidada ou silenciada, e terá um poder recém-adquirido para se opor ao curso destrutivo e imoral no qual as nações da terra embarcaram. Os governos e empresas das nações terão muito a perder se uma Igreja avivada e poderosa conseguir reiterar a sua vontade no que diz respeito à mudança social. Um avivamento de Joel 2 na Igreja deixará as nações em uma encruzilhada em relação ao futuro. Não tem como existir uma coexistência pacífica entre uma Igreja unificada, avivada e cheia do poder e da autoridade do Espírito Santo.

Amantes de Si Mesmos, Do Dinheiro e do Prazer

Em sua carta a Timóteo, Paulo deu um dos seus últimos alertas à Igreja, apresentando uma imagem clara e detalhada do rumo em que o mundo se encontra. Ele define a fonte dos problemas nos “tempos difíceis” que estão por vir: a luxúria humana que guia os comportamentos pecaminosos. Ou seja, por trás de toda a fúria, dos argumentos e debates, agendas e intimidações, está o amor a si mesmo e o amor ao dinheiro (ver 2 Tm 3:1-5). Essas são luxúrias que produzem todo o oportunismo autopromovido e blasfemo. Quando as pessoas demonstram não ter lealdade a nada senão a construção do seu próprio império, elas também não têm amor, reverência, perdão, confiança, domínio próprio e verdadeira bondade. É isso que move as potências e os governos que estão construindo um mundo sem Deus e a sua moral. Eles se tornam

suas próprias autoridades, se recusando a responder a qualquer outra autoridade, e abandonam as amarras da moral bíblica e da influência cristã. A remoção da superestrutura cristã está fazendo o mundo decair em direção à loucura, com cada um vivendo por si mesmo e pelo seu próprio bem, lutando para conformar o mundo que o cerca aos seus próprios fins.

A “forma de piedade” mencionada por Paulo faz parte do pragmatismo egocêntrico que tira vantagem de qualquer meio tendo como fim o poder pessoal. Se a religião pode ser útil para convencer as massas a seguirem em frente, se ela se encaixa na ou complementa a narrativa cultural que serve para esse fim, então ela terá um lugar. Se a religião não é útil para as metas egocêntricas, ela pode ser facilmente descartada, junto com as associações da igreja, os relacionamentos e qualquer outra coisa que impeça o “progresso”.

Sim, como Paulo escreveu, esse mundo é um lugar difícil e perigoso para os cristãos. Entretanto, não precisamos temer o mundo como ele está nem como ficará. Não precisamos nos retrair, nos esconder ou recuar de forma alguma. As Escrituras são claras sobre o rumo deste mundo e o seu futuro separado de Deus. E as Escrituras são claras sobre a vitória e a glória da Igreja nos dias vindouros.

Nós que somos a Igreja não precisamos nos preocupar com o futuro. O Pai irá exibir uma Igreja madura, bela e poderosa à vista de todas as nações. Quando virem o caráter de Deus refletido em Sua Noiva, muitos se arrependerão e abandonarão o rumo proposto por esse mundo, se voltando ao amor fervoroso do Filho de Deus.

Ao seguir em frente com um entendimento claro da escuridão que nos cerca e da luz que virá, não precisamos preparar nossos corações e vidas somente para resistir e sobreviver à devastação do mundo ao nosso redor. Ao invés disso, podemos preparar nossos corações e nossas vidas para prosperar quando a escuridão estiver no seu auge, e sermos os mais esperançosos quando as coisas estiverem as mais desanimadoras, e sermos amáveis e misericordiosos para com nossos inimigos quando eles se enfurecerem odiosamente contra nós.

Como podemos fazer isso? Como podemos nos preparar para agir com esse tipo de amor nos dias vindouros? Como podemos permanecer sem ofensa, quando aqueles que nos cercam nos traírem, se esfriarem ou se afastarem? Na próxima seção irei mostrar aquilo Deus prometeu providenciar para os Seus.

A PROMESSA DA IGREJA VITÓRIOSA

◆◆◆

O CAMINHO DA VITÓRIA E DA REDENÇÃO

As Escrituras nos dão o presente da perspectiva futura. A perspectiva das Escrituras nos faz capazes de seguir em frente com confiança na liderança soberana de Deus, ao invés de se estremecer diante da intimidação.

Uma perspectiva sábia torna possível priorizarmos — com uma mentalidade de urgência sensata diante do tempo em que vivemos — o que realmente importa. As Escrituras nos informam para onde estamos indo a fim de que fiquemos atentos e prontos para o que está por vir. Como temos explorado neste livro, está nos planos do Pai fazer com que até a fúria das nações trabalhem para o nosso bem, usando a fornalha das provações severas para produzir profundo amor, lealdade e maturidade no coração do Seu povo. Deus é capaz de fazer *todas* as coisas cooperarem para o nosso bem, mesmo as circunstâncias e pressões mais extremas (ver Rm 8:28). Ele transforma pressão em vantagem, colocando em nós uma nova medida de perseverança e constância. Ele faz uma transformação radical em nossos corações e nos dá muita esperança em relação ao futuro enquanto vemos a Sua obra (ver Rm 5:1-5).

O plano maestral de Deus de providenciar uma companhia eterna para o Seu Filho é a própria premissa da Sua criação (ver Ef 5:31-32; Ap 19:7-9). Tudo o que Deus fez na criação e continua a fazer na história serve o Seu plano de preparar uma Noiva para o Seu Filho digno. Portanto, o centro essencial de nossa história não é a tribulação que virá. Do contrário, é o grande plano glorioso de Deus de usar a própria fúria de Satanás contra ele, de permitir que a fúria das nações aperfeiçoe uma Noiva bela, madura e poderosa,

que é digna de governar as nações da terra ao lado do seu Noivo, Jesus.

Pela graça de Deus, juntos *estamos nos tornando algo*. A Sua sabedoria e liderança perfeita não desperdiça nada. Ele trabalha com amor ciumento para preparar uma Noiva gloriosa — cristãos individuais com vidas em comum dentro da Igreja — um povo experiente, testado e maduro que ama profundamente com lealdade e autoridade inabaláveis.

O Caminho da Urgência

Então, como eu e você seguimos em frente como indivíduos para entrar em parceria com o que o Senhor está fazendo? Por ora, espero que você já tenha começado a se ater aos aspectos mais críticos da preparação para o futuro: o senso de urgência que vem pela graça, através do que Paulo chamou de "espírito de sabedoria e revelação no pleno conhecimento dele" (Ef 1:17).

Um espírito de revelação é a famosa lâmpada que acende em sua mente, quando algo que você nunca entendeu de repente faz sentido. Esse momento de claridade-pela-graça geralmente é acompanhado por uma medida de convicção para te ajudar a responder ao que você acabou de entender.

Diariamente, eu e você estamos presos em um quarto escuro, incapazes de ver até que Deus acenda a luz. Em Sua bondade, o Senhor quer agitar nossa fome e curiosidade santa de buscá-lo para podermos conhecê-lo melhor. Respondemos ao convite divino de buscar a Sua face ao separar um espaço em nossa programação para Ele. Devotamos nossa atenção a Ele porque queremos, e as recompensas são grandes.

Conforme separamos tempo com regularidade e frequência para ler a Sua Palavra, falar com Ele e ouvir Suas respostas (expressa a nós em nossos pensamentos, emoções e desejos), Ele nos dá mais graça. Essa é a beleza da liderança de Deus: Ele inicia a conversa, nos ajuda a encontrar alegria nela, e depois responde às nossas respostas durante a conversa. Através de tudo isso, o conhecemos e o amamos cada vez mais.

Como eu já notei, não sou o cristão mais impressionante, nem o intercessor ou profeta mais ungido, e na minha vida de oração estou sempre pedindo a ajuda de Deus em relação ao meu caráter e minhas respostas de amor a Ele e aos outros. Tenho muito crescimento à minha frente, e Ele sabe disso. O mais desconfortável é que Ele também está ciente dos motivos escondidos do meu coração que guiam o meu comportamento. Ainda assim, para a minha eterna alegria, Ele me ama de todo o coração, comprometido com um ciúme santo e ardente.

Ele nunca desiste; Ele nunca se cansa; Ele nunca para. E ele se recusa a permitir que eu me contente com o lugar em que me encontro hoje. Alegremente, Ele continua a lutar por mim e se conectar comigo com o Seu vasto e infinito amor. Isso me dá coragem para me achegar a Ele, mesmo quando me sinto totalmente inadequado e falho. Então, me lembro do que aprendi na Sua Palavra: o fato de que Ele nunca está escandalizado ou ofendido pela minha inadequação e minhas falhas. Ele sabia no que estava entrando quando me chamou muitos anos atrás. Ele sabia a bagunça em que eu estava e sabia a bagunça da qual Ele ainda estaria me libertando hoje. Mesmo assim, Ele me quis, e permaneceu comigo. Eu fico muito encorajado ao ver as áreas de verdadeiro amadurecimento — a evidência clara da Sua obra em minha vida.

O motivo pelo qual é importante tirar um tempo para lembrarmos a nós mesmos dessas verdades — principalmente agora, em um livro como este — é que facilmente e com frequência nós compartimentalizamos verdades bíblicas. Mesmo enquanto desenvolvemos um senso de urgência sobre o tempo em que estamos vivendo, devemos lembrar da permanência do Seu amor. O Pai nos ama tão profundamente. Cada momento que passamos lendo a Sua Palavra ou orando, crescemos um pouco mais em intimidade com Ele.

A Sua mensagem de intimidade amorosa precisa ser uma parte dinâmica do nosso entendimento sobre a urgência do tempo e das estações em que estamos vivendo. [1] De que outra forma podemos vigiar fielmente e orar destemidamente sobre o momento da Sua volta? Quando cristãos descobrem que eles deveriam estar vivendo

com um senso de urgência, vigiando e orando sobre a volta de Jesus, eles tendem a se fixar nessas novas verdades (para eles) e esquecem de permanecerem conectados a um Deus eternamente amoroso em um relacionamento dinâmico.

Nunca esqueça de como você precisa d'Ele aqui e agora tanto quando nos eventos do futuro desconhecido. A verdade das Escrituras que é proeminente em minha própria vida é minha contínua necessidade pelo auxílio de Jesus. Eu preciso d'Ele. Sem Ele, não posso fazer *nada.* Portanto, faço questão de estar permanecendo na videira (ver Jo 15:5), e me esforço para ficar conectado a Ele através da obediência aos Seus mandamentos, em amor. A glória de permanecer n'Ele é que a minha necessidade de ajuda — que é um tipo introdutório de urgência — me impulsiona a buscá-lo continuamente. Com o tempo, conforme eu permaneço e continuo a contemplá-lo e caminhar com Ele, um desejo verdadeiro por Ele é adicionado à minha necessidade por Ele.

Ou seja, eu começo necessitado de Jesus e, com o tempo, eu também *quero* estar com Ele. No início, meu relacionamento com Ele é imaturo, egocêntrico e defensivo, funcional por natureza. A Sua graça serve a um propósito necessário em minha vida. Surpreendentemente, Ele sabe disso e isso não o desencoraja. Ele pacientemente prossegue com o processo de desgelo do meu coração frio e cheio de si. Enquanto Ele aquece meu coração, o meu relacionamento com Ele muda. Ao invés de ser meramente funcional, se torna profundamente pessoal. Jesus deixa de ser minha fonte e reserva para se tornar meu querido e verdadeiro amigo.

Meu senso de urgência bíblico também mudou e cresceu com o tempo. Começou com minha sensação de necessitar da ajuda de Deus para preocupações imediatas da vida diária. (No ensino médio, orava com frequência sobre as provas!). Agora olho para trás e rio diante da mesquinhez dos meus pedidos de oração, mas pela perspectiva do Senhor, a urgência funcionou. Me levou a conversar com Ele. Nenhuma única vez Ele me abandonou quando pedi coisas a Ele e, com o tempo, Ele me ajudou a mudar os meus pedidos para serem baseados na Sua Palavra. Eu pedi para Ele me ajudar a entender a Sua Palavra, e Ele ajudou. Com o tempo, à

medida que eu amadurecia minha perspectiva e minha vida de oração, a urgência bíblica começou a me alertar sobre a amplitude e a dimensão da minha necessidade de ajuda.

Quando começamos a compreender a severidade e a intensidade — sem contar a glória e o poder — dos dias por vir, nos achegamos a Jesus com uma nova determinação e um senso de responsabilidade desperto. Descobrimos que uma vida de intimidade movida pela urgência irá acelerar nossa transformação para servos do Rei. Nossas prioridades mudam. À medida que nos despertamos, pela graça, a urgente importância do momento em que estamos vivendo, nossa preocupação por aqueles que nos cercam (também desperta por Jesus), nos impulsiona a servir, instruir, alertar e equipar outros, em amor. Carregamos uma visão para a maturidade e fortalecimento daqueles que amamos. Queremos que eles estejam equipados para permanecer todo o percurso até o fim vitorioso.

Iremos tratar o discipulado diferentemente quando virmos uns aos outros como parte de uma guerra e quando nos prepararmos para batalhas espirituais, tanto próximas como distantes. Pela mão de Jesus que nos guia como Pastor e Líder, estamos preparando a nós mesmos e os outros para enfrentar o amanhã com confiança.

O Caminho da Preparação

Como realmente vai ser as nações se enfurecendo contra Deus e onde no futuro isso vai acontecer? Para nos ajudar a obter uma noção mais concreta de onde precisamos crescer e receber ajuda do Senhor, vamos ler novamente Suas palavras:

Vocês serão entregues para serem maltratados e eles os matarão. Vocês serão odiados por todas as nações por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros. Muitos falsos profetas se levantarão e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a maldade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que ficar firme até o fim, esse será salvo. E será pregado este evangelho do Reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim.

Mateus 24:9-14

Engano e opressão caracterizam o jeito do Ocidente expressar sua fúria contra Deus e o Seu povo. Ambos são relacionais — e prejudiciais — envolvendo sedução e intimidação, e têm como objetivo transformar o cristianismo em uma moralidade atenuada que se alinha com os valores sociais ou remover o cristianismo completamente. É isso que estamos enfrentando diariamente. Como cristãos, como podemos equilibrar as tensões entre amar o próximo com o amor de Jesus enquanto confrontamos o erro e a agressão ao nosso redor? Uma preparação espiritual sábia envolve três aspectos contínuos: uma confiança profunda na Palavra de Deus, uma vida ativa de intimidade com Jesus e uma crescente resposta à orientação e ajuda do Espírito Santo. Pela graça, essas três coisas nos providenciarão a sabedoria e a clareza para saber como responder aos desafios impostos por um mundo anti-Deus com ambas graciosidade e ousadia lúcida.

Descobri ao longo dos anos que meu amor e minha compaixão pelas pessoas machucadas e em sofrimento não pode exceder o meu amor e minha paixão por Jesus. Nunca quero me colocar acima d'Ele, pensando, de alguma forma, que sou mais amoroso e compassivo que Ele. Nunca quero dar mais do meu amor e minha lealdade a outras pessoas do que eu dou a Jesus, porque fazer isso — e talvez todos nós precisamos aprender isso do jeito mais difícil — nos coloca contra a Sua liderança.

Ao permanecer humildemente dependente do Espírito de Deus todos os dias, meu amor e compaixão pelas outras pessoas irá fluir do meu amor e paixão por Jesus. Continuarei a buscar minha maior meta, que é amar a Jesus de todo meu coração, alma, mente e força (ver Mt 22:36-40). Esse é o maior mandamento de Jesus e a vida é sobre isso.

Ah, a simplicidade, o poder e a glória de tudo — o amor de Jesus gera amor por Jesus, e então amor pelos outros. Para cada um de nós, nossa jornada de crescer em Cristo é sobre o amor, crescer em Seu amor e aprender a dá-lo.

Incrivelmente, com todas essas verdades cósmicas e globais que encontramos nas Escrituras, o amor puro é a mais real de todas. Em meio à tamanha fúria, rejeição e violência em ascensão,

posso saber que Ele me ama. Ele *me* ama. Ele *te* ama. Portanto, nós amamos a Ele e o seguimos para onde Ele nos guiar.

A partir desse simples lugar de amor e afeição de Cristo e para Cristo, aprendo a amar, a servir e a abençoar. Conforme Ele se torna o meu querido Amigo, aprendo a ser um amigo. Isso traz beleza em meio à loucura. Essa é a glória da Igreja em meio às tempestades.

Penso que o motivo de às vezes eu ficar tão incomodado com o cristianismo ocidental é porque acho a Noiva tão bela e digna da nossa luta, e quero que a glória dessa verdade permeie a vida de cada um que crê em Jesus. Não tem nada a ver com sucesso profissional, crescimento numérico de congregação, reconhecimento pessoal ou influência. Nosso amado Jesus não tinha nada dessas coisas em Sua vida terrena. Ainda assim, a Igreja ocidental parece ter sido extremamente influenciada pela cultura moderna (junto com o orgulho humano), ao ponto de equiparar frutificação com “maior” e “mais”.

A glória do cristianismo é a sua simplicidade. Sua beleza está no que é escondido, não no renomado e aclamado. Para Jesus, era tudo sobre amar Seu Pai de todo o coração em meio ao desprezo e a rejeição. Até seus discípulos representaram graus diferentes de tolice, até de corrupção explícita. Mesmo assim, Ele os amou igualmente.

Em meio a tudo, temos que voltar à doçura e simplicidade de “Jesus e eu”. Esteja você se sentindo perdido em meio à multidão ou sozinho no ápice do sucesso, você pode valorizar uma conexão silenciosa com Ele. Mesmo que você seja importante aos olhos do mundo, é preciso permanecer pequeno e simples em seu coração. Independentemente do que você acredita que acontecerá no futuro, nada é tão importante quanto o seu relacionamento com Jesus. Ele é constante. Ele é a sua âncora na tempestade e sua luz na escuridão.

Nenhuma tempestade é mais forte. Com Ele, você pode enfrentar corajosamente a força dos ventos de furacão que estão por vir. Quanto mais real a sua vida secreta de amor por Jesus se tornar, mais você irá considerá-la preciosa e bela, e mais preparado estará para “ir até lá” quando as chuvas começarem e as nações se

enfurecerem. Você terá o seu querido Amigo para se apegar, e Ele te mostrará o que deve ser feito. Coloque toda a sua esperança n'Ele hoje para você estar pronto.

O Caminho do Coração

Em Mateus 24-25, Jesus ensinou sobre o fim da era e a Sua volta, depois, antes de descrever o julgamento final, Ele fez a aplicação do Seu ensino em três parábolas para aqueles chamados a liderar.

Quero focar na segunda parábola (ver Mt 25:1-13), na qual Jesus apresentou a ideia de que a espera pela Sua volta seria mais longa que o esperado. Essa parábola, a Parábola das Dez Virgens, enfatiza a oração e o crescimento de nossa vida interior no Espírito Santo enquanto cultivamos intimidade com Jesus. O coração da parábola é um alerta para valorizar decisões prudentes em detrimento das imprudentes, porque virá o tempo em que será tarde demais para compensar as decisões ruins. As pessoas imprudentes na parábola negligenciaram a manutenção de sua intimidade com o Noivo, Jesus.

A principal exortação à Igreja em relação a preparação para o futuro é "vigiar", ou desenvolver uma conexão de coração vital com o Espírito. ² Na Parábola das Dez Virgens, a ideia principal é se preparar para a vinda do Noivo comprando óleo. Naquela época, o óleo era usado como combustível para as lamparinas, como comida e como remédio para doenças. Metaforicamente, o óleo representa a presença do Espírito e nossa busca por se conectar com Ele em oração, conforme cultivamos nossa vida com Deus no secreto. ³ Nessa passagem, Jesus está usando a ideia de lamparinas e óleo para informar a Sua audiência da necessidade de priorizar a luz em um tempo de trevas e confusão. O óleo, ou o poder e a vida do Espírito Santo, abastece a lamparina, que representa nosso ministério aos outros.

O famoso óleo do Espírito dentro de nós toca nossos corações de formas diferentes. Ele torna nosso coração terno, nos permitindo sentir mais do desejo de Deus por nós. Isso é crucial à medida que combinamos a Palavra de Deus com nossas orações diárias. À

medida que oramos e lemos as Escrituras, o Espírito Santo trabalha em nós para experimentarmos a verdade do que estamos buscando entender. Assim, intimidade ativa com Jesus faz com que cresçamos, pela graça, em nosso conhecimento experimental. As Suas verdades estão vivas e agindo em nosso interior, nos transformando e nos fazendo sensíveis à presença do Senhor.

Isso é maravilhosamente simples, mas como é na prática? No meu caso, me sinto grato quando leio verdades sobre Jesus e o Seu amor. Eu choro à medida que meu coração é tocado pelo Seu sacrifício de alto preço e Sua disposição em lutar por mim. Fico boquiaberto quando percebo que meu amor pequeno e fraco toca e alegra o Seu coração. Quero crescer em ternura para não ser apático ou frio diante de Suas maravilhosas verdades, mas sim permanecer sendo tocado por elas. O óleo da ação do Espírito Santo na minha vida aumenta o meu desejo por Ele enquanto, repetidamente, eu encontro Seu desejo por mim. Uma vida ativa no envolvimento com o Espírito Santo ilumina o meu entendimento. Tenho novas revelações da beleza de Deus. À medida que recebo graça da Palavra para ver Jesus de novas maneiras, começo a receber a mesma graça para amar o que eu vejo.

No início de nossa caminhada de fé, as expressões da orientação do amor de Jesus nem sempre nos são convidativas. A ideia de se tornar manso, humilde de coração e como um servo (ser pequeno para ser grande) ou viver diante d'Ele na audiência de Um — nada disso é convidativo para o nosso desejo orgulhoso de atrair atenção à nós mesmos. Preferimos ser ouvidos, fazer as coisas do nosso jeito e obter o reconhecimento alheio em relação à nossa excelência e nossos dons. O Espírito de Jesus nos mostra o Pai como Ele é, o que para alguns de nós se torna nosso ponto de rejeição. Confusos por causa de Sua ira, preocupados com Seus julgamentos e perplexos com Seus padrões e lei, ou nós tentamos fazer com que Deus se conforme às nossas concepções ou o rejeitamos completamente enquanto vamos trilhar nosso próprio caminho na vida. Ele não se torna belo para aqueles que fazem isso.

Mas se o Espírito nos atrai à Palavra, nós nos arrependemos e recebemos a sabedoria de Deus — do jeito d'Ele. Com o tempo,

aquela sabedoria, que é o Seu coração, se torna bela para nós. Seus caminhos se tornam amáveis, conforme começamos a amar a Sua liderança e a Sua lei, não somente o Seus benefícios.

Isso colabora para a ação do Espírito nos conceder o próximo benefício do óleo em nossos corações e em nossa vida: um zelo pela retidão, que nos ajuda em nossa luta contra pecados insistentes. O cristão espiritualmente entediado está em grande perigo de se comprometer. Somente ao ficar fascinado pela beleza de Cristo, junto com um coração ternamente tocado pelo amor e pela misericórdia é que nos afastamos do pecado (e nos arrependemos quando pecamos). Quando seguimos o primeiro mandamento de amar a Jesus de todo o coração, então uma das nossas principais recompensas será um desejo alegre pela santidade. O dever e a vergonha serão substituídos pelo deleite. Nossa busca mais honesta por Deus nos levará à recompensa de ter mais de Deus. Ele mesmo desperta nossos corações para desejarmos por Ele.

À medida que colocamos nossos corações diante d'Ele, ganhamos um zelo genuíno pela retidão envoltos em humildade e gratidão. Isso está longe de um senso de superioridade farisaico em relação àqueles a nossa volta que "não entendem" ou não são como nós. Esse zelo pela retidão impulsiona nossa compaixão pelos feridos e quebrados. Queremos que eles conheçam o amor de Jesus do mesmo jeito que conhecemos, e queremos remover os obstáculos que os mantém distantes desse amor. Não queremos consertar pessoas feridas e quebradas a fim de serem como nós em sua conduta e estilo de vida, mas simplesmente para que possam vir a conhecer e ser como Jesus.

Conforme a parábola prossegue, as virgens imprudentes pegam suas lamparinas (ministérios) para engajar com o que o Noivo (Jesus) está fazendo, mas elas não levaram óleo para a jornada. Ou seja, elas buscaram o seu ministério ou sua ocupação como sua maior prioridade, esquecendo de pegar o óleo (buscar o seu relacionamento com Jesus). Elas valorizaram seu trabalho, dever ou tarefa diária mais do que obter o óleo. E o que aconteceu? Foram excluídas do banquete de casamento. As virgens prudentes, que foram atrás do óleo primeiro, estavam completamente

preparadas para o banquete, e elas entraram alegremente. Essas foram as que buscaram a vida e a ação do Espírito Santo em suas vidas. Elas puderam prosseguir para o banquete de casamento com confiança.

Nosso relacionamento com Jesus deveria ser a coisa mais importante do mundo para nós, mais que nossas tarefas ministeriais ou trabalhos seculares. E se formos prudentes, estaremos cientes de nossas limitações e vamos reconhecer que, claramente, nossa história espiritual com Deus e nossa preparação espiritual não podem ser transferidas a outros. (Assim como as virgens prudentes não poderiam simplesmente dar um pouco do óleo que haviam comprado). Precisamos buscar a Deus para nós mesmos, antes mesmo de chegar a qualquer tipo de ministério, sempre lembrando que a graça de Deus não pode ser merecida; podemos apenas nos posicionar para recebê-la nos doando e nos gastando em obediência.

Nossa preparação do coração se torna um firme fundamento sob nossos pés que nos permite aguentar com muita perseverança e vigor espiritual diante das grandes ondas de sedução e engano cultural. Essa jornada (permitindo que o Espírito Santo, através da Palavra de Deus e da oração, transforme nossos corações e mentes) nos leva à meta de estar em total concordância com o Senhor, respondendo à Sua liderança em obediência e amor.

Ninguém — inclusive eu e você — pensa que está sendo enganado ou tem como objetivo induzir outros a aceitar cosmovisões e valores errados. Cada um de nós cremos no que cremos porque descobrimos, com o tempo, que essas crenças “aguentam” e funcionam para nós. Raramente conseguimos sondar nossas metas e desejos para ver se estão verdadeiramente alinhados com a Palavra e o coração de Jesus. (Nota: É por isso que pastores e lideranças pastorais são tão importantes em nossas vidas). Equipados apenas com nossas metas defeituosas e desejos caídos e pecaminosos, não somos capazes de discernir nenhuma crença distorcida ou não-bíblica que podemos estar alimentando implicitamente.

O objetivo da transformação do coração é podermos permanecer firmes sob pressão, diante da decepção — não sermos

dogmáticos e combativos ou focados em ganhar discussões. Frequentemente, vejo uma cultura de debates e respostas prontas dentro do corpo de Cristo. Isso vai além de derrubar fortalezas e raciocínios contrários ao Senhor (ver 2 Co 10:45). Isso inibe o amor a fim de apenas ganhar argumentos e, no processo, destruir a dignidade da pessoa com quem estamos debatendo. Vejo isso como maligno, até demoníaco, a forma que cada lado do debate despreza um ao outro, questionando motivações e associações, buscando silenciar a oposição. Saiba que é possível sermos ousados em nossa busca pela verdade das Escrituras e ao mesmo tempo amar aqueles que nos desafiam com uma aparente inimizade.

Afinal de contas, nossa luta não é "contra o sangue e a carne, mas contra os principados e as potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestiais" (Ef 6:12). Como parte da Igreja, não estamos em guerra com a raça humana, mas como Jesus, ansiamos por ver a humanidade ser salva e cheia do amor e da glória de Cristo. Queremos avivamento, arrependimento e uma grandiosa mudança de corações para Jesus, pela graça e pelo poder do Espírito Santo, para que o ar seja limpo e as influências demoníacas sejam removidas. Então, as acusações serão enfim silenciadas, e as pessoas terão facilidade de ouvir e experimentar a vida de Jesus. Quando preparamos nossos corações pela transformação do Espírito (ou "compramos óleo"), nos posicionamos para responder da forma que é apropriada à cada situação. Podemos permanecer em silêncio quando necessário, profetizar quando formos inspirados, ou servir enquanto nossos inimigos se enfurecem e acham ruim.

Em outras palavras, se eu e você queremos ser capazes de responder diferentemente à fúria das nações, nós precisamos *ser* diferentes. Uma coisa é escrever sobre avivamento; mas eu preciso de um avivamento pessoal interno que muda o meu coração drasticamente e muda minhas respostas automáticas às pressões e acusações. Somente então poderei me mover facilmente no Espírito ao invés de tropeçar em concessões, reagir com raiva e ofensa, ou arrogantemente condenar aqueles que se posicionam contra a verdade da Palavra. Quero expressar a verdade saturada de amor e humildade muito mais do que quero ganhar discussões e humilhar

outros. Eu nunca quero que o conhecimento de Deus *me* torne forte; do contrário, quero que realce a Sua força na minha fraqueza enquanto amo e sirvo aos outros.

O Caminho da Cruz

Aprendemos que o caminho da vitória e da redenção é o caminho da preparação e transformação do coração. Um coração transformado é a nossa melhor arma contra a cultura carente de amor, cruel e individualista que irá apenas se intensificar nos dias por vir.

Como a cultura se tornou mais egocêntrica, os quebrados e feridos agora parecem estar tornando seu sofrimento o centro de sua identidade em sua luta contra um mundo injusto. Eles não encontrarão justiça indo por esse caminho. A atual cultura "gospel" fala da tolerância e da revogação de ideologias opressoras, junto com o fim de práticas e políticas que causem dor. Fazer menos que isso é considerado "odioso", o que por sua vez torna o "*hater*"[4] merecedor de intolerância, marginalização e queda de status.

O único jeito de quebrar esse ciclo de injustiça é apresentar Cristo tanto ao oprimido quanto ao opressor. Como Jesus quebrou o ciclo de injustiça? Ele foi até a cruz. A Sua Noiva, nos dias por vir, irá se voluntariar para trilhar a mesma jornada. Não estamos sendo chamados para nos prepararmos somente para um futuro em que a Igreja sofre perseguição e dor; o chamado da Igreja à cruz começa aqui e agora. Jesus, como a segunda Pessoa da Trindade que retém todo o poder, se submeteu voluntariamente para ser oprimido e vitimizado. Ele escolheu morrer pelos Seus perseguidores a fim de salvá-los e transformá-los. O grande chamado da Igreja é trilhar o mesmo caminho, ao exemplificar para um mundo quebrado a resposta do Evangelho à opressão e ao ódio.

Vejo uma era narcisista, anticristã, tenebrosa e maligna começando a cair ao nosso redor. Entretanto, isso também era verdade nos dias de Paulo.[5] A resposta na sua época é a mesma resposta na nossa — sobre a qual ele profetizou há muito tempo. Enquanto podemos nos armar com a informação que precisamos para esmagar a oposição e vencer a luta, esse não é o caminho.

Jesus poderia ter feito isso e muito mais. Mesmo assim, Ele escolheu ser esmagado por causa do amor. A preparação dos nossos corações para a fúria presente e futura não é para que a Igreja moderna prevaleça em todas as discussões. Estamos preparando nossos corações para irmos para a cruz voluntariamente, em amor. Por causa do mundo que se enfurece e das pessoas que nos desprezam e buscam nos oprimir e nos marginalizar, nossa única resposta bíblica e racional é a cruz.

Nós amaríamos ganhar o jogo de Rei da Montanha. Mas o único jeito de vencer é morrer para nós mesmos primeiro. Na atual conjuntura, temos o privilégio de mostrar para o mundo quem Jesus realmente é ao trilhar a mesma jornada de mansidão e humildade trilhada por Ele. Para o mundo, porém, essa jornada é um total desperdício. Entretanto, da perspectiva do céu, é uma bela jornada que se aproxima do coração do Pai. Ouça! Posso ouvir o Espírito nos chamando para mais perto da cruz. O mundo espera por nós.

PREPARANDO A PRÓXIMA GERAÇÃO

*E*nquanto você lê este livro, oro para que seja tocado com um senso de responsabilidade pessoal. Espero que esteja encontrando o novo desejo de preparar seu próprio coração, e então alcançar outros para ajudá-los a entender o

tempo em que estamos vivendo.

Diante da direção para qual o mundo está indo, como podemos ter certeza de que estamos entregando à próxima geração uma fé que dura? Como podemos edificar nossa fé e nossas vidas a fim de andar vitoriosamente pela tempestade, e trazer nossas famílias junto conosco na jornada?

Estudar as emoções de Deus e como Ele se sente sobre o Seu povo é uma das formas mais eficazes de conectar nossos corações a uma vida dinâmica de devoção a Jesus. Isso toca um dos desejos mais profundos do coração humano: o anseio pela proximidade com Deus, destituídos de vergonha. Todo coração anseia por essa certeza. Sim, é maravilhoso saber que “Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito” (Jo 3:16), mas ansiamos pela confirmação de que Deus também tem prazer em nós. Queremos saber “O que Deus sente por mim?”

“Eu creio que Deus me *ama*”, ouvi muitas vezes de jovens, que então acrescentam hesitantemente: “mas será que Ele *gosta* de mim?”.

Amar e *gostar* não são muito bem a mesma coisa, não é mesmo? Todo cristão quer saber algo que é fundamental para o seu crescimento espiritual. Eles aprenderam que Deus os ama porque Ele *tem que* amar. Amar é o que Ele faz e quem Ele é. Eles entendem que, em certa medida, o Seu amor não nada a ver com eles. Deus ama porque ama, não porque somos amáveis, certo?

Eles aprenderam a verdade, mas ela ainda não está completamente em seus corações. Eles sabem que o amor significa perdão incondicional quando eles pecam ou erram. Significa que Alguém pagou o preço do sacrifício para que eles fossem livres.

Primeiro de tudo, essa boa notícia os tocou ao ponto de responderem à graça de Deus. Entretanto, permanece a pergunta, raramente verbalizada. É um clamor fundamental por pertencimento. Enquanto tateiam em busca de entendimento sobre esse Pai celestial que os ama o suficiente para salvá-los do inferno, perdoar seus pecados e os ajudar a viver, a pergunta permanece: “Ele gosta de mim como pessoa?”

Jovens sabem, por experiência própria, o que significa suportar alguém que você ama, mas que é difícil de gostar. Afinal de contas, estão continuamente tentando descobrir como lidar com o comportamento raivoso, fraco e, por vezes (na opinião deles), irracional dos seus pais. Não é de se admirar que eles entendam Deus pelas próprias lentes de como o mundo funciona. Não é somente sua experiência de amar pais aparentemente desgostosos, mas também um clamor pessoal do coração. Jovens sabem mais do que qualquer um o quão desgostosos *eles* são, e podem ser bem claros e honestos ao expressar esse fato. Se Deus sabe de tudo, como Ele poderia gostar do que vê?

Muitos não são confiantes, porém anseiam por isso profundamente. Alguns são especialistas em posar uma falsa confiança ou coragem. Eles são atraídos por qualquer um que parece ter vencido a insegurança e o medo. Quando voltam sua atenção a Jesus, descobrem que a verdadeira e mais poderosa confiança se encontra na Sua presença. O segredo que todas as pessoas da terra procuram se encontra dentro do poder do Evangelho em si, pela graça. É a verdade sobre não só *o que* Jesus fez por nós na cruz, mas *porque* Ele o fez, e como Ele se sente sobre nós, conforme começamos a crer e caminhar sobre isso.

Em meio à imaturidade, todo jovem cristão no mundo anseia por confiança. Eles anseiam saber que Jesus será gentil com eles em seus erros. O apóstolo João escreveu claramente: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 Jo 4:19). Ele nos concede, como cristãos, o poder de amá-lo em meio à nossa fraqueza e nossas falhas. Conforme jovens cristãos encontram Sua graça, eles percebem que Ele é amável e digno de admiração. Essa percepção aumenta conforme eles continuam a experimentar a Sua presença, que ajuda a confiança no relacionamento a crescer.

Eu creio que as fortalezas mais proeminentes e poderosas em nossas mentes estão relacionadas ao medo da rejeição e ao trauma da vergonha. Para muitos cristãos, parece que eles demoraram muito para se arrepender ou foram fundo demais no pecado para serem perdoados. Mesmo se não estiverem sendo rejeitados de jeito nenhum, eles podem sentir a rejeição e a vergonha vindo de Deus ou daqueles que amam, e esse aparente fato os suga — e até os devasta — emocionalmente.

Os corações dos cristãos só ficarão satisfeitos à medida que eles crescem na revelação das afeições de Deus. Isso começa quando eles entendem a obra final da cruz. Novamente, quando entendem *o que* Jesus fez na cruz, eles podem começar a compreender *por que* Ele o fez. Então, conforme a presença de Deus toca nossos corações e nos conecta às verdades que são difíceis de crer, crescemos na nossa determinação de "ir com tudo" em nosso amor por Jesus.

Jesus quer muito satisfazer nosso profundo anseio de sermos apreciados. Ele faz isso ao nos revelar que *Ele nos buscou*. Ele nos perseguiu. Ele nos desejou. Certamente, Ele quer um relacionamento conosco. Ele quer que compreendamos os fatos: Deus veio à terra como o homem Jesus simplesmente para que as pessoas pudessem responder à sua busca amorosa.

O anseio fundamental por ser amado e apreciado por Deus é satisfeito quando recebemos a revelação da sua afeição por nós. Ele é o Pai perfeito e o Noivo perfeito. Ele não nos ama porque Ele deve. Ele não meramente nos tolera até estarmos limpos. Ele nos atrai cada vez mais perto quanto mais vivemos com Ele, e Ele faz com que cada um de nós, jovens e velhos, experimentemos a medida plena do Seu amor, para nos tornarmos inabaláveis em nosso amor por Ele. Foi isso que Paulo orou pelos cristãos:

Peço a Deus que, segundo a riqueza da sua glória, conceda a vocês que sejam fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito, no íntimo de cada um. E assim, pela fé, que Cristo habite no coração de vocês, estando vocês enraizados e alicerçados em amor. Isto para que, com todos os santos, vocês possam compreender qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade e conhecer o

amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que vocês fiquem cheios de toda a plenitude de Deus.

Efésios 3:16-19

Experimentando a Presença de Deus

Experimentar a presença de Deus de forma pessoal e frequente resolve uma multidão de problemas, grandes e pequenos. Alegria, restauração, cura, poder — tudo isso vem até nós por meio da aproximação com Aquele que está intimamente perto.

Entretanto, as pessoas que não creem e, portanto, não experimentaram o Deus que ama e gosta delas, acham difícil se achegar a Ele em adoração, oração e na leitura da Palavra de Deus. Mas qualquer um que acredita que Deus deseja um relacionamento mútuo (mesmo que ele ou ela sejam imaturos e "no processo" da jornada espiritual) irá crescer em confiança para buscar a Deus e a riqueza da Sua presença.

O que significa buscar e experimentar a "presença de Deus"? Estou guardando para o próximo capítulo a ideia de buscar e experimentar o poder de Deus, que é mais uma experiência de romper barreiras externas ou mudanças repentinas, quando a mão soberana do Senhor se move poderosamente. Buscar a *presença* de Deus é buscar um romper interno no próprio coração.

No nosso novo nascimento em Cristo, cada um de nós recebeu uma medida completa do Seu Espírito Santo no mais interno do nosso ser. Recebemos uma nova identidade e uma nova posição gloriosa de relacionamento com Jesus. E não há nada igual! Entretanto, jovens cristãos raramente experimentam essa realidade constante. Eles podem estar cheios do Espírito Santo, mas ainda irão experimentar aquela plenitude descrita por Paulo: "a esperança não nos deixa decepcionados, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi dado" (Rm 5:5).

Ter prazer na presença de Deus é sobre muito mais do que ser momentaneamente tocado por Deus à nível emocional. É o poder da verdade se conectando com o profundo do nosso coração, de uma forma que transforma completamente nossas emoções e

desejos. O apóstolo Paulo chamou isso de “espírito de sabedoria e revelação no conhecimento dele” (Ef 1:17).

Jovens querem experimentar mais do que a sensação de que Deus os ama. Eles querem experimentar a verdade das afeições de Deus de forma que mude suas vidas. Com todo o seu futuro adiante, eles querem que o amor de Deus faça mudanças permanentes em como eles enxergam a si mesmos, os outros, o seu futuro e o próprio Deus.

A fé cristã é definida por várias ideias absurdas. Não deveríamos nunca nos familiarizar com essas ideias. Nós cremos, por exemplo, que o Criador do universo se tornou um homem que viveu entre nós por um tempo. Cremos que esse homem-Deus morreu crucificado, e que Ele ressuscitou depois de três dias, e depois testemunhas o viram ascender aos céus para tomar o Seu lugar em Seu trono de glória. Cremos que, um pouco depois, Ele enviou o Seu Espírito para habitar dentro dos seus seguidores. Nós. Não somente os Seus discípulos ou os cristãos que o conheceram em carne. Todos nós.

Essa é uma ideia incrível. O Espírito Santo de Deus habita em nós, plenamente. O mesmo Deus que criou todas as coisas, sustenta todas as coisas e restaura e renova todas as coisas — esse Deus habita em mim. Há poder incalculável vivo em mim, o fogo de bilhões de sóis. Mesmo assim, a condição do meu coração, da minha mente e das minhas emoções frequentemente me fazem esquecer que Ele está aqui. Eu deleito na união com o Homem de Nazaré no mais profundo do meu ser, mas estou satisfeito em passar por dificuldades sem Ele.

Se eu não consigo me lembrar que Ele é sempre presente em mim, como posso esperar alcançar a próxima geração com o Seu amor? Só consigo compartilhar com os outros o que eu sei que tenho em meu coração para poder dar.

Buscando a Presença de Deus

Como posso melhorar em lembrar que Ele habita em mim?

Minha consciência da presença do Senhor começa, no dia a dia, com simples atenção. Em outras palavras, a qualidade da

minha vida na Sua presença está diretamente ligada ao meu esforço consciente de lembrar que Ele está comigo. Quando mais eu penso e falo sobre Jesus, quanto mais eu leio ou canto passagens bíblicas, mais eu permito que a presença d'Ele seja ativa em minha vida. Ele está ali para me ajudar a buscar a Sua presença. Graças ao Espírito Santo, há contínua atividade cercando minha vida sobre a qual eu não estou completamente ciente. A liderança de Deus através do Espírito Santo em meu favor significa que dia e noite Ele está me ajudando. Por exemplo, quando não sei como orar, o Espírito Santo intercede por mim (ver Rm 8:26).

Como em qualquer relacionamento, quanto mais eu falo com o Senhor, mais eu caminho com Ele. Simplesmente lembrando que o Espírito de Jesus está vivo dentro de mim é um ato de fé que me posiciona para experimentar mais da Sua liderança e poder. Quanto mais eu me conecto com Seu Espírito, mais eu me envolvo com Jesus.

Ele quer que peçamos coisas para Ele. Como o próprio Jesus nos disse: "Peçam e lhes será dado; busquem e acharão; batam, e a porta será aberta para vocês" (Mt 7:7). Quando começo a pensar que estou pedindo muito ou que Ele não quer ser incomodado por mim, preciso rever a exortação de Tiago: "Nada têm, porque não pedem" (Tg 4:2). Esse é um dos princípios mais simples das Escrituras: quanto mais você pede, mais você irá experimentar caminhar com Deus, dentro da Sua vontade.

Pela minha própria experiência (e nas palavras de Jesus, registradas na Bíblia), preciso me tornar como uma criança.[1] Sem a atitude de humildade, simplicidade e dependência como de uma criança, irei conduzir minha vida me ocupando, sem nem pensar em Deus. Ficarei voltado para as atividades e para mim mesmo e esquecerei que Jesus morreu para que cada um seja fique voltado para o coletivo.

Ele oferece uma capacidade infinita de crescimento e amadurecimento em meu relacionamento com Ele. Com o Deus eterno lutando em meu favor — e de fato habitando em mim — tenho mais do que o suficiente para me ajudar a vencer os obstáculos no caminho da piedade. Se quero amar a Jesus com um coração terno, responsivo e agradecido, preciso fazê-lo nos termos

d’Ele. Seus termos são os que impulsionam minha vida, e eles funcionam bem mais que os meus termos. Portanto, preciso batalhar pelas três atitudes do coração listadas acima — humildade, simplicidade e dependência — porque quando todas as três estão trabalhando intercaladamente, elas irão subjugar meu pensamento independente, meu amor orgulhoso pelas minhas próprias opiniões e meu senso distorcido de autojustificação. Eu consigo ver Jesus — e eu mesmo — com mais clareza e objetividade. Posso me achegar a Ele destituído de vergonha e com confiança que sou amado. No processo, eu recebo verdadeiro poder do Seu Espírito para crescer em amor.

As Recompensas da Sua Presença

Quanto mais eu me conecto com a presença do Senhor através da oração, mais ativa é a Sua liderança em minha vida. Irei notar as coisas simples. Pregações começarão a fazer sentido como nunca fizeram. Frases que as pessoas dizem — pequenas pílulas de conselho e sabedoria divina — se alojarão na minha cabeça e no meu coração e se recusarão a sair. Irei perceber que as ideias de Jesus estão transformando minha perspectiva e mudando minhas emoções para melhor. Vou começar a crer em coisas que costumava negar. Vou enxergar coisas — sobre mim, sobre os outros, e até mesmo sobre meus inimigos — que eu não conseguia enxergar antes. Terei muito mais paciência para as fraquezas e falhas dos outros do que eu costumava ter no início da minha jornada com Cristo. Milhares de mudanças graduais irão tomar conta do meu coração permanentemente. Sem conseguir apontar para o exato momento em que tudo mudou, irei descobrir que estou radicalmente diferente. Vale muito a pena buscar a presença de Deus!

Depois de um tempo, outra coisa acontece que é um tanto gloriosa: a Sua presença, Seus valores e afeições começaram a permear o meu ministério. Isso tornará meu ministério muito mais eficaz, porque as únicas coisas que eu posso dizer ou fazer para alcançar o coração dos outros são aquelas que tocaram o meu coração como ministro. Eu vou querer, mais que tudo, compartilhar

com outros sobre esse Deus que ama a todos nós por inteiro e que pode fazer tanto.

Transformado, começarei a me tornar zeloso para que outros sejam transformados da mesma forma. Quero que aqueles à minha volta “provem e vejam” da mesma bondade de Deus que tanto despertou meu coração (ver Sl 34:8).

Conforme a presença de Deus transforma a minha vida, depois a filosofia do meu ministério e então transforma aqueles a quem eu ministro, é bom eu perceber que a próxima geração de cristãos não precisa de *mim*. Eles precisam de Jesus. Eles precisam de algo muito além do que eu poderia dar. Meus dons, meu carisma e minhas habilidades organizacionais não podem responder às profundas necessidades do coração humano. Eu devo simplesmente apresentá-los a Jesus e ajudá-los a permanecer com Ele. Posso compartilhar minha jornada e contar minhas histórias. Posso ensinar maneiras práticas de servir aos outros. Posso ajudá-los a entender a Bíblia. De toda forma, eles devem buscar e experimentar a Sua presença por conta própria, ou nada de significativo acontecerá em suas vidas.

É imperativo continuar a priorizar a presença de Deus na minha própria vida e ministério, esperando ver o poder de Deus tocar os corações da próxima geração mais do que ter como objetivo programas eficazes e crescimento.

Como Priorizar a Presença de Deus

Uma vez que a presença de Deus em nossas vidas e em nosso ministério se torna a prioridade dos nossos corações, como continuamos com esse desejo? Consigo pensar em três formas práticas e poderosas: devemos cantar as Escrituras, discipular as pessoas para serem fascinadas por Jesus e treinar a próxima geração para se conectar com Jesus.

Cantar as Escrituras

Santo Agostinho (430 d.C.) é dono da frase “*Qui bene cantat bis orat”.* Isso significa “Quem canta reza duas vezes”.[2] Mais

relacionado com o meu argumento, ele também disse: “Cartar é próprio de quem ama”. O Espírito de Deus flui melhor no veículo da Palavra de Deus, e cantá-la é o melhor jeito de todos de expressar a canção de amor em nossos corações — e transformar nossas emoções mais profundas no processo.

Por que a música? O mistério da música está no próprio Deus. Por quê? Deus é um músico, e em Apocalipse, capítulo 4, podemos ter um vislumbre de como a música cerca e preenche o lugar do Seu trono celestial. Ao redor do trono de Deus, os santos e os anjos se regozijam no Espírito Santo com música e cânticos enquanto prestam adoração diante do Pai. Um Deus musical criou o espírito humano para ser musical também.

A música é essencial para posicionar nossos corações para experimentar a presença de Deus. Por isso, é vital para o discipulado, para nossos ministérios e para toda a obra que fazemos. Em 1703, um político escocês chamado Andrew Fletcher afirmou que “se fosse permitido a um homem compor todas as baladas, ele não precisaria se preocupar com quem faz as leis de uma nação”.[3] Em outras palavras, canções são muito mais do que entretenimento; elas também informam boas decisões tomadas.

Os cristãos podem não conseguir discorrer sobre os detalhes teológicos da propiciação ou da justificação, mas cantar leva os seus corações a um encontro com a verdade maior que seu entendimento. Uma diversidade de cristãos que discordam em muitas coisas, juntos em um mesmo lugar, ainda podem sentir as mesmas coisas, através da música. Até mesmo cem mil pessoas em um estádio podem entrar na mesma profundidade emocional juntos, experimentando as mesmas verdades juntos por horas, com a junção de adoração musical ungida com uma pregação ungida. Os adoradores podem sentir a verdade de Deus de forma tão profunda que os ajuda a entendê-la. Além disso, as músicas amaciam seus corações para entrarem ainda mais fundo na presença de Deus.

Discípulos fascinados por Jesus

Em segundo lugar, devemos discipular as pessoas para serem fascinadas por Jesus. O conteúdo do nosso ensino e da nossa

pregação deve expandir para refletir quem é Jesus, como Ele é e os detalhes sobre o Seu amor por nós. Conforme introduzimos novos convertidos a experimentar a Sua presença, podemos ajudá-los a saírem de um lugar de atração por Ele para amarem a Ele, até que sejam cativados por Ele.

Cada espírito humano carrega uma capacidade de se maravilhar. Por causa do nosso *design* divino, nós temos a necessidade de sentir o deslumbramento no centro de nosso ser. Se não tivermos um senso de deslumbre, vivemos sem norte e espiritualmente entediados, e uma Igreja espiritualmente entediada é fraca e vulnerável a Satanás. Um cristão fascinado, por sua vez, está forte e equipado para enfrentar a tentação. O Rei Davi era apaixonado por Deus mesmo quando estava ocupado com a liderança da nação de Israel. Ele expressou seu coração em uma canção: “Uma coisa peço ao Senhor (...) morar na Casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor” (Sl 27:4).

A indústria de entretenimento secular identificou esse anseio humano e o tem visado comercialmente. Eles o exploram para seu próprio lucro — ou a nossa ruína. As pessoas buscam, em vão, no entretenimento e na recreação secular satisfazerem seu anseio por fascinação dado por Deus.

Há um clamor crescente vindo da próxima geração de se comprometerem completamente a buscar, conhecer e encontrar Jesus. A declaração do Rei Davi para a sua vida ser somente sobre “uma coisa” é compartilhada por jovens, homens e mulheres, no corpo de Cristo hoje. Eles querem se preocupar com Deus enquanto suas mãos se ocupam com o seu ministério a Ele. Deus oferece a Sua graça para qualquer um que queira conhecer a Sua glória.

Saber as verdades sobre Jesus nos desperta para buscar conhecê-lo mais. É muito mais do que saber *sobre* Jesus; é conhecer o Homem Jesus profunda e completamente. Somos todos feitos para essa busca. A presença do Senhor se torna significativa e preciosa para nós quando a verdade objetiva informa nossos pensamentos e emoções. Isso é essencial principalmente para jovens cristãos. Quanto mais os novos convertidos conhecem a Jesus, mais eles conseguirão permanecer diante dele com

confiança. Conforme fazem isso, eles começam a valorizar e desejar os momentos de adoração mais do que o entretenimento social e recreacional.

Eu já presenciei isso de primeira mão. Já estive envolvido com ministérios de jovens nos quais o conhecimento de Deus, a música, e a canção em conjunto eram altamente valorizados. De tempos em tempos, vi jovens entediados, distraídos e desconectados ganharem vida, despertados pela graça do Senhor diante da beleza de quem Jesus é. Vi esses jovens entregarem tudo de si a Ele com lágrimas de prazer, cantando e apresentando seus corações a Deus. Há poucas coisas na terra mais belas para mim do que ver um jovem ou uma jovem abrindo o seu coração para Deus, confiantes e entusiasmados por causa do Seu amor.

Eu penso que temos a tendência de hesitar apresentar os jovens à presença de Deus porque tememos o fracasso. É difícil para nós imaginarmos que adolescentes e jovens-adultos vão abraçar o desafio. Entretanto, durante vinte anos eu descobri que isso não é verdade. A próxima geração de jovens está sedenta tanto por conhecimento de Deus quanto pela Sua presença. Eles querem ser fascinados por Ele pelo resto de suas vidas.

Uma geração que ora

Por fim, devemos treinar a próxima geração para se conectar com Jesus. Essa é a parte mais difícil, porém a mais recompensadora.

É uma tarefa potencialmente intimidadora para professores ocupados, pais e mães, porque significa não só chamar outros à oração, mas realmente desenvolver uma vida de oração individual que seja forte. Entretanto, esse é apenas o início do desafio. Se manter apresentando a vida de outros diante do Senhor em oração durante décadas é uma tarefa de toda uma vida, principalmente se um líder está tentando fazer com que essas outras pessoas também orem consistentemente. Ainda assim, aqui estamos discutindo sobre se preparar para o momento em que nos encontramos. A peça central de nossa discussão deve ser nossa própria vida de oração e a vida de oração daqueles que estamos discipulando.

Portanto, à medida que nossa revelação sobre a urgência do momento aumenta, nosso desejo por oração deve aumentar também. Um cristão piedoso que deseja algo eterno para aqueles sob o seu cuidado deve fazer mais do que orar rapidamente na correria entre reuniões e eventos. É preciso algo além de orações esporádicas feitas por um senso de dever mais do que por verdadeira devoção.

Uma Cultura de Oração

O que captura a imaginação de cristãos que anseiam que as pessoas ao seu redor encontrem a Deus é algo mais holístico por natureza: uma cultura de oração. Mais do que uma vida de oração ou uma reunião de oração, uma cultura de oração é sobre um povo que ora. Em uma cultura de oração, o ato de orar é estruturado e programado, bem como espontâneo e orgânico. Os cristãos que são abençoados por fazerem parte de uma cultura de oração são aqueles que correm atrás de mais de Deus em suas vidas, em um ambiente propício a essa busca.

É surpreendente o quão regularmente a cultura da igreja pode acidentalmente trabalhar para o contrário de uma busca por Jesus de todo o coração. Uma cultura de oração, porém, facilita e encoraja essa busca.

Quando você está construindo uma cultura que encoraja, sustenta e equipa outras pessoas em oração, esse sucesso flui diretamente de sua vida de oração. Esses valores que você possui — *porque* você ora, em relação ao *o que* você valoriza — são muito mais importantes na construção de uma cultura de oração do que *como* você ora.

Ao ensinar a Sua Igreja a orar, Jesus nos deu um modelo de oração baseado em quem Deus é e na natureza do seu Reino (ver Mt 6:9-13). O modelo de oração de Jesus cobriu todos os fundamentos básicos que são expandidos ao longo das Escrituras. Ele nos falou o que precisamos saber e manter no centro da nossa busca por crescer e nos fortalecer em oração.

O ensino de Jesus sobre oração começa com um foco em quem Deus é; Ele é o nosso Pai que está nos céus e desenvolver

uma visão correta de Deus como nosso Pai celestial é fundamental para uma vida de oração forte. A. W. Tozer insistiu que uma visão pequena de Deus tem sido o maior problema da Igreja em cada geração: Na minha opinião, a atual concepção cristã de Deus, no meio do século XX, está tão decadente ao ponto de estar completamente abaixo da dignidade do Deus Altíssimo e, na verdade, para cristãos declarados, constitui algo equivalente a uma calamidade moral. Todos os problemas do céu e da terra, por mais que tenham sido feitos para nos confrontar conjuntamente, de uma só vez, não seriam nada comparados ao grande problema de Deus: quem Ele é, como Ele é; e o que nós como seres morais devemos fazer sobre Ele.[4]

Conforme oramos, devemos tirar um momento para relembrar quem Ele é de acordo com a Sua Palavra. Portanto, ensinar sobre quem Deus é e como Ele se sente sobre nós se torna central para construir uma cultura propícia para a oração. Nossa adoração e amor por Jesus nunca irá superar o conhecimento que temos d'Ele. Não iremos entender o chamado à adoração se não entendermos a majestade de Jesus. Onde falta visão sobre Jesus, falta profunda e contínua adoração e oração. O próprio Jesus perguntou: "E vocês, quem dizem que eu sou?" (Mt 16:15). Quando conhecemos Jesus por quem Ele é, faz sentido adorá-lo continuamente, independente do custo.

O Senhor é digno de adoração incessante nos céus e na terra. Ele deseja ser adorado na terra como no céu. Adoração é primordial porque Jesus é preeminente, e adoração é um fim e um meio para um fim. A beleza infinita de Jesus é suficiente para garantir nossa adoração extravagante e contínua. Afinal, a multidão de anjos adora porque vê a Sua grandiosidade, não porque eles foram perdoados dos pecados, fisicamente curados ou obtiveram provisão financeira. Adoração, em outras palavras, é uma resposta à revelação de Deus. Todos que encontram Sua beleza respondem em adoração.

Por isso, sustentar o esforço exigido para crescer no conhecimento de Deus é a chave para sustentar uma cultura de oração, porque uma cultura de oração é construída sobre o fundamento do conhecimento de Deus e do amor por Ele.

Em uma cultura de oração, Deus deve ser desejável e a oração deve ser factível. As duas metas de um líder envolvem cultivar confiança no amor de Deus e conversas constantes com o Senhor. Frases simples e curtas de orações da própria Bíblia tornam a oração muito mais simples, e adicionar um lado musical torna a oração mais prazerosa e sustentável. Isso funciona com indivíduos em casa, em seus quartos, e ajuda nas reuniões de oração. Inclusive, quando as pessoas oram consistentemente em seus quartos se torna mais fácil para eles orar em conjunto. E uma cultura de oração saudável deve incluir momentos regulares de oração coletiva.

Um Povo que Ora

Adoração e intercessão são consideradas extremamente importantes para o Reino de Deus durante toda a história. Na verdade, a história humana começa com reuniões de oração diárias no Jardim do Éden (ver Gn 3:8). A nação de Israel começou em uma reunião de oração no Monte Sinai (ver Ex 19:6-20). O primeiro projeto de construção de Israel foi um santuário de adoração (ver Ex 25:8). Deus separou uma tribo inteira (os Levitas) em Israel para manter adoração dia-e-noite. Davi estabeleceu adoração dia-e-noite em Jerusalém providenciando financiamento integral para mais de quatro mil músicos e cantores no tabernáculo de Davi (ver 1 Cr 23:5). A igreja primitiva começou e funcionava com reuniões de oração (ver At 2:42). E a história natural terminará no contexto de um poderoso movimento de oração global.

Muitas passagens das Escrituras nos dão imagens claras dessas diversas culturas, nações e povos reconciliados com Cristo, se deleitando e se engajando com Yahweh, juntos por meio do veículo da oração e adoração. [5] Adorar a Cristo incessantemente através da adoração e oração é o contexto ideal para juntar um povo diversificado no envolvimento prazeroso com Jesus, sob o governo de Deus. É por isso que construir uma cultura de oração entre os cristãos é a principal forma de levar o povo de Deus à maturidade plena em amor.[6] Existem três metas para um povo que ora:

Trabalhar em intercessão: a oração dia-e-noite é necessária para que a justiça seja totalmente liberada sobre a Igreja e a sociedade. Adoração e oração mudam a atmosfera espiritual da região sobre a qual oramos, e oração contínua libera o Espírito para se mover em maior medida. Assim, as obras do Reino podem ter um maior impacto. Jesus falou sobre isso: “Será que Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam *dia e noite* (...)? Depressa, lhes fará justiça. Contudo, quando o Filho do Homem vier, *será que ainda encontrará fé sobre a terra*?” (Lc 18:7-8, ênfase do autor).

Encontrar a Deus: a oração nos posiciona para receber mais do Espírito Santo — experimentar mais a graça de Deus para conhecer, amar e obedecer a Jesus profundamente. Na adoração, alinhamos nosso coração ao d’Ele e recebemos mais d’Ele. Jesus tem tanto a nos dizer. O relacionamento que Ele quer é uma via de mão dupla. Faz parte da natureza de Deus comunicar o Seu coração ao Seu povo.

Crescer na revelação da Palavra: Ao longo das Escrituras, vemos a majestade de Deus como nosso Pai e a majestade de Jesus como o Noivo, Rei e Juiz. Recebemos entendimento sobre a Sua vontade, seus caminhos e seus planos. Compreendemos as dinâmicas próprias do Seu plano do fim dos tempos, de levar a terra à era vindoura.

Os cristãos podem ser treinados a crescer nessas três áreas conforme desenvolvem uma vida de oração com outros cristãos. Primeiro, devemos ter a visão de impulsionar quem estamos equipando e discipular além da oração ocasional, os ajudando, ao invés disso, a se tornarem pessoas de oração, para quem a oração é instintiva. Através de uma vida de oração, vencemos a pressão, nos relacionamos com Deus ternamente e encontramos graça para amar bem os outros diariamente. Isto é, na minha opinião, o componente mais crucial na preparação dos nossos corações e das nossas vidas para a tempestade de glória e a fúria das nações por vir.

LAMPARINAS ARDENTES E BRILHANTES

*E*spero que este livro tenha te encorajado a crescer no seu desejo de ajudar cristãos a se prepararem para o futuro, permitindo que eles resistam em amor longânime. Nossa frutificação no serviço também envolve trabalhar para providenciar uma herança espiritual. Um mundo quebrado clama verdadeiros pais e mães na fé, que carregam a fragrância de Cristo. Essas são as pessoas que pagaram um preço no secreto, vencendo ofensas, resistindo à amargura e decepção, perseverando diante da tentação e da privação. A maior necessidade no corpo de Cristo nessa hora escura é que as pessoas que caminham dessa forma, sem estarem tão preocupadas em serem ouvidas ou levadas à sério quanto estão em brilhar internamente de amor por Jesus.

Essas pessoas escolheram o caminho do coração. Elas abraçaram a quietude, a contemplação e a vida de oração. Elas têm lutado pelo "óleo interior", e conforme envelheceram, cresceram em ternura de coração e não em amargura e decepção. Elas estão combatendo o bom combate com "olhos bons", como Jesus ensinou no Sermão do Monte, vivendo diante da audiência de Um e não buscando a atenção e a aprovação de outras pessoas, mesmo daquelas que estão no corpo de Cristo.

Estes são os pais e as mães que percorreram o caminho dos antigos santos, e verdadeiramente encontraram Deus em oração. Continuamente, eles buscam novos despertamentos de glória, entregues a Ele por toda a vida, sempre explorando o potencial da oração, comunhão e amizade com Deus. Eles sempre buscam pela realidade profunda do amor em Cristo, deixando de lado a mera retórica e o sentimentalismo.

Esses homens e mulheres pertencem à companhia de João Batista, conhecidos como os "amigos do noivo" (ver Jo 3:20-30). Eles são pessoas sem nome e sem rosto, que não se preocupam com recompensas pessoais, plataformas ou grande influência. Seus corações estão fascinados pela beleza de Jesus, e eles não querem

mais nada além de continuar preparando seus corações a fim de entrar em parceria com Jesus para preparar o caminho para Sua volta. Eles são perseverantes nesse desejo, e não se ofendem, porque renunciaram suas vidas.

Essas são as pessoas “ardentes e brilhantes” que carregam dentro de si um brilho de vida e alegria que só pode vir de uma amizade profunda e íntima com Jesus.

Buscando a Plenitude de Deus Juntos

O Pai tem ciúmes e quer nos ter para Si, para fazer de cada um de nós tudo o que podemos ser, pela Sua graça. Ele vê a plenitude de quem nós fomos feitos para ser. Ele vê o potencial para o amor e a santidade no fundo do nosso coração; Ele coloca as sementes desse potencial de acordo com o seu design divino. O Seu coração queima com um intenso fogo de desejo de nos ver adentrar a Sua plenitude. Ele está comprometido em levar cada um de nós ao nosso glorioso potencial. Quando damos as costas para Ele em apatia e concessões, Ele não dá as costas para nós. Ele não se frustra igual aos pais terrenos. O que o impulsiona é Seu amor santo e ciumento, e Ele está sempre buscando trazer à tona o que é bom sobre nós. Ele permanece alegre e confiante, bem como bondoso, compassivo, se recusando a se contentar com menos do que a nossa plenitude.

O Senhor nos disciplina a fim de cumprir Suas grandes promessas (ver Hb 12:3-11). Podemos ser desencorajados pelos castigos de Deus porque os interpretamos equivocadamente como decepção e reprovação. Ao enxergarmos o castigo por uma lente terrena, imaginamos que um Pai frustrado está nos corrigindo e disciplinando, sem paciência para nossos pecados e fraquezas.

Mas nosso Pai amoroso busca quebrar seja o que for que nos afaste de nossas promessas futuras. Ele nos castiga para nosso benefício, para podermos ser participantes da Sua santidade, que inclui caminhar em profunda unidade e parceria com Jesus, e o castigo vem como uma resposta às nossas orações pedindo por um relacionamento mais profundo com Jesus.

É assim que funciona: Eu oro e peço a Deus para me guiar na plenitude de Suas promessas, e Deus leva minhas orações muito a sério. Ele responde o meu pedido interferindo para colocar tudo no lugar. Ele não pode permitir que alcance Suas promessas até que eu tenha sido preparado pelo Seu castigo e correção. Sem isso, estarei completamente despreparado para a intensidade das dificuldades que vem junto com a Sua glória.

Preciso enfatizar mais uma vez. A Sua graça é suficiente, e Ele está completamente comprometido em nos levar até o fim, em amor: “Estou certo de que aquele que começou boa obra em vocês há de completá-la até o Dia de Cristo Jesus” (Fp 1:6).

O desejo do Pai é construir na terra uma família espiritual ou cultura que valoriza Jesus por quem Ele é e que, frequentemente, fala da plenitude de Deus com gratidão transbordante. Por “plenitude de Deus” eu quero dizer uma vida de profunda comunhão com o Espírito. Essa é a “vida de jejum”, uma vida de sacrifício próprio, com o fim de cultivar o relacionamento mais importante do universo, nosso romance divino com o próprio Deus. Para ser cheio da Sua presença repetidamente, preciso me limitar em minhas atividades diárias para conseguir desacelerar o suficiente a fim de devotar tempo para buscá-lo e experimentar o Seu toque. Que mudança de paradigma isso representa para quase todo mundo no Ocidente hoje. Devemos aprender a valorizar a vida interior com Jesus. Ao mesmo tempo, essa não é uma busca solitária. Ele nos chamou para encontrar um lugar em Seu Corpo e prosperar ali. Nós nos apegamos a esse novo mundo *juntos*.

Esse é todo o potencial da Noiva. Estou sedento por irmos mais fundo n’Ele, juntos.

Existe mais; sempre existe mais, e estou ansioso para tomar posse do que é possível pela graça de Deus. Juntos, como podemos seguir melhor a Cristo? Como podemos nos tornar uma família global, unida em nosso chamado, nossa identidade e o que somos como povo? Juntos, podemos chegar ao nosso destino. Separados, estaremos em apuros. Somos como um navio tentando encontrar o norte novamente, e podemos iniciar a viagem com confiança, mesmo que alguns membros da tribulação ainda estejam em treinamento. Nós estamos juntos nessa jornada.

Amizade com um Deus Noivo

Precisamos que a Palavra de Deus venha até nós, invada nossos corações e nossas vidas (ver Lc 3:2). Não podemos simplesmente nos determinarmos a “fazer melhor” ou “tentar mais” no nosso cristianismo. Não é sobre ser melhores pais, amigos ou indivíduos. Precisamos que Deus conquiste nosso coração com amor e destrave nosso potencial como um povo que ora e jejua. Juntos, devemos compartilhar com os novos na família histórias empolgantes de amizade com Deus por meio da oração e de encontros com Jesus na Sua Palavra.

O caminho a se seguir é o caminho de João Batista. “O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o escuta se alegra muito por causa da voz do noivo. Pois essa alegria já se cumpriu em mim” (Jo 3:29).

Essa é a realidade central do Reino. Queremos ser pessoas que permanecem diante do Senhor com suas Bíblias abertas, e se achegam para ouvir Sua voz. Quem buscar servir e amar bem nos dias por vir deve se apegar à essa realidade de uma nova maneira e continuar a fazê-lo conforme seguimos em frente. Precisamos tanto que o poder de Deus toque nossas vidas e nos dê força para perseverar! Precisamos da Sua graça para vencer frustrações e dificuldades hoje, e perseguição e crise amanhã. A resposta de Deus à crise que irá tragar o mundo inteiro é um pequeno grupo de queridos amigos que se movem em grande poder, assegurados pela profunda intimidade, impulsionada pelo amor por Ele. Conforme trabalhamos, precisamos ficar urgentemente alertas e sermos silenciosamente renovados pelo nosso encontro diário com o Deus vivo.

João escreveu: “o que *tem* a noiva é o noivo” (grifo do autor), porque ele entendia o grande plano eterno de Deus, que é providenciar ao Seu Filho uma companheira eterna, uma Noiva com quem Ele compartilharia do mesmo jugo. Não costumamos pensar nisso com um dos temas mais poderosos e gloriosos das Escrituras, mas é. E é uma das declarações mais importantes que podem ser feitas sobre o nosso valor e dignidade quando estivermos juntos com Cristo. Vamos lembrar uns aos outros com frequência de que

eu e você somos importantes para Jesus o Noivo porque juntos estamos nos tornando Sua Noiva.

Como Noivo, Jesus tem terno amor e queima com desejo ciumento pelo Seu povo. Como a Noiva do Noivo Rei, é esperado que nós compartilhemos as coisas profundas do Seu coração (Suas emoções e Seus pensamento). Não há um relacionamento com mais intimidade e intensidade do que o de um marido e sua esposa. Por isso, desfrutar de intimidade ativa com Jesus inclui compartilhar os desejos do Seu coração, Suas afeiçoes e Seus pensamentos. Saber que estamos unidos a Ele nos dá muita coragem à medida caminhamos para o futuro (ver 1 Co 2:10-12). Suas afeições embelezam nossos corações com amor e humildade.

O Espírito Santo nos atrai para desfrutar a intimidade com Deus ao nos permitir experimentar as profundezas de Deus. O Espírito discerne o profundo do coração de Deus (emoções), a Sua mente (planos) e o Seu poder (obra da criação, redenção, Nova Jerusalém e mais) para que possamos conhecer e experimentá-los. Deus abre Seu coração para nos possibilitar experimentar intimidade ativa com Ele. Essa é a nossa herança e nosso destino em Cristo, e vai muito além da superficialidade da religião cristã. Experimentar intimidade com o coração de Deus energiza nossos corações com a Sua beleza, Seu amor e Seu poder, ultrapassando a apatia e a distração das nossas listas de tarefas diárias (ver Ef 3:16-19).

A parceria como uma Noiva prometida significa que vivemos no contexto de um casamento próximo — ou o que o Rei Salomão chamou de “dia da alegria do seu coração” (Ct 3:11). Ainda que seja necessário se preparar para resistir a muita dificuldade no tempo futuro, nos preparamos para algo muito mais glorioso; cristãos estão se preparando para o dia mais estimado no coração de Jesus. O dia da Sua alegria contextualiza nossos trabalhos e os coloca em meio à urgência da preparação de um casamento e da tempestade do seu retorno enciumado para os Seus amados.

Entender o tempo em que vivemos significa que sabemos no que estamos entrando e por quê. Com corações gratos e ternos, vamos trabalhar para o dia da plenitude da Sua alegria e gozo transbordante.

João Batista descreveu a si mesmo como sendo “o amigo do noivo, que está presente e o escuta”. Ele se assemelhava a um padrinho de casamento, que não busca chamar a atenção e afeição da noiva, mas que trabalha para prepará-la para o encontro com o noivo.

Paulo falou daqueles que se exibem. Os amigos no Noivo não agem assim; ao contrário, eles preparam as pessoas para encontrarem Jesus como o Noivo, os empoderando para viver o primeiro mandamento: “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento” (Mt 22:37). Assim como João, eles enxergam sua identidade resumida na amizade com Jesus, o *Noivo*. Eles carregam em seu coração os maiores desejos de Jesus. Lutam pelo os anseios d’Ele, mesmo que isso signifique passar por dificuldades. Não declaram lealdade a mais ninguém, mas sempre apontam para o Noivo. Não fazem com que as pessoas os procurem pela segurança, provisão ou proteção, mas simplesmente apontam para a beleza e majestade de Jesus.

Como amigos do Noivo que “está presente”, permaneceremos na presença de Deus em oração, com diligente atenção à Sua Palavra. Esse tipo de permanência indica que iremos nos achegar a Ele em qualquer situação na qual o Senhor deseja falar e se revelar, como aulas, estudos bíblicos, conversas ou reuniões de oração. Precisamos nos perguntar: estamos atentos, nos achegando com fome e anseio por Ele, despertos pela graça? Estamos nos achegando com a expectativa de ver mais de Sua vida enquanto vislumbramos Sua beleza na Palavra? “Porque quem esteve no conselho do Senhor e viu, e ouviu a sua palavra? Quem esteve atento à sua palavra e a ouviu?” (Jr 23:18).

Como amigos do Noivo que “o escutam”, respondemos, individualmente e coletivamente, obedientes de todo o coração, não importa o preço. Estamos vivendo em uma estação de preparação, um tipo de “*reset”* no qual o Senhor está falando de formas poderosas e íntimas. Ouvimos ao Senhor quando nos esforçamos para aplicar o que Ele diz em nossas próprias vidas, com sincera humildade e arrependimento.

O amigo do Noivo “se alegra muito por causa da voz do noivo”, e diz: “Pois essa alegria já se cumpriu em mim”. Mesmo em meio às

dificuldades de um estilo de vida rigoroso, João foi cheio de alegria ao receber revelação sobre o Noivo. Estejamos nós passando por uma estação de crescimento ou de queda, nossa alegria está enraizada em “outro”. Essa alegria fixa nossas afeições em Jesus e nos sustenta em cada estação, independente da dificuldade ou da pressão. Vamos continuar a abraçar essa alegria hoje, conforme a realidade da pressão aumenta, e cada vez mais nos dias por vir.

João Batista passou dezessete anos sozinho no deserto, orando e jejuando. O que ele conquistou? João declara ousadamente: “Ouvi a voz do Noivo”. Quando nós também ouvirmos a voz d’Ele, não iremos nos confundir, e não hesitaremos em segui-lo para onde for. A Sua voz nos diz que Ele tem prazer e se deleita em nós, e isso resolve todas as nossas questões de identidade.

Está escrito em Hebreus 12:2 que por causa da alegria que Lhe estava proposta, Ele suportou a cruz. O que é “a alegria”? É a alegria de um Noivo se regozijando por causa da Noiva. Essa mesma alegria empoderou João Batista. A alegria da revelação matrimonial ajudou João a suportar as privações do deserto a fim de emergir com uma mensagem que mudaria o mundo.

Essa mesma alegria pode nos ajudar a suportar as dificuldades presentes e futuras. Podemos ouvir a voz de Deus através da Palavra, que toca nossos corações e redefine nosso pensamento. A Sua voz nos dá nossa própria identidade espiritual, e nos mostra como devemos entendê-lo. Devemos ver a nós mesmos como uma Noiva apreciada a caminho de ascender a um trono, indescritivelmente bela e estimada pelo Filho de Deus. Oportunidades perdidas, maus-tratos ou desentendimentos não podem roubar nossa verdadeira alegria. É isso que nós somos.

“Convém que ele cresça e que eu diminua”, disse João Batista (Jo 3:30). Deus não recompensa nada que Ele não tenha estabelecido. Essas coisas não resistem durante provações ou pressões de forma alguma. Muito da ansiedade na vida hoje é em vão, já que muitos do povo de Deus tentam receber algo que o céu não as prometeu. Vamos diminuir. Vamos esquecer isso de adquirir influência por meio do esforço humano e de uma rede de contatos egocêntrica com o fim de construir um nome e uma plataforma, porque nada disso dura no trono de Deus.

João não ficava ansioso sobre o seu ministério decair. Muitos dos seus discípulos começaram a seguir a Jesus. Conforme Jesus começou a ensinar e fazer milagres, a atenção era para Ele. João sabia que ele não deveria que ele não deveria mais promover algo que o céu não estava mais promovendo. O seu tempo de atividade no ministério estava acabando, e ele precisava diminuir para que o nome de Jesus fosse exaltado. Como amigos do Noivo, devemos imitar a João.

Quanta energia eu e você desperdiçamos buscando algo que Deus não nos deu ou tentando promover algo que Deus não estabeleceu? Vamos encorajar uns aos outros a manter nossos olhos exclusivamente em Jesus, e abandonar nossos próprios esforços para fazer o que Ele estiver fazendo.

Anos de jejum e oração apenas me despertaram mais para a guerra que há dentro de mim — eu sei que amor sincero é certo e que Jesus é digno dele, mas por dentro, uma parte de mim muito real não quer renunciar a mais nada ou buscar nada mais. Estou em guerra dentro de mim. Jesus sabe disso, e Ele sabe como vencer: conquistando meu coração com o Seu amor.

O corpo de Cristo tem uma tarefa peculiar e gloriosa a cumprir, juntos: ser um grupo de João Batistas. Pela graça de Deus, uma geração inteira fará parte do ápice da história. Isso está muito além de nós, muito além de nosso alcance, quase que imaginável. Mas o Noivo está completamente comprometido em nos unir em nosso destino n'Ele e com Ele. Ele faz impossível possível!

Ao seguir em frente juntos, lembrar do que Ele fez no passado, nós crescemos em fé em relação ao que Ele fará no clímax da história. Permitimos que Ele nos tenha, para que nós como Sua Noiva possamos nos apegar n'Ele juntos. Ao fazer isso, somos uma gloriosa testemunha da Sua beleza à vista de toda as nações, a fim de que creiam e se arrependam antes do grande e terrível dia do Senhor (ver Jl 2:11).

DIGNOS DA VOCAÇÃO

A oração de Paulo pelos santos em Tessalônica é uma das orações mais incríveis e surpreendentes no Novo Testamento:

Por isso, também não cessamos de orar por vocês, pedindo que o nosso Deus os torne dignos da sua vocação e cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé, a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vocês e vocês sejam glorificados nele, segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo.
2 Tessalonicenses 1:11,12

O contexto dessa oração é a perseguição da igreja em Tessalônica pelas mãos de homens impiedosos. Notavelmente, Paulo não ora para que eles sejam livrados ou poupados do seu sofrimento. Ele não ora para que ele cesse. Pelo contrário, Paulo está apresentando a ideia de que a fé piedosa e humilde dos santos, que estão sobre grande pressão, será vingada quando eles virem a beleza de Jesus.

Em outras palavras, Paulo entende que o sofrimento deles não será em vão e, na verdade, tudo valerá a pena quando o virem em Sua revelada glória e poder. Além disso, Ele será glorificado com os santos que permaneceram firmes em seu amor e sua devoção a Ele mesmo diante da opressão, do sofrimento e da injustiça. Paulo ora para que eles sejam capazes de cumprir a vocação de suas vidas: exibir, para que todos vejam, através de sua perseverança e amor sacrificial, o incomparável e inigualável valor de Cristo.

A oração de Paulo é para que eles cheguem à plenitude do que eles foram criados: experimentar e expressar o amor profundo, ciumento, ardente e sacrificial de Jesus. Paulo faz uma oração de completa entrega à causa do amor sincero — oração por

maturidade e concordância com os bons planos e propósitos de Deus.

Os cristãos de Tessalônica foram amantes de Jesus Cristos perseguidos e sofredores. Tais dificuldades sempre levantam o questionamento se o sofrimento valerá ou não a pena. Paulo ora para que eles consigam caminhar na plenitude da sua vocação com profunda convicção e poder para vencer toda dúvida, desespero e medo. Ele está orando para que o amor perseverante deles mostre para o mundo o caminho para um melhor Reino e um melhor Rei.

Se Paulo fosse orar algo parecido sobre nós, ele oraria para que pudéssemos caminhar na plenitude da nossa vocação fazendo o que Ele alegremente nos enviou a fazer aqui, de acordo com os Seus propósitos soberanos, e que continuássemos a seguir em frente com profunda convicção e poder revigorado, perseverando naquilo que fazemos juntos.

Em nossa busca pela maturidade espiritual, somos fortalecidos em amor pela nossa declaração diária de que vale e valerá a pena todo o esforço. Suas promessas são dignas de entregarmos nossa vida por elas. Se começarmos a duvidar do valor de nossos sacrifícios pessoais e da nossa obediência, podemos fraquejar, porque apenas levantar a pergunta “Vale a pena?” causa dano em nossos corações. Vale a pena todos os problemas e as dificuldades? Vale a pena suportar a dor, a rejeição e a espera interminável?

Eu creio que do outro lado das dificuldades se encontra um dia espetacular de reivindicação e justificação. Naquele dia, o nome do Senhor Jesus Cristo será glorificado no fiel intercessor, e o fiel intercessor será glorificado n’Ele. Depois que o avivamento aparecer, as finanças forem mexidas, o poder vier e os corpos forem curados, todos lembrarão e honrarão as pessoas simples e humildes que creram em Deus, oraram e jejuaram até Ele vir. Se houver repreensões e acusações contra os muitos, muitos santos fiéis de todo o mundo, que são e foram (e muitos ainda serão) uma parte central do futuro romper de Deus com suas promessas, Ele irá silenciar a todos nos dias por vir, quando Ele reivindicar o Seu nome.

O único jeito de ser achado digno da sua vocação é estar preparado pela graça para resistir e entrar nas promessas de Deus sem se perder no caminho. Você irá precisar de óleo para sua lamparina (ternura e sensibilidade a Deus), a âncora da simplicidade e humildade, e o sonho de amar a Deus de todo o coração com uma entrega genuína. É isso que glorifica a Jesus e o exibe para todas as nações contemplarem — os santos de Deus avançando com firmeza e humildade em direção à tempestade de controvérsia.

Com fé, queremos pedir pelo acompanhamento divino do Espírito Santo a um lugar de entrega; queremos nos perder na grandeza do Seu amor que ainda não tocamos. Esse convite e essa herança maravilhosa pertence a cada membro da família espiritual de Deus que ouve e crê. Vamos nos colocar aos Seus pés e render nossos corações a Ele!

A Igreja Ocidental e Malaquias 4:5-6

Eu acredito que a Igreja no Ocidente está em um estado crítico. Quando olho em volta no corpo de Cristo, vejo duas tendências problemáticas. Primeiro, vejo pastores e líderes envelhecendo, tendo servido fielmente o seu povo, suas congregações e seus movimentos por muitas décadas. Ainda assim, eles não têm filhos e filhas espirituais para quem passar o bastão, ou eles estão financeiramente incapacitados de fazê-lo. Por isso, suas congregações, ministérios e movimentos estão envelhecendo com eles, à beira de se esvaírem da memória em poucas décadas. São pais de sessenta, setenta anos compartilhando sua sabedoria, perspectiva e experiência com audiências de quinze, dezesseis anos. Os homens e mulheres mais novos que desesperadamente necessitam da sua perspectiva sensata e ponderada deles estão em outros lugares, seguindo seu próprio caminho no mundo.

Há um segundo ponto preocupante: em ambos os ambientes denominacionais e não-denominacionais está se tornando cada vez mais comum ver igrejas, à medida que seus líderes se aposentam, colocando seus ministérios nas mãos de líderes muito, muito jovens e inexperientes. O objetivo é assegurar o futuro, estabelecendo uma liderança jovem, que leva a ter membros jovens, famílias jovens,

ministérios de criança vibrantes e mais. (É entendido que, como regra, líderes podem liderar com eficácia pessoas dez anos mais velhas e dez anos mais novas; poucos conseguem liderar um grupo misto de pessoas).

Mundo afora, jovens líderes estão encontrando seu próprio jeito de driblar os sistemas antigos e suas exigências ultrapassadas, liberando jovens líderes para a liderança de ministérios e igrejas. Novas metodologias de plantação de igreja e novos sistemas de marketing permitem que jovens líderes sejam impulsionados à plantação de igrejas bem-sucedidas, sem o atraso das antigas diretorias, dos modelos ultrapassados e da resistência de membros mais velhos.

Igrejas estão sendo plantadas! Igrejas estão crescendo! Jovens líderes estão tendo sucesso! Talvez as coisas que estão morrendo deveriam morrer, então qual é o problema?

Em Malaquias 4:5 o profeta Malaquias prometeu que o Senhor enviaria “o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor”. O Senhor fará isso, de acordo com Malaquias, para converter “o coração dos pais aos seus filhos e o coração dos filhos aos seus pais, para que eu não venha e castigue a terra com maldição” (vers. 6).

Agora, a Igreja no Ocidente se encontra nesse momento crítico. Esse momento chave na história envolve pais e filhos, mães e filhas, e a relação entre as três gerações de fé. Estamos à beira de mudanças econômicas, sociais, morais e sistêmicas que possuem implicações espantosas para o mundo como conhecemos. Nos encontramos com uma necessidade, quase desesperadora, de homens e mulheres com profundidade, experiência, perspectiva e resistência. Pessoas que possam apontar a Igreja para as coisas que realmente importam em um mundo de opções superficiais e um otimismo cultural equivocado.

Jovens-adultos de vinte e poucos anos representam a energia, saúde e o futuro da Igreja. Esses jovens cristãos, guiando suas novas famílias na fé, com paixão, são uma bela e central expressão da vida da Igreja engajando o mundo ao seu redor. Pastores e líderes de trinta, quarenta anos certamente são a força das organizações ministeriais, capazes de liderar, pastorear e organizar

o avanço do Reino, usando seus dons e habilidades para conectar pessoas aos valores que os mantém amando Jesus quando a dor, o desencorajamento e a dificuldade tornam o permanecer em fé extremamente difícil. Pais e mães na fé de sessenta, setenta anos, por sua vez — homens e mulheres com história e profundidade, testados e provados, porém fiéis e sem ofensa — não deveriam ser negligenciados. Suas contribuições são profundamente necessárias para a manutenção da saúde vibrante de comunidades espirituais. Eles servem como a opinião sábia nas discussões dos jovens líderes, que tem opiniões divergentes sobre o sucesso e as coisas que importam.

Em nosso mundo atual, a lacuna geracional aumentou, e a rixa cultural entre os jovens e os velhos conseguiu entrar na Igreja. Os antigos processos de avanço e promoção no mundo profissional mudaram. Jovens de vinte, trinta anos não querem ou não precisam mais da opinião, permissão, experiência ou recursos da geração passada para adquirir riquezas e alcançar o sucesso no mundo moderno. Diplomas avançados não tem mais tanto significado; experiência também não. E o tipo de experiência que conta na atual economia, em meio à avanços tecnológicos impressionantes, pertence à geração mais nova.

Conforme a geração mais nova e a mais velha se envolvem cada vez menos no mundo profissional, mentorias, treinamentos e até perspectivas experientes não estão sendo passadas para frente com tanta frequência. Isso está se tornando verdade na Igreja também; os sistemas antigos de admissão e avanço nos papeis denominacionais estão rapidamente se tornando ultrapassados e irrelevantes. Não existem mais tantos líderes jovens se submetendo a testes de aprovação pelas suas denominações para determinar se estão aptos a servir em suas igrejas e ministérios. A formação em um seminário pode ou não ser um requisito. Muitos líderes jovens que entram no ministério não chegam aos seus cargos de maneira tradicional, mas sim fora das antigas normas.

A grande desvantagem dessa nova expressão da lacuna geracional é quando uma geração declara à outra: “Eu não preciso de você”. Pais e mães de sessenta, setenta anos possuem clareza e sensatez em sua perspectiva, mas líderes de quarenta anos têm

experiência, força e recursos, enquanto isso, líderes de vinte anos têm tempo e energia para correr arduamente com paixão. Quem deveria estar no comando? Para onde você deveria correr? Quão longa é a jornada?

As respostas para essas perguntas e a disposição para executá-las podem estar somente em uma expressão multigeracional da *família*, fundamentada na humildade e profunda gratidão ao Senhor pela Sua misericórdia e graça.

Como envolvemos três gerações de uma vez, nos preparando juntos para a vitória de Deus nos dias por vir? Construímos juntos uma cultura de oração. Fazemos isso em nossas casas, com nossas famílias. Buscamos por Jesus nas lacunas dos nossos dias, nos espaços vazios, enquanto nos movemos. Buscamos juntos. Ouvimos juntos. Falamos sobre Deus juntos. Mantemos nossos corações vivos enquanto vemos o Bom Pastor construir a família de Deus em todo o mundo.

É importante reiterar que Deus deseja uma *família que ora*, engajada com o Seu coração. O tipo de família espiritual que devemos construir juntos, como dito anteriormente, envolve a cultura de oração. Novamente, e mais importante, uma cultura de oração é construída sobre o fundamento de conhecer a Deus e ser amado por Ele.

Para revisar, ao ensinar a Sua Igreja como orar, Jesus nos deu um modelo de oração baseado em como Deus é e na natureza do Reino (ver Mt 6:9-13). O modelo de oração de Jesus cobriu todas as bases fundamentar que se expandem ao longo das Escrituras. Ele nos falou sobre as coisas que devemos ter como centrais em nossa busca por crescer em oração.

Enquanto oramos, devemos intencionalmente separar um tempo para lembrar quem Ele é de acordo com a Sua Palavra. Nossa adoração e amor por Jesus nunca serão maiores do que o conhecimento d'Ele. A revelação de Deus e o seu resultado — a inevitável fascinação por Ele — são o próprio fundamento do movimento de adoração. Por isso, manter o esforço que leva para se aprofundar no conhecimento de Deus é a chave para sustentar uma cultura de oração.

Quando conhecemos a Jesus como Ele verdadeiramente é, faz sentido adorá-lo continuamente, não importa o custo.

O Senhor é digno de adoração incessante no céu e na terra. Ele deseja ser adorado na terra como no céu. A adoração é primordial porque Jesus é preeminente. Adoração é o meio e o fim. É o objetivo final da Igreja e de todas as suas missões.

A beleza infinita de Jesus é suficiente para garantir a adoração extravagante e contínua da Sua Igreja. Afinal de contas, é por isso que a multidão de anjos o adora; eles não o adoram pelos motivos limitados de muitos de nós, como ter sido perdoado dos pecados, fisicamente curado ou ter obtido providência financeira. Eles veem somente uma coisa: Sua grandeza.

E todos os que encontram Sua beleza responderão em adoração — podemos ter certeza disso.

CONCLUSÃO

Ao longo deste livro, tenho me embasado em várias premissas que eu creio serem verdades. Primeiro, tenho uma forte convicção de que estamos vivendo em uma das gerações mais únicas da história. Espiritualmente, biblicamente, sociologicamente, politicamente, economicamente e muito mais, nunca houve uma geração como essa. Isso é verdade, como vimos, no lado positivo da oração, de missões e na obra do Espírito Santo pelo mundo. Também é verdade, como tentei apresentar, no lado negativo do pensamento e expressão anticristãos pelo mundo, que buscam a conformidade ou a eliminação do cristianismo como conhecemos hoje. Nós chegamos, a meu ver, em um momento unicamente gloriosos e perigoso da história.

Também creio que os melhores dias para o corpo de Cristo ainda estão por vir. Tenho uma forte convicção que o maior avivamento da história está vindo, e que milhões de almas serão trazidas poderosamente ao Reino de Deus pela demonstração de poder do Espírito Santo sem precedentes.

Essa não é uma visão única. Há muitos que estão proclamando ideias similares recentemente, e isso me encoraja muito.

O que é único, a meu ver, é minha próxima premissa: que o avivamento global causará uma explosão de abalos globais nas nações e tribulação para a Igreja como nunca vimos, cuja amplitude é impossível de acreditar. Porém, essa premissa é baseada no que a Bíblia mostra. As Escrituras são claras ao declarar que a fúria das nações e os julgamentos do Senhor estão adiante de todos nós.

Portanto, estou convencido de que momentos extremos exigem medidas extremas. Não podemos continuar vivendo como se o amanhã fosse ser como o hoje. Não podemos fingir que o mundo não está ficando mais tenebroso e revoltado. Posso ver que a raiva está tomando forma dentro da Igreja, não só fora dela. Não podemos manter tudo como está e nos contentarmos com

meramente colocar um sorriso no rosto com uma mensagem feliz. Isso simplesmente não será o suficiente.

Acho irresponsável profetizar “Avivamento!” e não fazer nada para preparar a próxima geração para isso. Acho irresponsável proclamar esperança e positividade e não fazer quase nada para alertar os santos sobre a severidade dos tempos e não os equipar para dar a resposta necessária. O momento está propício para respostas fervorosas que nascem da oração persistente. Os dias que há tempos vejo se aproximar de nós estão aqui. O futuro é agora, e dias escuros e turbulentos estão à nossa frente.

Até mesmo agora, com a incerteza econômica e a dificuldade começando a se desdobrar pelo mundo, enquanto lidamos com uma crise mundial sem precedentes, vozes positivistas bem intencionadas buscar libertar os cristãos do desconforto e do lamento. O objetivo final pode ser instigar a fé, mas o meio usado para este fim é, sem querer, um triunfalismo. Essa narrativa pode nos deixar otimistas e cegos ao invés de sensatos e orantes.

Sou grato por aqueles que leram essas palavras e buscaram o Senhor. Essa, na sua bela simplicidade, deveria ser nossa reposta. Devemos pedir ajuda a Ele, e Ele está animado e alegremente satisfeito em nos ajudar.

Isso continua sendo minha maior esperança e encorajamento mais profundo. O Pai, que nos ama além da nossa imaginação, definitivamente está agindo. A sua obra é perfeita. Ele está nos ajudando a estarmos prontos para os dias por vir, bem como para os dias que já estão sobre nós. Não há ninguém como Ele. Fico demasiadamente maravilhado e completamente grato pelo fato d’Ele estar no comando.

Quero dar a vocês dois últimos vislumbres no nosso futuro antes de irmos. O primeiro se encontra na carta de Paulo aos Efésios:

“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de pessoa madura, à medida da estatura da

plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como crianças, arrastados pelas ondas e levados de um lado para outro por qualquer vendo de doutrina, pela artimanha das pessoas, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem-ajustado e consolidado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio crescimento para a edificação de si mesmo em amor."

Efésios 4:11-16

Esse é o nosso futuro: a família de Deus — de toda tribo, língua e nação, denominação e contexto cultural — chegando à unidade da fé e do conhecimento de Jesus, para sermos plenamente maduros n'Ele e cheios de amor uns pelos outros. Antes dessa corrida acabar, iremos desfrutar e celebrar uns aos outros sem rixa, comparação ou competição.

Por fim, os deixo com o seguinte:

Então ouvi o que parecia ser a voz de uma grande multidão, uma voz como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo: "Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe glória, porque chegou a hora das bodas do Cordeiro, e a noiva já se preparou. A ela foi permitido vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro." Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos. Então o anjo me disse: - Escreva: "Bem-aventurados aqueles que são chamados À ceia das bodas do Cordeiro". E acrescentou: - São estas as verdadeiras palavras de Deus.

Apocalipse 19:6-9

Amém.

SOBRE O AUTOR

DAVID SLIKER é líder sênior na base missionária International House of Prayer (IHOP) em Kansas City, Missouri, há dezoito anos. Servindo com a sua esposa, Tracey, e seus quatro filhos, Riley, Lauren, Daniel e Finney, sua vocação ministerial primária é como intercessor. Além disso, ensina internacionalmente, equipando os santos am oração, poder do Espírito Santo e paixão pela Palavra de Deus e a proclamação da volta de Jesus. Ele é o vice-presidente da International House of Prayer University (IHOPU), onde ensina sobre oração e intimidade com Jesus, missões, estudo bíblico e a volta de Jesus. Ele é o autor de “Fim dos Tempos Simplificado: preparando o seu coração para a tempestade que se aproxima” (Base Livros).

NOTAS

Capítulo 1 - Se Preparando Agora Para Se Engajar no Futuro

1. Martin Luther King Jr., “Para onde vamos?” discurso proferido na Conferência da Liderança Cristã do Sul, em Atlanta, Geórgia, em 16 de agosto de 1967.

Capítulo 2 - A Justiça Diniva e a Volta de Jesus

1. Fred R. Shapiro*, The Yale Book of Quotations* (New Haven, Conn.: Yale University Press, 2006), p. 724.
2. John Keegan, *The First World War* (New York: Knopf Doubleday, 2000),
   p. 9–10.
3. Ver Daniel 7:25; 8:23; Mateus 24:9–13; 2 Timóteo 3:1–9; Apocalipse 17:6.

Capítulo 3 - Três tempestades que Irão mudar o mundo

1. Apocalipse 17-18 expande sobre essas ideias, mas é importante notar que esses capítulos são construídos com base em um número significativo de profecias do Antigo Testamento, tais como Isaías 13–14; 21:1–10; 43:14–17; 46–48; Jeremias 50–51; Daniel 11:21–45; e Zacarias 5.
2. Apocalipse 9:20-21 seria um exemplo chave do retrato da cultura de impiedade que cria raízes nos dias que antecedem a vinda do Senhor.
3. Arthur Wallis, *In the Day of Thy Power: The Scriptural Principles of Revival* (Fort Washington, Penn.: CLC Publications, 2010), p. 23.
4. Ibid., p. 27.

5. Adaptado de uma palestra de David Pawson: "*Romans 1:18–31, Part 1, A507, Romans*" (Hudson, Mass.: Good Seed Ministries, n.d.), http://www.goodseed.org.

Capítulo 4 - A tempestade vindoura de avivamento

1. Ver, por exemplo, 1 Samuel 2:8; Daniel 7:13–14, 21, 27; Mateus 5:5; Mateus 19:14.
2. Ver João 3:29; 2 Coríntios 11:2; Efésios 5:31–32; Apocalipse 19:7–9; Apocalipse 21:2, 9–11.
3. Ver Gênesis 31:8; Números 11:17; Juízes 6:34; 14:6; 15:4; 1 Crônicas 28:12.
4. Outras passagens também falam sobre isso, por exemplo, Apocalipse 6:1227.
5. Ver Mateus 23:37–39; 24:14; Lucas 18:1–8.

Capítulo 5 - a tempestade vindoura de fÚRIA

1. Ver, por exemplo, Salmos 46:6; Isaías 26:20–21; 34:1–17; Jeremias 25:15–38; Zacarias 14:1–3.
2. Ver Salmos 2:7.
3. Ver Salmos 72:15; Isaías 11:1–2.
4. Ver 1 Tessalonicenses 5:3.
5. Ver Salmos 12.
6. Estou tirando o termo "vingança" de 2 Tessalonicenses 1:7–10, que diz, em parte: "quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder, Com labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; Os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, longe da face do Senhor e da glória do seu poder, Quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável naquele dia em todos os que crêem"
7. Ver Apocalipse 3:12; 21:2, 9–10, 22; 2 Timóteo 2:4.

Capítulo 6 - A TEMPESTADE VINDOURA DE TRANSTORNO POLÍTICO E ECONÔMICO

1. Ver Atos 19:18–19. Se, como alguns especularam, eles queimaram livros que valiam 50 mil talentos de prata ao invés de denários de prata, então eles queimaram o equivalente a 1, 5 bilhões em livros de feitiçaria.
2. Como disse Jesus, onde está seu tesouro, ali está o seu coração. (ver Mateus 6:21).

Capítulo 7 - O NASCIMENTO DA NARRATIVA CULTURAL

1. Glenn S. Sunshine, *Why You Think the Way You Do: The Story of the Western Worldviews from Rome to Home* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2009), p. 114.
2. A declaração de Descartes pode ser contrastada com o ponto de vista bíblico expressado por apóstolo Paulo: “Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos” (Atos 17:28). O autor de Hebreus declarou que todas as coisas são sustentadas pela palavra do Seu poder (ver Hebreus 1:3)
3. Sunshine, p. 129.
4. G. K. Chesterton, “*Anti-Religious Thought in the Eighteenth Century*” em *The Spice of Life and Other Essays* (fora de circulação, mas pode ser encontrado no site da *Society of Gilbert Keith Chesterton*, 2019, https://www. chesterton.org/anti-religious-thought).
5. Sobre isso, Voltaire foi uma voz que cedo alimentou uma expressão de Salmos 2 na Europa e isso é de grande relevância para nos lembrarmos hoje.
6. Steven Nadler, *“Baruch Spinoza,” The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Primavera edição de 2019, editado por Edward N. Zalta, https://plato. stanford.edu/archives/spr2019/entries/spinoza/.

Capítulo 8 - a EXPRESSÃO MODERNA DA NARRATIVA CULTURAL

1. Rogier Creemers, ed., “*Planning Outline for the Construction of a Social Credit System* (2014–2020),” China Copyright and Media, postado em Junho 14, 2014 e atualizado em Abril, 25, 2015, https://chinacopyrightandmedia.wordpress.com/2014/06/14/planning-outline-for the-construction-of-a-social-credit-system-2014-2020/ (do

documento do governo: "*State Council Notice Concerning Issuance of the Planning Outline for the Construction of a Social Credit System* (2014–2020)").

2. Amanda Lee, "*China's Credit System Stops the Sale of over 26 Million Plane and Train Tickets*," South China Morning Post, Abril 18, 2019, https:// www.scmp.com/economy/china-economy/article/3006763/chinas-social-credit-system-stops-sale-over-26-million-plane.
3. Gustavo Gutiérrez, *The God of Life* (Maryknoll, N.Y.: Orbis, 1991), p. 112.
4. Stephen Thomas Kirschner, "*Cultural Marxism: The Origins of the Present-Day Social Justice Movement, and Political Correctness*," The Policy, Fevereiro 14, 2017, https://thepolicy.us/cultural-marxism-the-origins-of-the-present-day-social-justice-movement-and-political-correctness-ffb89c6ef4f1.
5. Ibid.
6. Ibid.

Capítulo 9 - O CAMINHO DA VITÓRIA E DA REDENÇÃO

1. Ver Mateus 16:1–4; 24:32–44; Lucas 19:41–44; 21:34–36.
2. Ver Mateus 24:36, 42–44, 50; 25:13; Marcos 13:33–38; Lucas 21:36; Apocalipse 16:15.
3. Ver 2 Coríntios 1:21; 1 João 2:20, 27.
4. Termo utilizado na internet para se referir as pessoas que criticam outras de forma odiosa e sem muito critério. (N.T.)
5. Ver Gálatas 1:4; 1 Coríntios 1:20; 2:6–8; 2 Coríntios 4:4; Efésios 2:2; Tito 2:12.

Capítulo 10 - PREPARANDO A PRÓXIMA GERAÇÃO

Mateus 18:3; Marcos 10:15; Lucas 18:16.

2. Sanctus Augustinus, Enarratio in Psalmum 72, 1: CCL 39, 986 (PL 36, 914).
3. Andrew Fletcher, Um trecho de uma conversa sobre a regulamentação correta dos governos para o bem maior da humanidade, em uma carta para o Marquês de Montrose, *the Earls of Rothes*, Roxburg e

Haddington, Londres, Dezembro 1, 1703 (Farmington Hills, Mich.: Gale ECCO eighteenth century collections, [edição impressa, 2010], publicado originalmente em Edimburgo, 1704), n.p.

4. A. W. Tozer, *Knowledge of the Holy* (New York: HarperCollins, 1978), p. 5.
5. Ver, por exemplo, Isaías 56:7; Amós 9:11; Atos 15:6–29; Efésios 3:1–21; 6:18; Apocalipse 7:9–17.
6. Esse é o plano sobre o qual o apóstolo Paulo desenvolveu de forma extensa para o corpo de Cristo, no livro de Efésios.